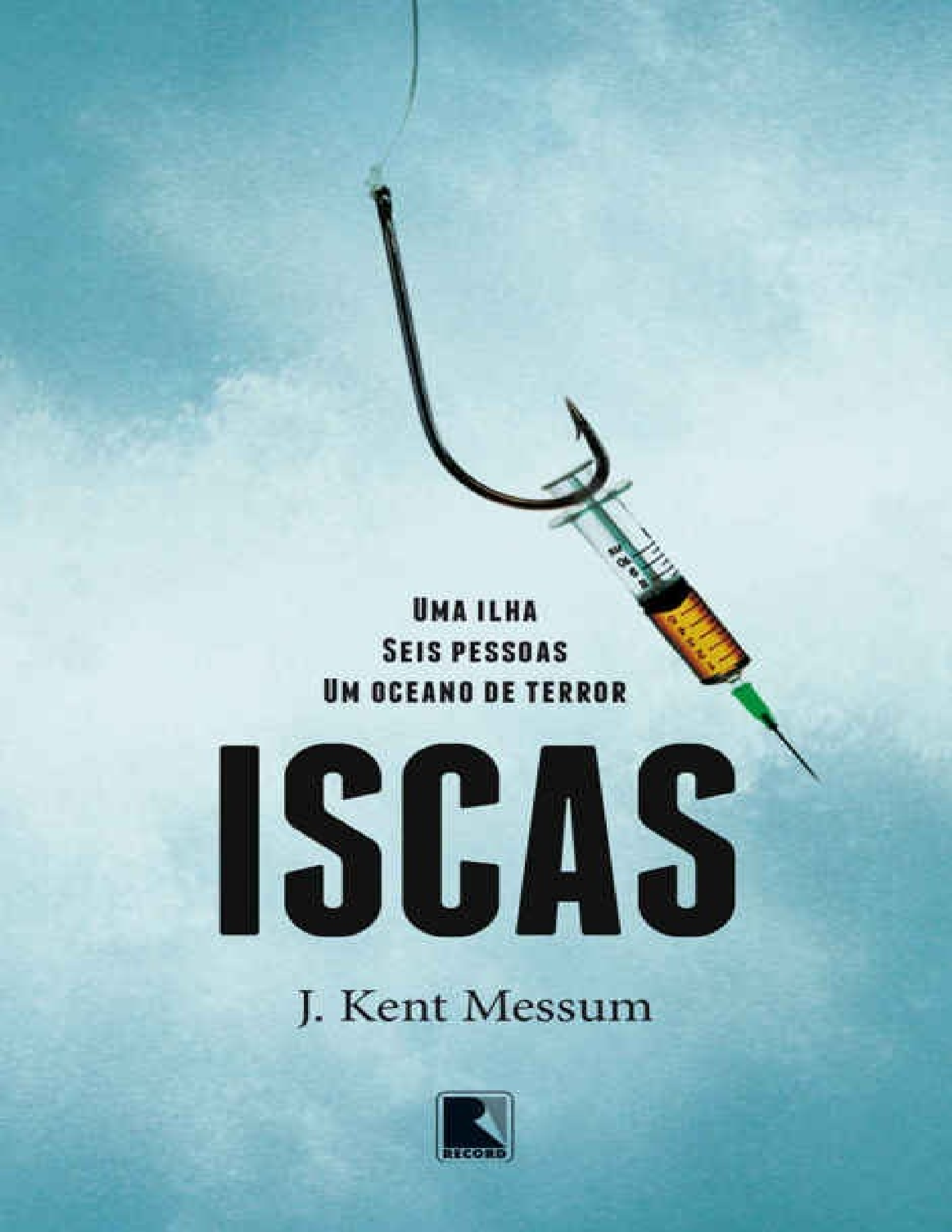

UMA ILHA
SEIS PESSOAS
UM OCEANO DE TERROR
ISCAS
J. Kent Messum
RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



J. Kent Messum

ISCAS

Tradução de
FLÁVIA CARNEIRO ANDERSON

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M547i
Messum, J. Kent, 1979-
Iscas [recurso eletrônico] / J. Kent Messum ; tradução Flávia Carneiro Anderson. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2015.
recurso digital
Tradução de: Bait
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
prólogo, epílogo, agradecimentos,
ISBN 978-85-01-10441-0 (recurso eletrônico)
1. Ficção canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Anderson, Flávia Carneiro. II. Título.
15-21705

CDD: 819.13
CDU: 821.111(71)-3

Título original em inglês:
BAIT

Copyright © J. Kent Messum, 2013

Copyright da tradução © 2015, by Editora Record LTDA.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo

ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10441-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Kara

Prólogo

SEIS MESES ANTES

Tick McCabe tinha certeza de que ia conseguir. O litoral parecia frustrantemente próximo. Faltavam menos de 100 metros, e ele ainda sentia ter forças para continuar, apesar de tudo o que havia enfrentado. O mesmo não se podia dizer dos outros. A sorte deles tinha acabado. Fazia alguns minutos que Tick não ouvia os gritos abafados pela água.

Que se danem, pensou ele. *Melhor pra mim.*

Escolheu um dos rochedos da praia e, nadando crawl, foi na direção dele com toda a energia que lhe restava. Só que não pareceu progredir. Tinha chegado ao seu limite, os braços doloridos cortando as ondas, as pernas retesadas batendo, os pulmões exauridos ansiando por ar. A água gelada penetrava nos seus canais auditivos, e o sal fazia seus olhos arderem.

Você tá quase chegando. Precisa se concentrar no prêmio.

Atrás dele, o som de gargalhadas ecoou. Vaias e zombarias conspiravam para minar sua autoconfiança. Em meio às borrifadas de água e às respirações, ele conseguiu discernir

com clareza as provocações, que diziam tudo o que não queria saber. Então, virou-se para nadar de costas, enchendo os pulmões de ar.

— Vão pro inferno, seus filhos da puta!

Esperava ouvir uma enxurrada de insultos, mas a gritaria cessou. Em vez disso, fez-se um estranho silêncio e não se ouviu mais nada, por incrível que parecesse. Então, houve novo alvoroço e algo grande e áspero esbarrou na lateral do seu corpo, levando-o a oscilar na água e a gritar. Uma mancha indistinta com listras de tom azul e cinza despontou na superfície e preencheu o canto dos olhos dele, para então sumir em instantes. Tick ficou nadando no mesmo lugar, na vertical, perscrutando freneticamente as ondas. Daquela vez fora atacado por um dos grandes. Tinha certeza disso.

— Merda, merda, merda.

Fora o terceiro tranco que levara na água. E aquele tinha sido mais forte e intenso que os outros. Na certa, a última investida inquisitiva. Assim que a curiosidade fosse saciada, ele seria, sem sombra de dúvida, arrastado para o fundo.

Tão perto.

Ele voltou a nadar crawl, desesperadamente. Precisava de mais tempo, talvez de uns dois ou três minutos. Se, dentre tudo, conseguisse ao menos isso. A ironia deixou um gosto amargo na sua boca. Tick tivera todo o tempo do mundo na vida. Mas, naquele momento, contava com pouquíssimo, que fora minguando nos últimos dias, ao longo dos quais ele vinha recorrendo cada vez mais a quantias emprestadas.

Quase lá.

Tick tentou se concentrar em outra coisa, algo que desviasse sua atenção do que estava na água junto com ele. Lembranças confusas e meias verdades o distraíram um pouco, tantos

arrependimentos, tantos erros. Se ao menos tivesse escutado, se tivesse entrado à esquerda e não à direita numa bifurcação da estrada, se não estivesse sempre chapado e com uma tremenda ressaca, talvez tudo fosse diferente agora.

Para. Se concentra. Você consegue. A tua vida depende disso.

Mas ele não conseguia se concentrar. Vinte e sete anos e metade deles desperdiçados. Já fazia algum tempo que estava no fundo do poço. E, ao que tudo indicava, não ia sair dele, não. Não restava alternativa exceto a imersão ainda maior, o afundamento do seu corpo debilitado e pesado sob as cicatrizes de uma vida irremediavelmente arruinada. Até mesmo as pessoas que ele julgara próximas estavam distantes. Era por isso que o chamavam de Tick, no fim das contas. Não passava de um carrapato para as pessoas.

Não falta muito agora.

Tick é o caralho. Seu nome era Gerald. Gerald Francis McCabe. Não conseguia tirar isso da cabeça. De repente, seu nome completo e verdadeiro lhe pareceu importante, fundamental até, para sua corporalidade. Era seu verdadeiro eu, a identidade real de muito tempo atrás, o nome que seu pai e sua mãe tinham lhe dado, o nome que seus irmãos e suas irmãs, seus amigos e suas amantes usavam. Há quanto tempo não falava com alguém que o chamava pelo nome?

Quase...

Algo agarrou seu pé direito e o puxou para baixo. Tick submergiu, engolindo água salgada e se recusando a abrir os olhos, conforme algo vigoroso o sacudia com violência sob a superfície. Lutou com todas as forças, agitando os braços e girando a perna, agarrada com ferocidade. Chutando com o outro pé, ele atingiu algo que não gostou de ser atingido. Após outra sacudida violenta, um estalo ressoou, e ele conseguiu se

desvencilhar, a liberdade chegando a um custo doloroso. Emergiu, desesperado por ar. Sons de gargalhadas próximas chegaram até ele. Tick tentou continuar nadando, mas a perna direita não parecia responder tão bem quanto antes. Um rastro cor de vinho foi se espalhando atrás dele, conforme batia os pés e os braços. Vultos de tom esbranquiçado e cinzento passavam serpenteantes em meio à mancha. Tick boiou e levantou a perna direita, acima da água.

— Ah, meu Deus! — exclamou.

O pé já não estava mais ali. O que sobrou foi um toco mutilado, com pedaços de pele oscilando em cima da carne despedaçada, o osso exposto, reluzindo. A água salgada fez a lesão arder. Tick deu um berro tão desesperado que quase se sufocou.

— Ah, meu Deus do céu. Só mais um minuto. Só precisava disso. Mais uma porra de um...

Ele submergiu outra vez, puxado pelo outro pé. Tick se debateu na tentativa de se libertar, golpeando dolorosamente o que o agarrava com o toco recém-formado. Num piscar de olhos, o pé esquerdo foi arrancado do seu corpo. O rapaz abriu os olhos e viu todas as formas e cores indistintas que desejava não estarem ali. A mais volumosa de todas começou a ir em sua direção.

Gerald Francis McCabe, pensou. *Foi quem eu fui...*

Foi atacado de todos os ângulos e com todo tipo de força. O sangue jorrava caudaloso à sua volta. Tick não voltou à superfície. Perto dali, garrafas de cerveja tiniam, charutos mantinham-se acesos e uma quantia considerável de dinheiro trocava de mãos.

Parte 1

NA FISSURA

1

HOJE.

Que sonho incrível.

Marolas batendo na areia, gaivotas grasnando, o calor escaldante no rosto. Tudo deveria tê-lo convencido do contrário, mas ele tinha certeza de que fazia parte de um sonho vívido. A luz do sol perpassava pelas suas pálpebras, iluminando a escuridão em que ele estava, embora ele não conseguisse acordar. Preso no crepúsculo dos pensamentos emergentes, sentia o peso do corpo pressionar a areia. Uma brisa suave encrespava seus cabelos e suas roupas. O ar fresco enchia seus pulmões, e a maresia dançava em suas narinas. Ele sentia os braços ficarem arrepiados conforme os grãos de areia o pinicavam. Tudo era de uma nitidez impressionante e animadora. Usando paradas das boas, ele já tinha feito viagens fantásticas antes, mas nunca daquele jeito tão real. Nem de perto.

O melhor barato que eu já tive até agora.

Então ele se deu conta de que tinha um lance errado naquele

devaneio, uma terrível ausência de euforia que não podia ser atribuída ao pó de anjo. Sentiu um vazio enervante. Nash Lemont se encheu de dúvidas. Onde estava o verme de dentro da sua cabeça?

Isto aqui não é sonho, não.

Uma clareza cada vez maior foi minando o que lhe restava de letargia. Qualquer semelhança com um sonho foi se partindo em pedacinhos, como uma casca de ovo quebrada antes da hora, deixando em seu interior uma sobriedade malcozida. Nash aos poucos sentiu cada parte do corpo sair da inércia. Moveu os pés em busca do colchão. As mãos procuraram os lençóis. Os ouvidos tentaram detectar os sons da cidade. Os olhos se abriram, para então se semicerrarem por causa dos raios de sol.

Ele rolou na areia, tentando sair do estado de estupor, e pigarreou, abrindo com dificuldade os olhos avermelhados. Não conseguiu discernir muita coisa. À sua frente se estendiam manchas azuladas e esbranquiçadas, com matizes em tons amarronzados e esverdeados. Na parte central dessa visão havia uma figura sombria, de ombros encurvados.

— Porra, você tá parecendo como eu me sinto — comentou alguém em tom de voz agudo.

— Hein?

Nash se apoiou nos cotovelos, pestanejando para ver melhor. Olhou de novo para a figura, tentando colocá-la em foco. O vulto se moveu e se inclinou. Era uma pessoa magra, com pele branca encardida. Mechas grossas e longas de cabelo cobriam seu rosto. Os traços escondidos e a postura de gárgula deixaram Nash pouco à vontade. Ele tirou a areia grudada na bochecha suada e olhou ao redor, fazendo uma varredura de 180 graus. O que escapuliu de sua boca mal foi um resmungo.

— Onde...?

À sua frente, num ângulo de 120 graus, o capim alto formava uma cerca natural ao longo do litoral. Ele seguiu sua linha de visão para a direita, passando ligeiramente da área divisória verde. O que viu o deixou pasmo. Mas não foi a inusitada praia de areias brancas que assustou Nash Lemont, e sim os outros corpos largados na areia.

2

TRÊS DIAS ANTES.

O que assustou Nash foi a quantidade de porcarias genéricas que ele estava colocando no cesto do supermercado nos últimos dias. Teve uma época, não muito distante, em que ele teria insistido em incluir algumas marcas conhecidas nas compras. Com certas coisas não dava para vacilar: ketchup, mostarda, maionese, macarrão com queijo e talvez margarina. Mas, de uns tempos para cá, ele só buscava os produtos mais baratos, trocando o primo rico pelo primo pobre. Pegou um frasco de ketchup.

— Heinz — leu, examinando o rótulo. — Não tem outro igual.

Mas havia outros, sim, por menos da metade do preço. Os nomes eram suspeitos — ele nunca nem ouvira falar deles. Alguns tinham inscrições nos rótulos em línguas que Nash nunca vira.

Uma parada qualquer do Oriente Médio ou da Indonésia, pensou ele, enquanto jogava um deles no cesto.

Aquelas excursões ao supermercado faziam Nash se sentir

quase patético. Seus míseros tostões atuais não chegavam aos pés do que costumava ganhar em outros tempos. Seus olhos ficaram marejados quando ele se deu conta da dura realidade. Examinou as marcas de manteiga de amendoim em promoção, granulosas e gordurosas, destinadas aos pobretões.

— No fundo do poço — resmungou ele.

O tempo todo ele estava inacreditavelmente duro, aquela era sua triste realidade. Quando tinha a sorte de arrumar grana, ela só ficava em sua carteira umas horinhas antes de ele gastá-la em bebidas ou injetá-la no braço. Quanto mais pensava naquilo, mais fodido se sentia. A vergonha pesava no seu ventre como chumbo e deixava seu coração apertado. Nove entre dez viciados nunca se recuperavam. Nash nunca gostara daquela estatística.

Não tinha muita gente nos corredores. Ele perambulou para um lado e para o outro, aproveitando o ar-condicionado do supermercado, um luxo do qual não mais usufruía em seu apê, devido à sua eterna necessidade de dinheiro vivo. Era bom contar com aquele alívio do sol escaldante de Miami. O meio-dia castigava até mesmo a galera bronzeada. Nash olhou para o pulso para ver que horas eram e descobriu que o relógio não estava mais ali também. Ficou perdido por um instante, até a ficha cair. Tinha vendido para o seu supervisor, por míseros 10 dólares.

Nash pegou um frasco de picles kosher e, quando deu por si, estava inspecionando os próprios dedos e não a conserva. Pareciam macilentos e curtidos, a pele tão descorada que mal parecia rósea. A unha de um dos polegares estava preta e arroxeada. As articulações apresentavam feridas também. Ele pressionou a unha escurecida com a ponta do indicador. Uma dor lancinante se espalhou por suas terminações nervosas.

Será que o meu dedo ficou preso numa porta ou numa parada dessas?, perguntou-se, tentando se lembrar. *Será que eu dei porrada em alguém?*

Não fazia a menor ideia. Ele recolocou o frasco na prateleira e, então, notou que um cara o observava. No final do corredor, parado na frente das prateleiras de sopa enlatada, o sujeito o examinava. Nash olhou para ele de cara feia. O homem virou o rosto, impassível.

— Eu não sou o seu tipo, não, sua bichona — resmungou Nash, dando meia-volta.

Foi até a seção de comida congelada, onde ficou azarando as pernas bronzeadas e o short cortado de uma colegial para reconfirmar sua heterossexualidade. A garota tinha o corpo sarado e firme, com peitos que lembravam duas maçãs do amor sob o top, e estava com a barriga de fora. Apesar de toda aquela sensualidade, ela ainda transmitia uma aura de inocência, como se não tivesse acomodado mais do que um ou dois pênis em sua curta vidinha. Era o tipo de garota de que Nash mais gostava, as quase virgens, aquelas a quem ainda se podia ensinar e conduzir no quarto. Esperou ansioso que seu pau endurecesse dentro da calça. Mas não foi o que aconteceu.

No próximo pedido, melhor incluir Viagra também, pensou. *Fala com o Pablo, de repente o cara tem uns sobrando.*

A garota sentiu que Nash a observava e se afastou, deixando-o fitar a pilha de pizzas detrás da porta de vidro do freezer. Ele só tinha vinte pratas para gastar com comida naquela semana. Em sua cesta havia basicamente pacotes de macarrão instantâneo e sopa enlatada. Nash também tinha colocado algumas laranjas e algumas cenouras: uma esquisitice entre as outras mercadorias, mas uma nova necessidade nos últimos tempos. Semanas atrás, seu amigo Roon tinha se queixado dos

dentes moles para a enfermeira de uma clínica. Acabou descobrindo que estava com escorbuto, porque fazia meses que não comia frutas nem verduras frescas. Nash nem se lembrava da última vez que tinha comido um troço nutritivo.

Ele perscrutou detrás dos vidros embaçados, avaliando as refeições de micro-ondas e as sobremesas. Como a maioria era cara demais, Nash voltou para a seção dos rangos mais baratos, na qual tinha deparado antes com seu admirador, que, por acaso, havia vazado. Soltou um suspiro de alívio, jogou três latas de atum na cesta e se dirigiu ao caixa. Estava parado na fila do caixa rápido, traçando os planos para conseguir um desconto na próxima transação, oferecendo uma de suas antigas guitarras acústicas como garantia, quando avistou seu admirador, ainda no supermercado e ainda interessado.

O sujeito estava em outra fila, alguns caixas de distância, e o encarava, segurando uma caixa de leite. Os dois se entreolharam por três longos segundos, enquanto Nash o examinava detalhadamente daquela vez: corte à escovinha, barba feita, cara de poucos amigos e nem um centímetro de gordura a mais. Tinha um ar beligerante que ele não pôde ignorar.

Agente antidrogas, concluiu Nash. *Caralho.*

Nash estava com certa mercadoria. Não muito, mas o suficiente para aumentar a sua ficha suja e tirá-lo de circulação por anos, não por meses. A mulher na frente dele pagou as compras e se mandou. Tinha chegado a vez dele. A saída de porta dupla estava a menos de 20 metros, à direita dele. Pensou em sair correndo por ali.

Pela frente não. Devem estar de olho na entrada.

Nash colocou a cesta na esteira rolante e revirou os olhos.

— Caramba, eu me esqueci do leite — disse ele para a

atendente. — Vou buscar rapidinho. É lá na parte de trás, né?

A moça não respondeu, apenas pestanejou, mostrando os cílios com rímel roxo e mascando chiclete.

— Espera um minutinho aí — continuou Nash.

Ele saiu andando depressa, passou pela fila e depois pelo corredor, direto para os fundos do supermercado. Uma placa em que se lia SOMENTE FUNCIONÁRIOS, pendurada numa porta de metal com um guichê gradeado, chamou sua atenção. Nash irrompeu por ali sem pensar duas vezes e ouviu um rapaz do estoque gritar com ele protestando contra a invasão. Atravessou o setor de cargas e escapuliu por uma saída de emergência em instantes.

Não pare nem por um segundo, pensou. *Não ouse.*

Ele abriu caminho pelo beco, pulando caixas e derrapando, olhando para trás, por sobre o ombro, durante todo o percurso. Foi tomado por um pânico que nunca tinha sentido, até aquele dia.

3

HOJE.

Nash se levantou de supetão, em pânico, jogando areia para tudo quanto era lado. Os corpos de dois homens e de uma mulher jaziam imóveis à sua frente. Um dos homens era negro, o outro, branco, e a mulher, se Nash não estivesse enganado, era hispânica. Supôs que estivessem mortos, mas logo percebeu que ainda respiravam, por causa do movimento dos diafragmas.

— Eles estão vivos — constatou a figura agachada atrás dele. — Só não sei se isso faz alguma diferença pra gente.

A voz parecia irônica e longínqua, como o som de uma mensagem indistinta de megafone a um quarteirão de distância. Nash a ignorou e continuou a inspecionar aquele ambiente novo e estranho. Fosse qual fosse aquele lugar, ele não fazia a menor ideia de como ou por que chegara ali.

— ... merda está acontecendo aqui? — perguntou ele, enxugando o suor e tirando areia do rosto.

A pessoa não disse nada. Nash tentou lembrar, sem sucesso.

Não se recordava nem mesmo da última vez que estivera numa praia. Ele já não conseguia se lembrar com facilidade. Um dos vários efeitos colaterais do seu estilo de vida era a destruição das células nervosas, e já fazia um tempão que as dele vinham sendo eliminadas. Suas lembranças careciam de profundidade e detalhes.

— Onde...?

O choque de estar naquele lugar, a confusão mental, tudo aquilo era quase insuportável. Nash sentiu náusea, os músculos do rosto enfraqueceram, e um jorro de vômito aguado subiu pela sua garganta. Ele cruzou as mãos atrás da cabeça, os dedos puxando os cabelos; em seguida, assobiou de dor e lutou para se concentrar.

— O que é que... o que é que a gente tá fazendo aqui?

Nash jogou a cabeça para trás e respirou fundo, na tentativa de controlar o pânico que crescia em seu âmago. O sol estava quente e alto no céu, levando a crer que era meio-dia. A figura começou a balançar acocorada, chamando a atenção de Nash. Movimentava-se de um jeito compulsivo, insano, dando a entender que podia ser uma doente mental ou uma vítima em estado de choque. Nash receava ambas as alternativas.

— Quem é você? — perguntou ele, dando um passo para trás.

A pessoa pigarreou e cuspiu, lançando um projétil que formou um buraquinho na areia. Nash tomou aquilo como um tiro de advertência, mas não se importou. Desafiou-a com o próprio escarro, lançando-o entre ambos.

— Você tem nome?

Nash considerou completar a pergunta com um *babaca*, mas mudou de ideia. Não era hora de ser arrogante e, a julgar pela situação até aquele momento, seria estupidez fazer inimigos.

Começava a ficar claro que a criatura agachada era uma mulher, embora feia. A voz estridente dava a entender que devia ser jovem, mas o tom destemido deixou Nash na dúvida. Ele a observou com atenção e percebeu a curva do seio sob a camiseta suja da Harley-Davidson. A mulher examinou a mecha de cabelo emaranhado diante do rosto e não respondeu. Nash falou mais alto.

— Ei, eu tô falando com você.

O pigarro ressoou na garganta da mulher e ela cuspiu de um jeito mais ameaçador, daquela vez na direção de Nash, lançando um escarro a centímetros dele.

— Meu nome é Nunti — respondeu a mulher.

— Nunti?

Nash soube que tinha pisado na bola assim que pronunciou o nome. Revirou os olhos antes mesmo de ela responder. Ele próprio usara aquela expressão inúmeras vezes.

— É isso aí, Nunti interessa.

Nash riu. Não soube por quê. A mulher se virou e lhe lançou um olhar ferino. Ele parou de rir ao observá-la. Chamá-la de feia fora um erro. Ela seria bonita se se desse ao trabalho de tomar um banho. O cabelo castanho-avermelhado caía em tranças praticamente rastafári sobre o rosto sujo. Parecia carregar marcas de combate e estar cansada da guerra, pronta para uma aposentadoria precoce. Nash passou a língua pelas falhas dos dentes e se lembrou de que também não era nenhum franguinho.

— Bom, legal te conhecer, Nunti — disse ele, dando um sorriso forçado. — Eu me chamo Nash.

A apresentação levou-a a soltar um suspiro de desdém e desviar o rosto. Não estava a fim de trocar cumprimentos, algo que ficou claro pela terceira cusparada em poucos minutos.

— Olha só, cara — disse ela —, não vou querer que você me chame assim pro resto da vida. Eu me chamo Ginger. Não esquece, não. Não vou repetir.

Nash tinha certeza de que se lembraria.

— Ginger. Falou, saquei. É um apelido ou um troço assim?

Ela se inclinou para trás e se esticou na areia, farta das perguntas dele. Atrás dela, Nash avistou uma série de pegadas que iam até o matagal. Tinha pelo menos mais uma pessoa por ali.

Onde foi que a gente se meteu?, perguntou-se.

Voltou a se concentrar nos três corpos inconscientes. Todos eles pareciam lixo urbano: roupas velhas, físicos acabados. Não havia nada de respeitável naqueles tipos, que, sem sombra de dúvida, pertenciam à mesma categoria social. A que ficava nos arredores do ânus de Miami.

Bem que eu queria saber qual desses aqui é o pior...

Pior do que o quê, Nash nem sabia direito. Ginger começou a coçar os braços freneticamente, o que levou Nash a fazer o mesmo. A coceira estava apenas começando.

— Você por acaso tem alguma noção do que está acontecendo aqui? — quis saber Nash.

Ginger se sentou e tirou as mechas rastafári do rosto, com a estrutura esquálida rígida, cheia de atitude. Ela se limitou a encarar Nash, que se irritou ainda mais com o silêncio dela.

— O que é que tá acontecendo aqui, porra?

Ela encolheu os ombros, com indiferença. Deu um sorriso estranhamente meigo, que teria enganado outra pessoa, mas ele percebeu que alguma coisa cheirava mal ali. Conhecia aquele tipo de mulher mentirosa, que adora fazer joguinhos psicológicos. Nash havia transado com garotas como ela durante toda a sua carreira de músico: aspirantes a atriz e

cantora, com vícios para sustentar, vadiando nas baladas, loucas para trocar um boquete ou uma trepada por uma oportunidade de entrar no mercado, antes de entrar em decadência e perder o brilho.

— De repente, a gente venceu algum concurso — sugeriu Ginger, por fim.

— Você não faz a menor ideia, faz? — Nash soltou um suspiro.

Olhou para ela com indiferença, mas Ginger nem ligou. Não estava nem aí para ele nem no que pensava dela. Então, ela se virou para o mar e fechou os olhos, a fim de sentir a brisa marinha que roçava no rosto.

— Pra falar a verdade, não faço a menor ideia mesmo, caubói... Vai ver que isso daqui é algum tipo de reality show babaca, ou quem sabe um documentário disfarçado sobre crack.

Aquele raciocínio lhe pareceu mais plausível do que qualquer outra explicação. Nash observou com atenção os arbustos e as árvores, procurando a lente de alguma câmera escondida entre os ramos ou um microfone entre os galhos.

— Claro que vou encher o apresentador de porrada quando todos eles derem as caras — prosseguiu Ginger. — Quero ver que carisma eles vão ter depois que eu der uma surra nos cinegrafistas.

A mulher falou tão alto que acordou o sujeito negro. Ele se mexeu, gemeu e passou os dedos pela areia. Sua pele era da cor de carvão e seu cavanhaque grisalho se sobressaía no rosto cansado. Os braços e os ombros musculosos indicavam que cuidava do corpo, mas a camisa desabotoada revelava uma barrigona. O homem acordou lenta e dolorosamente. Rolou para o lado e se levantou de costas para os dois, sacudindo a

areia das tranças rastaféris grisalhas. Nash calculou que o sujeito devia ter bem mais de 40 anos.

— Acorda, acorda — disse Nash. — Levanta e brilha!

O sujeito se virou ao ouvir a voz dele. Adotou uma postura defensiva, oscilando os olhos castanhos, pequenos e brilhantes entre Nash e Ginger e colocando os punhos em riste, prontos para atacar.

— Tá tudo bem, cara — assegurou Nash, com as mãos erguidas, num gesto apaziguador. — Calma aí. A gente tá tão confuso quanto você.

O homem continuou a encará-los com o olhar fatigado, ao mesmo tempo que apalpava os bolsos da bermuda cargo. Nash percebeu que não checara os próprios bolsos e fez o mesmo. Tudo que deveria estar lá não estava. Ginger deu um sorrisinho afetado para eles.

— Vocês não vão encontrar nada — informou ela. — Eu já revistei todo mundo.

O negro olhou para ela com frieza.

— Quer dizer que já deu um jeito de me tocar?

Ela mostrou o dedo médio para ele.

— Vai se ferrar.

O sujeito retribuiu o gesto, recuando até ficar satisfeito com a distância entre eles. Uma expressão preocupada perpassou pelo seu rosto para, em seguida, desaparecer tão rápido quanto chegara, mas Nash a notou. O cara precisava de alguma coisa, um fato, uma resposta, uma verdade que pudesse usar como ponto de partida, mas se mostrava por demais orgulhoso e durão para pedir um favor a alguém. Nash entendia muito bem como o homem se sentia. Ofereceu-se para dar o pontapé inicial.

— Eu me chamo Nash. E você?

O sujeito não respondeu. Em vez disso, examinou tudo ao redor, movendo a cabeça de forma agitada, como quem tem tique nervoso, tentando absorver o máximo possível sobre o que havia à sua volta. Como não se deu por satisfeito, virou-se de cenho franzido e cabeça empertigada, com ar inquisitivo.

— Não faço a menor ideia, cara — disse Nash.

O sujeito assentiu, como se tivesse compreendido perfeitamente. Nash teve a impressão de que aquele cara estava acostumado a acordar em lugares diferentes. Apontou para Ginger para apresentá-la.

— Essa é a Ginger. A gente acabou de se conhecer.

— E aqueles lá? — quis saber o cara, apontando com o polegar para as duas pessoas inconscientes. — Quem são?

— Sei lá. Estão assim, desacordadas, desde que a gente se levantou. Nunca vi na vida.

O sujeito avaliou o rapaz que estava deitado de costas na areia, obviamente o mais novo de todos ali: não passava de um garoto, na certa era até menor de idade. A hispânica parecia ser um pouco mais velha que ele.

— Qual é o teu nome? — perguntou Nash de novo.

O sujeito pigarreou para limpar a garganta e se recompôs. Quando falou, a voz se mostrou mais profunda e gutural.

— Felix. Parece que tem mais gente aqui, né?

Ele apontou com o queixo na direção de uma trilha de pegadas, que indicava que alguém tinha se afastado do grupo. Ginger ficou calada. Nash deu de ombros

— É o que parece, mas não vi mais ninguém, não. Eu acordei um pouquinho antes que você.

Nash fez uma pausa, esperando que Ginger acrescentasse algo à conversa. Mas ela parecia tão interessada no asssunto quanto em tomar alguma atitude. Nash encolheu os ombros de

novo.

— Bem que eu queria poder te dizer mais.

Ele caminhou até a beira da água e deixou que as marolas banhassem a sola do tênis surrado, levando seus calcanhares a afundarem na areia ao recuar. Fez-se um silêncio constrangedor.

— Será que a gente tá numa ilha? — perguntou Felix, por fim.

— E eu lá sei?

Nash correu os olhos pela praia e pela vegetação e concluiu que a terra firme ali era bastante reduzida. Sentiu-se um verdadeiro panaca. Nem tinha pensado em fazer perguntas importantes. Felix não ficara nada impressionado.

— Como é que a gente veio parar aqui?

— Não sei.

— Bom, o que é que você sabe?

Nash mordiscou o lábio inferior e não disse nada. Felix aguardou, impaciente, cada vez mais agitado. Por fim, virou-se de costas e balançou a cabeça.

— Branquelos lesados — disse ele. — Vocês nunca sabem de porra nenhuma.

— Vai se ferrar, negão — revidou Nash. — Eu tenho certeza que você sabe menos do que eu.

Felix o encarou.

— Me chame assim de novo, vai, seu filho da puta. Quero ver se tem coragem.

Nash respirou fundo à medida que Felix cerrava os punhos e se preparava para atacar. A risada estridente de Ginger acabou com a história, antes mesmo que ela começasse.

— Maneiro, pelo visto a gente vai se dar bem.

4

DOIS DIAS ANTES.

— Claro que a gente vai se dar bem.

Ginger Rosen se deu conta de que estava falando sozinha ao se sentar na tampa gelada da privada e urinar meio litro. O discurso que vinha praticando diversas vezes na mente se tornava cada vez mais raivoso e, naquele momento, migrava da sua mente para a sua boca. Curtis estava era sonhando se pensava que ela ia aceitar a propostazinha dele. O sarcasmo revestiu as palavras antes mesmo de ela cuspi-las.

— Ah, sim, a gente vai se entender bem pra cacete.

A relação dela com Curtis já ia de mal a pior e essa história agora de ele querer um ménage à trois, com ninguém menos que a babaca da Rita, era bem o que ela precisava para bolar uma forma de pular fora. Apesar de Curtis garantir que ia ser uma boa, a ideia de compartilhar uma cama rangente com uma mulher da patota dele a repugnava. Só Deus sabia quanta doença venérea a Rita tinha. Ginger não queria mais complicação na vida, muito menos daquele tipo. Bastavam as

curetagens que tinha tido que fazer por causa da gonorreia. Ela precisava de uma distração. O cartaz de tom laranja berrante, colado na parte interna da porta do boxe, chamou sua atenção.

Fuel Injector ao Vivo @ Espaço Barracuda Show às 22hs. Couvert $5. A mulherada não paga!

Tinha uma foto da banda embaixo. Os membros, que pareciam há anos-luz do seu auge, posavam encostados numa parede de tijolo, sob a falsa impressão de que ainda eram descolados e importantes. Ginger pensou em rasgar o pôster para se limpar com ele. Como não tinha papel higiênico, foi o que resolveu fazer.

— Espelunca de merda — resmungou ela, ao abrir a porta com o cotovelo. — Por que eu continuo vindo pra cá, hein?

Sua mente respondeu num reflexo. *Porque é a única porta que você ainda não fechou*.

Ginger se aproximou do espelho do banheiro e viu o reflexo de uma mulher que não tinha mais permissão de entrar em inúmeros bares locais. A única e longa rachadura que percorria a parte central do espelho refratava seu corpo delgado, deixando-a ainda mais magrela. As riscas sebosas na superfície turvavam os traços do seu rosto. Os olhos injetados começavam a voltar ao normal, apesar de ela ainda estar meio chapada. Nunca conseguia se livrar dos resquícios da paranoia depois de fumar o haxixe que roubava de Curtis, mas ela planejava se livrar deles rapidinho, com uma droga mais pesada, se tivesse sorte.

Ginger agitou os cabelos e desabotoou outro botão da

camisa, deixando o decote mais à mostra. Tivera seios perfeitos a vida inteira, mas a julgar pelo espaço que sobrava no sutiã taça C, nos últimos tempos, eles deviam ter diminuído para a taça B. Mas todas as paradas que aprontou antes acabaram fazendo com que encolhessem. Ela retocou o batom e o rímel até se convencer de que estava com aquela aparência sexy que sempre levava os outros a lhe fazerem favores.

Foi até o bar. Ainda estava cedo, mas o Espaço Barracuda já estava agitado, apesar da fama de antro. Um cheiro de mofo pairava no ar. O piso grudento não era lavado fazia semanas. Os excessivos letreiros luminosos com propagandas de cerveja e bebidas alcoólicas nas paredes eram os únicos objetos de decoração. O banco de Ginger, na ponta do bar, ainda estava desocupado. O barman Jojo sempre dava um jeitinho de evitar que outro cliente o ocupasse. Ela se sentou e, antes mesmo que abrisse a boca, ele colocou uma dose de vodca com frutas vermelhas na sua frente.

— Valeu, gato.

Jojo piscou o olho.

— Tô por dentro do gosto da minha mina.

Ginger não era a mina de ninguém, mas retribuiu a piscadela assim mesmo. Vindo da parte dele, era meio que uma piada, mas ela sabia que, se desse mole, ele ia querer comê-la na mesma hora. Dava corda para Jojo só para garantir a bebida de graça. Tinha que admitir que o cara podia ser considerado um gato e que precisava ganhar uns pontinhos extras por aturá-la quando ela estava pra baixo ou mal-humorada, mas ele não era o seu tipo. Ninguém era. Mas, se ficasse na pior, sabia que o barman pagaria, de uma forma ou de outra, para que fosse para cama com ele. Ginger mantinha a possibilidade em banho-maria, ciente de que, se largasse Curtis em breve, precisaria

tanto de pau quanto de grana. Ela pestanejou para Jojo quando ele olhou de novo para o seu decote.

— Se você pudesse me ver agora, Curtis... — sussurrou ela.

Curtis Moffat, seu parceiro infiel de dois anos, que, na certa, devia estar esquentando uma colher de droga com Rita num quarto de motel qualquer, ia tomar um belo chute na bunda até o fim de semana. Era melhor assim. Ginger não gostava do que ele andara aprontando nos últimos tempos. Quando começaram a transar, ele só fumava baseado e tomava remédio tarja preta. Então passou para a coca e a heroína e, ultimamente, tinha começado a traficar armas. Ela não queria nem saber no que mais o cara estava metido.

Ginger tomou uns goles do drinque e sondou o ambiente, em busca de possibilidades. Só peixes pequenos, que não mereciam sequer uma segunda olhada, exceto por um sujeito. Um cara, até que meio charmoso, a encarava da penumbra detrás das mesas de bilhar, nos fundos. Ela ficou olhando para ele por tempo suficiente para encorajar um convite.

Começou o jogo, pensou ela.

O cara ficou lá parado, tomando goles da Corona e encarando Ginger, sem a menor timidez. Ela desviou o olhar, fingindo estar interessada na seleção de garrafas das prateleiras. Quando se virou para ele, o sujeito continuava a olhar fixamente em sua direção. Ela sentiu que o olhar intenso dele atravessava o bar.

Já faz muito tempo, marinheiro?

E ele só podia ser isso mesmo. Tinha toda a pinta: barba feita, cabelo escuro com corte à escovinha, bem-arrumado e físico sarado. Estava tão deslocado, que Ginger concluiu que tinha aportado naquela semana com licença para sair do navio. Ela esperava que tivesse alguma grana para torrar e estivesse a

fim de tomar pico, cheirar H ou daí para melhor. Tomou um gole com gelo junto e mastigou o cubo, arqueando a sobrancelha em resposta à olhada indiscreta do seu novo fã.

— Tá achando que eu vou até você, compadre? — murmurou ela.

O cara pareceu ter escutado. Tomou outro gole de cerveja e começou a caminhar na direção dela, desviando das pessoas. Ginger desviou o olhar e mentalmente fez uma contagem regressiva para sua chegada.

Seis, cinco, quatro, três, dois...

— E aí, gata?

Ela se virou. O sujeito era um pouco mais velho do que havia pensado, só que mais gostoso de perto e na claridade. O sotaque nova-iorquino tinha seu charme.

— Oi.

— Parece que está com sede. Posso pagar uma bebida pra você?

Foi uma péssima abordagem. Ginger quase foi embora, então pensou melhor ao observar o cara e notar que ele tinha covinha no queixo e mãos fortes. Não era todo dia que um cara sexy assim oferecia um drinque para ela. Resolveu dar outra chance para o sujeito.

— Assim que eu acabar essa que tô tomando, pode, sim — respondeu ela, dando outro gole.

Ele deu uma risadinha.

— E aí, o que uma mulher como você está fazendo aqui nesse antro?

Não tinha melhorado muito. Ginger achou que era ela quem deveria ter feito aquela pergunta para ele. Ela se sentia em casa no Espaço Barracuda. Ele, sim, é que parecia estar no lugar errado.

— Eu devia estar num lugar melhor?

O cara abriu um largo sorriso.

— De repente.

Ginger agiu como quem não queria nada, de uma forma que poderia até ter parecido fria, mas puxou o canudo da bebida e mordiscou a ponta, dando uma prévia para ele da sua boca em serviço.

— Está pensando em alguma coisa, marinheiro?

— Depende.

— Depende do quê?

O homem fez uma pausa, olhou por sobre os ombros e se inclinou para a frente. A quantidade excessiva de loção pós-barba chegava a incomodar, exalando dele como um vapor desagradável. Se Ginger estivesse fumando, era provável que os dois incendiassem.

— Qual é a tua praia? — perguntou ele, baixando o tom de voz.

Ginger deu um sorriso afetado.

— Qual é a minha praia? Você é um pervertido ou o quê?

O cara enrubesceu.

— Não, sabe, eu só queria saber se você curte... hã, se você gosta de dar uns *rolés*.

— Adoro dar uns rolés, cara.

— Saca só, se você vier comigo, vou te dar de tudo. Eu consigo qualquer parada que quiser.

— Por quanto?

— A gente dá um jeitinho de acertar as contas.

Ginger mal estava acreditando na própria sorte. Ficou empolgadíssima, então um alarme soou. Ela estava acostumada com coisas fora do comum, mas aquilo já estava ficando meio esquisito. Aquele cara e o rumo que a conversa estava seguindo

não faziam muito sentido.

— Você disse qualquer parada que eu quiser? — confirmou ela.

— Basta dizer o que quer.

Ginger não gostou nem disso, nem do jeito como ele sorriu. Ela se lembrou de uma história peculiar, sobre uma velha conhecida sua, que se chamava Talia Wint, uma puta que virou exemplo para todos do bairro. Oito meses antes, Wint havia sumido por uma semana da esquina onde trabalhava, até seu cadáver decapitado aparecer numa caçamba de lixo. O corpo estava em péssimo estado, segundo os boatos, tão ruim que ninguém queria descrever os detalhes. A cabeça nunca apareceu. Um caso não solucionado. Ginger olhou para Jojo e tentou fazer com que notasse seu novo pretendente, mas ele estava ocupado demais do outro lado do bar, absorto com duas piranhas tagarelas.

— Você tem um rosto superbonito — comentou o sujeito.

Que você está a fim de usar como decoração em cima da lareira, pensou ela.

— Ah, você é um amor.

— E então, está a fim de sair daqui?

— Calma aí, cara, você tem nome?

Ele deu um sorriso malicioso.

— E eu preciso ter um?

Ginger retribuiu o sorriso, mas sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Não estava gostando nem um pouquinho do rumo que a conversa tomava. O cara ia rápido demais para o seu gosto. Além do mais, não parecia curtir baladas. Pelo menos, não como ela. Dava para ver que não era traficante, nem criminoso, nem viciado a fim de trocar sexo por drogas, apesar das insinuações que tinha feito. Algo mais a incomodava. O

sujeito não tinha olhado para o seu decote nem uma vez.

— Vou aceitar aquela bebida — disse Ginger, tomando o restinho da vodca com frutas vermelhas.

— Posso pedir dose dupla?

— Se pedir num copo alto, tudo bem.

O homem fez sinal com dois dedos, e Jojo veio do bar, feliz e satisfeito por se livrar das duas tagarelas que tomavam tragos na outra extremidade.

— Uma cerveja e outra dose do que a gata está bebendo, só que agora dose dupla num copo grande.

Jojo assentiu e lançou um olhar de esguelha para Ginger, que não deu nenhum sinal de que precisava de ajuda. Ela pretendia vazar logo, logo.

— Olha só, gato, enquanto ele tá preparando o meu drinque, vou dar um pulo no banheiro pra retocar a maquiagem.

— Vê se não demora muito, hein?

Ela deu uma risadinha.

— E perder a mordomia de você me convidar hoje? Nem pensar. É melhor esse banco estar livre quando eu voltar.

O cara acenou com a cabeça.

— Deixa comigo.

Ela imaginou que os pedidos das bebidas iam manter o sujeito ali por tempo suficiente. Levantou do banco e foi para o banheiro, sentindo que ele a observava o tempo todo, com os olhos indo do seu quadril à sua bunda, conforme ela andava. Mas não era um olhar lascivo, e sim o de um predador — ao menos, foi a sensação que Ginger teve. Ela sentiu vontade de se livrar daquela avaliação como se fosse uma pele de cobra. Quando chegou à porta do banheiro, arriscou dar uma olhada para trás. O sujeito tinha se distraído por um momento, com uma das duas tagarelas que dizia para ele, aos berros, que ele

era um gato.

Beleza, pensou. *Pode decepar a cabeça dessa vagaba, cara*.

Ginger aproveitou a oportunidade, desviou para a direita e se meteu no meio de uma galera que tinha acabado de entrar pela porta da frente. Num piscar de olhos, estava do lado de fora, na noite gelada, fazendo sinal para um táxi. Teria que ir ver Curtis logo, logo, não restava escapatória. Curtis Moffat tinha o que ela precisava. O taxista olhou para ela dos pés à cabeça quando entrou no banco de trás.

— Vai para onde, madame?

— Qualquer lugar, menos aqui.

5

HOJE.

— Qualquer lugar, menos aqui — disse Ginger, revirando os olhos. — Meu Deus do céu, qualquer lugar, menos aqui, presa nessa ilha, sendo obrigada a ver essa briga de pintinhos patética.

— Foi ele que começou — queixou-se Nash.

— Pintinho? — questionou Felix, apertando e balançando o pau. — Olha só, queridinha, se eu deixasse esse pintinho aqui cair na tua cabeça, tu ia achar que foi um piano de cauda.

Ginger lhe lançou um olhar furioso.

— Cara, se você tá tão a fim de ver a porra do seu pau e das suas bolas voarem pelos ares, continua falando, vai!

— Sua sapata — resmungou Felix.

— Seu escroto.

Ali perto, o rapaz se mexeu na areia. Nash deu um passo para trás, sem saber o que estava acontecendo com ele. O outro era pálido e esquelético, irrequieto até mesmo durante o sono. Felix se aproximou aos poucos até quase topar com o garoto.

Nash ficou olhando de esguelha, com medo de levar um tabefe por causa da discussão de minutos antes, se não se mantivesse em alerta.

— Ele está acordando — informou Nash.

— É mesmo, Sherlock?

Felix deu uma sacudidela no rapaz, com o pé. O jovem soltou um grunhido e um palavrão, a baba escorrendo pelo canto da boca. Felix esperou um pouco, então chutou com força a canela dele, fazendo com que acordasse gritando.

— Porra, por que você chutou o cara? — vociferou Ginger.

O rapaz se contorceu, chapado, na areia, ofegando enquanto tentava entender o que estava acontecendo. Felix recuou para dar mais espaço para ele, o que não ajudou.

— Sai de perto de mim! — berrou o rapaz.

Ele se levantou com dificuldade, jogando areia na garota ainda desacordada ao seu lado. A calça baggy inibia seus movimentos, e ele cambaleou ao andar para trás, parecendo desengonçado. Sob a camiseta alargada e rasgada, via-se um tórax esquálido e sem pelos, com espinhas espalhadas. Ele agitou os braços de um jeito afeminado para os outros e pôs-se a falar de forma confusa, ceceando.

—
Quecaralhodelugarquemfoiocaralhoquefezissoqueporraéessa?

Era só o que faltava, pensou Nash. *Que entrasse na parada uma bichinha afetada*.

De olhos arregalados e prestes a cair no choro, o rapaz se isolou perto do capim alto, onde pegou um pedregulho do tamanho de um punho. Aí se agachou para se tornar um alvo menor, caso alguém decidisse correr até ele.

— Quem são vocês, porra? — bradou, segurando o pedregulho como se fosse uma granada.

Nash se aproximou lentamente, os braços estendidos e as palmas das mãos voltadas para baixo, deixando claro que não era uma ameaça. Felix se moveu para a direita, agindo com calma, mas com ares de quem se preparava para confrontar o jovem. Ele não passou despercebido.

— Tá querendo levar uma pedrada, é? Dá só um passo a mais, cara!

O rapaz ergueu o braço, ameaçando jogar a pedra, mantendo Felix a uma distância segura. Ginger finalmente se levantou e limpou a areia da bunda. Passou pelos dois sujeitos e se aproximou do mais novo agregado daquela familiazinha de fodidos, chegando perto o bastante para que o rapaz perdesse o equilíbrio. Ele tropeçou e a pedra escapuliu da sua mão, caindo na frente da moça, que pôs o pé em cima dela.

— Não chegue mais perto, sua piranha! — vociferou ele. — Eu luto caratê!

— Olha, fica frio. Eu só...

— É melhor você vazar, senão eu vou...

— Aê, quer fazer o favor de se acalmar, porra!

O fato de Ginger ter perdido a paciência fez o rapaz dar um pulo para trás. Em seguida, ele a olhou surpreso, talvez com respeito. Ela pôs as mãos no quadril e inclinou a cabeça para o lado, franzindo os lábios, com ar fatigado. Naquele momento, ele abaixou a cabeça e ficou rubro de vergonha.

— Acabou o escândalo? — perguntou Ginger, num tom de voz repentinamente suave.

O rapaz engoliu em seco e respirou fundo, tentando se recompor. Ela deu outro passo na direção dele.

— Você luta caratê mesmo? — Ginger deu uma risada.

— Não — respondeu ele, de mau humor.

— Achei que não lutava mesmo. Qual é o teu nome?

— Kenneth... Kenny. Meus amigos... me chamam de Kenny.

— Kenny, Kenny, Kenny — repetiu, com suavidade. — Você não corre nenhum perigo com a gente, sacou? Eu me chamo Ginger. Aqueles ali são o Nash e o Felix. A gente tá tão perdido quanto você, cara. Bem que eu queria ter resposta pra te dar, mas não tenho, não. Então respira fundo e fica frio. Ninguém aqui está a fim de te machucar, sacou?

Ginger lançou um olhar ferino para Felix, por causa do chute na canela. Mas a expressão no rosto dele deixou claro que faria tudo de novo. Nash deu um passo na direção de Kenny, mas ele recuou.

— Escuta a garota, cara. A gente não vai te machucar. Nisso ela tem razão.

Kenny, então, assentiu, porém se aproximou mais de Ginger, em busca de proteção. Ela deixou que ele penetrasse em sua zona de conforto sem se importar. Nash ficou surpreso com a atitude amável dela em relação ao recém-chegado no grupo e concluiu que era uma parada homossexual. Ela era lésbica, e o garoto, boiola, o que unia os dois. Nash se sentiu ressentido.

— Tudo bem — disse Kenny, com a respiração mais pausada. — Eu já estou me acalmando.

Ginger assentiu:

— É isso aí. Assim é melhor...

Umas palavrinhas a mais bastaram para que o rapaz baixasse a guarda e se controlasse. Kenny meteu as mãos nos bolsos e deu um meio sorriso, gesticulando com a cabeça, como quem pedia trégua. Nash sentiu certa irritação. Felix também, pois estava de braços cruzados e os olhos semicerrados, em sinal de desdém. Ambos pensaram, ao mesmo tempo, que seria Kenny o sacana superprotegidinho daquela galera.

— Foi mal ter gritado — disse Kenny. — Não estava falando

sério quando te chamei de piranha.

Ginger sorriu.

— Esquenta não. Não foi nada.

— Tem certeza?

— Eu acho que, considerando a situação em que a gente está, você merece ser perdoado...

A voz de Nash podia ter atravessado até concreto.

— Porra, quando vocês duas pararem de se masturbar, será que a gente pode pensar no que vai fazer pra sair dessa fria?

Ginger fechou a cara e deu uma cusparada maldosa na direção dele, soltando vários impropérios num resmungo. Na verdade, queria era dar uma bela bofetada nele, mas se controlou; em vez disso, virou-se para Kenny e fez um sinal de aprovação com o polegar, por sobre o ombro.

— Saquem só, quando Deus criou os filhos da puta moralistas, usou o Nash como molde.

Nash retrucou:

— Você tem peito, garota...

O som de um gemido ressoou da areia. A hispânica estava começando a acordar. Desorientada e falando por entre os dentes, ela ergueu a cabeça. Quando viu os outros, rolou para o lado na mesma hora e se encolheu de medo.

— Não se preocupe, querida — declarou Ginger. — A gente não morde.

A mulher não respondeu. A julgar pela expressão confusa em seu rosto, Nash duvidou que ela tivesse condições de responder.

— Como você se chama? — perguntou ele.

A hispânica engoliu em seco sem desgrudar os olhos da galera. Era pequena, mas não frágil. A pele e os cabelos escuros seriam sensuais, se não estivessem tão incrivelmente

maltratados. A voz estrondosa de Felix a deixou visivelmente amedrontada.

— Responde a pergunta do cara. Qual é o teu *nome*?

Nash franziu o cenho.

— Acho que ela não fala a nossa língua.

— Ah, fala, sim — salientou Felix, olhando-a nos olhos. — Muita gente safada já tentou tirar onda comigo com essa de eu não falar sua língua.

Todos lançaram um olhar cortante para a moça. Ela engoliu em seco de novo, mas daquela vez respondeu com um forte sotaque espanhol.

— Eu me chamo Maria.

Ela apoiou o queixo nos joelhos e abraçou as pernas. Os olhos que perscrutavam o ambiente eram os de um animal apavorado. Kenny se sentou no limiar do matagal, coçou o peito e deu um sorriso sem graça para a hispânica, que não ajudou a fazê-la se sentir melhor. Felix começou a refletir sobre a situação, voltando a se concentrar na trilha de pegadas, com a compulsão de quem tinha acabado de cheirar coca.

6

DOIS DIAS ANTES.

A coca estava fazendo o nariz de Felix arder tanto que ele quase gritou de dor. Os vasos da narina direita pareciam em brasa, o muco respingava como ácido. Ele tinha comprado pó da pior qualidade e seios paranasais pagavam o pato. Que porra tinham metido nele? Sal? Desodorizador de tapete? Se o olfato de Felix não estivesse tão detonado, era bem provável que já tivesse farejado algo. Mas a verdade era que o pó sempre vinha misturado com alguma porcaria. Nos dias de hoje, não dava para evitar. Os produtos contaminantes comprados nas lojas populares tinham acabado com os níveis de pureza da droga em tudo quanto era lugar. Quando estava sendo enganado, Felix preferia paradas tipo laxante em pó para crianças no seu pedido, pois conseguia encarar as idas extras ao banheiro. Mas aquela joça no nariz dele era o que tinha de pior. Quarenta paus jogados fora, mas mendigo não tem escolha.

Nem pensa em assoar o nariz, disse a si mesmo. *Tu não vai*

desperdiçar nem uma porra de um miligrama. A dor vai passar. Espera um pouquinho.

Os olhos dele marejaram, antes de ficarem vidrados. Pronto, lá estava o barato, a recompensa que ele tinha receado que não pintaria. Felix estremeceu, rangeu os dentes, sentiu a gengiva anestesiar e a língua pressionar o céu da boca.

É isso aí, cacete.

Esfregou o nariz, tentando diminuir a coceira inatingível que começava a surgir no meio da sua garganta. Até que o barato não era tão ruim assim, mas não chegava nem perto do suficiente. Ele tinha de cheirar mais um pouco. A escadaria do seu prédio para lá de decadente não era o lugar mais recomendado para ele se dedicar ao vício. Ainda assim, ele se meteu num canto poeirento, sem conseguir esperar um minuto sequer. A coca era o aperitivo, o elo da corrente que conectava Felix com sua âncora, na qual ele se agarraria até estar no seu apartamento, onde ia poder aquecer sua verdadeira droga.

— Risco duplo — resmungou, enquanto tirava um frasquinho do bolso da jaqueta.

Em seguida, polvilhou outra dose no lado côncavo da unha comprida do dedo mindinho e a pressionou contra a narina. Aspirou com um ruído asqueroso o pó até as profundezas do cérebro. Sentiu dor de novo, mas não com a mesma intensidade de antes. O barato também foi mais fraco, mas se juntou numa boa ao outro. Deu energia suficiente para as pernas exaustas de Felix subirem de dois em dois degraus os três lances de escada até o andar dele.

Quando chegou lá, ele pensou em dar outro teco. Afinal, só tinha cheirado, na melhor das hipóteses, uma quantidade insignificante, e não fileiras de verdade. Olhou de novo para o frasco, que àquela altura estava com metade da coca barata, e

engoliu a substância química de gosto amargo que escorreu das narinas para a garganta. A farinha mágica chamava por ele de novo. A metade boa de Felix, que tinha se reduzido a menos da oitava parte, deu a maior bronca nele por dar ouvidos a ela.

Tu não pode esperar nem trinta segundos até estar na privacidade da porra do teu apê? Que merda é essa, negão? Segura a onda.

Nos últimos tempos, nove entre dez vezes que o anjo bom ao ombro dele lhe dava conselhos, Felix mandava o cara passear, mas, naquele momento, resolveu dar ouvidos. Andava se preocupando cada vez menos com a privacidade e poderia acabar pagando caro por isso se não tomasse cuidado. Os policiais estavam sempre a fim de enquadrar alguém e, como Felix era homem, negro e viciado, virava alvo fácil. Ele meteu o frasco de volta no bolso.

— ... Vou manter o senhor a par de tudo.

Uma voz desconhecida ressoava adiante. Felix circundou a esquina rumo ao corredor e parou. Um sujeito misterioso se afastava da entrada do seu apartamento, a seis portas dali. Branco e suspeito, foi só o que Felix considerou. O cara metia um troço no bolso de trás, conforme se retirava. Felix não teve dúvida de que o homem tinha tentado arrombar a porta de seu apartamento.

— Ei!

Felix foi apertando o passo à medida que se aproximava. O sujeito olhou para ele, por sobre os ombros. Felix apelou para sua cara de cão raivoso, a mesma que costumava fazer sempre no bairro, para que os outros ficassem longe dele. Mas aquele cara não deu a mínima. Quando Felix se aproximou o bastante, fez menção de agarrar o ombro do sujeito.

— Ei, que caralho pensa que está...

Felix tinha sido boxeador numa época da sua vida, período em que era importante que sua amostra de urina estivesse limpa no antidoping. Ele chegou a vislumbrar o soco de direita, apesar da velocidade incomum de seu agressor. Desviou, mas sentiu os nós dos dedos do cara roçarem no pescoço. Revidou com um gancho malcalculado, que, em vez de atingir o queixo, pegou no esterno dele. O outro gemeu, mas não se intimidou. Felix tentou aplicar uma gravata.

— Filho da puta, você acabou de assinar a própria...

Num instante, o jogo virou. Braços abriram a guarda de Felix, punhos passaram despercebidos pelo seu rosto, superando com facilidade sua tentativa de defesa. Quando deu por si, Felix estava imobilizado num corpo a corpo, à mercê do oponente.

Sentença de morte.

Ele tinha subestimado o adversário, um erro crucial. Uma frase martelava em sua mente, e ficou mais forte no momento em que a primeira onda de dor chegou.

É assim que tudo vai acabar.

Os antebraços do homem apertaram a cabeça dele como se fossem um torniquete, comprimindo os ossos do rosto, esmagando as orelhas e fazendo-as arder por causa da fricção, conforme ele tentava se libertar. Quando veio o golpe de joelho, Felix não estava preparado. Parecia um daqueles caras que ele tinha visto uma vez numa luta clandestina de Muay Thai. O joelho do homem atingiu suas entranhas com tal força que os calcanhares de Felix saíram do chão. Alguns segundos depois, outro golpe de joelho no mesmo lugar e o sujeito o soltou. Felix caiu no chão feito uma marionete com cordéis soltos, esbaforido. Não conseguia respirar.

O cara é profissa, pensou ele. *Não dei sorte, não.*

De joelhos e encolhido, com a cabeça a poucos centímetros

do chão, Felix teve certeza de que seu julgamento errado lhe custaria muito caro. Seus pulmões ansiavam por oxigênio, embora fosse impossível respirar. Ele previu que dali a dois ou três segundos o agressor golpearia sua nuca com o calcanhar ou com o punho, ou, pior ainda, mandaria bala. Já podia até visualizar o boletim de ocorrência: *homicídio com característica de execução*. Ficou esperando o gatilho ser acionado. Em vez disso, ouviu uma voz com sotaque arrastado do Texas, que escondia um sorriso tão inconfundível quanto a respiração entrecortada por trás dele.

— Hoje é seu dia de sorte, moleque. Se fosse qualquer outro dia, eu teria acabado com você.

Um chute violento nas costelas fez com que Felix virasse de barriga para cima. Ele ficou ali, sem fôlego, observando o reboco manchado e cheio de infiltrações do teto e aguardando o sujeito vasculhar seus bolsos e vazar com sua carteira e sua droga, mas o roubo não aconteceu. O agressor já se retirava, as botas ressoando pelo mesmo caminho de Felix. Então, ele fez um último comentário no final do corredor.

— Melhor você agradecer as suas bênçãos enquanto pode, cara.

Felix não ousou se mexer, respirando com dificuldade, forçando os pulmões a se expandirem para recobrar o fôlego. Assim que recuperou as forças, ele se sentou e se apoiou na parede, tentando controlar a ânsia de vômito. Tirou um saquinho do bolso na parte interna da jaqueta e o observou, com cuidado, certificando-se de que não tinha sido danificado durante a luta. Aquela era sua outra mercadoria, sua única e verdadeira mentora: a que o havia transformado num escravo dos tempos modernos. O pó branco e fino não diferia muito do que estava no frasco, mas, para ele, os dois nem se

comparavam. A heroína captou seus olhos e atormentou seu tronco cerebral. Ele pensou em flocos de neve fresca caindo, um verme satisfeito serpenteando por montículos brancos. Sua voz ressoou débil e atormentada, quando finalmente falou para o corredor vazio.

— Porra, tu é a coisa mais linda que eu já vi.

7

HOJE.

— Quem podia imaginar que o inferno era tão lindo assim? — comentou Felix, deslizando os olhos pela água turquesa, ao mesmo tempo em que enfiava a mão pela camisa aberta para massagear a lesão de dois dias antes na barriga, escondida dos outros por causa da pele escura.

— A gente tá no inferno? — perguntou Kenny.

— Eu acho que a gente vai estar lá já, já.

— Cacete, eu já estou lá — resmungou Ginger, acenando com a cabeça para Nash. — Quem foi que botou esse palhaço no comando?

Nash ignorou a garota. Alguém tinha que tomar a frente da situação, e nenhum deles parecia disposto a fazer isso. Ele andou de um lado para o outro, de braços cruzados, e falou com a voz autoritária:

— Tá legal. Antes de mais nada, alguém se lembra de como veio parar aqui?

Todos balançaram a cabeça, com exceção de Ginger. Ela

ficou imóvel, com a cara amarrada, para lá de irritada por ele ter assumido o comando.

— Bom, alguém aqui sabe que porra de lugar é *esse*?

A galera deu de ombros e ficou quieta. Após pensar por um tempo, Felix resolveu falar.

— Talvez seja algum lugar em Florida Keys?

Nash revirou os olhos. Aquilo era óbvio. A julgar pelo entorno, não restavam dúvidas de que era onde estavam.

— Sério, Sherlock? Eu esperava que você fosse mais específico.

Felix mostrou o dedo médio para ele.

— Tá legal então. A gente tá numa ilha deserta de Florida Keys.

— O que a gente tem em comum? — quis saber Nash.

Kenny deu uma risada nervosa.

— Pô, cara, drogaram a gente.

— Dá pra concluir que todo mundo é de Miami?

Todos assentiram.

— De que bairro?

Os outros hesitaram, enquanto Nash encarava um a um, esperando que eles falassem primeiro. Bocas fechadas, ninguém estava a fim de se manifestar. Nash desistiu e respirou fundo, para dar continuidade à conversa.

— Opa-locka, no norte, perto da estrada I-95. Moro num apê, num Wash Box.

Todo mundo conhecia o codinome usado pelos que curtiam a mesma onda. Existiam muitos buracos nos quais se esconder em Miami, mas Washington Blocks era um dos piores. A galera ali não só estava no fundo do poço, como cavava mais, chegando a profundezas ainda mais obscuras. Fez-se uma pausa, até os demais resolverem falar.

— Eu moro em Overtown — revelou Kenny, por fim. — No lado decadente, por assim dizer.

— Coconut Grove — informou Ginger. — Na área sinistra.

Nash sorriu com desdém.

— Em qual, pô?

— Na pior de todas.

— E você? — perguntou Nash, dirigindo-se a Felix.

— Liberty City, rua 79, e sei que vocês fazem ideia de qual cruzamento.

— Naquele onde não se pode dar bobeira depois do pôr do sol?

— Ali mesmo.

Nash se virou para Maria.

— E você?

Todos se voltaram para a mulher de poucas palavras. Ela não quis participar do papo, tentando não demonstrar interesse pela conversa que se desenrolava. Mas foi traída pelo próprio olhar, que deixava transparecer que receava responder. O grupo a encarou até ela dar o braço a torcer.

— Eu... não fico num canto só.

— Maria sem endereço fixo? — questionou Felix. — Não esquenta não, gata. Eu já passei por isso, várias vezes.

O grupo demográfico de que faziam parte era óbvio. Estavam todos dependurados no degrau mais baixo da pirâmide social de Miami, vivendo nas piores zonas, com os habitantes mais desprovidos. Seria difícil encontrar áreas mais decadentes da civilização ocidental na costa leste.

— O que mais a gente tem em comum? — perguntou Ginger.

— Sei lá — respondeu Kenny. — Não é idade, nem sexo, nem raça. Aqui a gente tem mulher, homem, negro, branco, jovem, coroa...

Kenny parou de falar e lançou um olhar apreensivo para Felix, que deu um sorrisinho irônico, antes de gesticular com o punho e mostrar o dedo médio para ele.

— Quem é que você tá chamando de coroa, porra?

Nash não perdeu o jogo de cintura.

— Ah, fala sério. Vai dizer que não recebe o desconto pra coroa com esse cabelo grisalho, cara?

— Chegou cedo... vem com o território.

Nash levantou a sobrancelha.

— E que território é esse?

Felix não respondeu. Nash examinou o homem, os demais e, em seguida, a si mesmo, procurando similaridades, tentando descobrir o que mais tinham em comum. Coçou o pescoço suado, tentando esmagar os bichinhos irritantes que exploravam sua pele.

— Alguém aqui já se viu antes?

— Não — respondeu Ginger, erguendo a cabeça ao olhar para Nash. — Mas tô começando a te achar meio familiar. O que você faz?

— Um pouco de tudo.

— Ah, tá, que nem a gente. Fala aí, qual é a tua?

— Eu sou músico.

— De rua? — Ginger olhou para ele com curiosidade. — Você faz parte de alguma banda ou algum troço assim?

— A-hã, toco guitarra na banda Fuel Injector.

Apenas depois de alguns instantes Ginger arqueou a sobrancelha. Então, mostrou o dedo médio para ele, dando uma risada maliciosa cada vez que o agitava.

— Você é da Fuel Injector? E toca lá no Espaço Barracuda de vez em quando, não é? Aquela banda que vive dando entrada de graça pra mulherada porque não consegue atrair as garotas

pros shows?

— Você não sabe do que tá falando, sua escrota.

Ginger deu um sorriso afetado. Ela sabia muito bem do que estava falando.

— Eu sabia que já tinha visto esse teu rosto acabado num pôster ou numa parada dessas. Vou te contar, você é pior ao vivo do que na porra da foto.

Nash fez um gesto de indiferença.

— Tá legal, a gente tem isso em comum, já foi pro Espaço Barracuda. E você, Felix? Já passou lá? Fica em Coconut Grove.

— Que nada, fico longe de C.G. Uns anos atrás eu fiz uns inimigos lá.

— Kenny? E você?

— Não. Nunca.

Nash se virou para Maria, mas ela se limitou a menear a cabeça e desviar os olhos.

Ginger estalou os dedos.

— Por falar em inimigos, vocês têm algum?

— Não sei se eu chegaria a chamar de inimigo — disse Nash. — Tem um baixista que ficou puto da vida porque eu expulsei o cara da banda uns meses atrás, mas só ele.

Kenny soltou um suspiro.

— Os meus velhos me odeiam. Mas eu num consigo pensar em mais ninguém que não vai com a minha cara. E você, Ginger?

— Eu já vazei de vários bares sem pagar a conta — contou ela. — O que me transforma na inimiga número um de tudo quanto se trata de barman e garçonete.

Ginger coçou o cotovelo e, pela primeira vez, Nash viu, de verdade, as marcas de pico nos antebraços dela, as mais recentes espalhadas em cima das mais antigas, numa

quantidade impressionante. Olhou com mais atenção para os outros e se deu conta de que todos tinham as mesmas cicatrizes. Expressões angustiadas, olheiras, coceiras intermináveis e incontroláveis. Tudo isso eram sinais. Nash fez uma pausa antes de fazer a pergunta seguinte, o suspense levando as palavras a escapulirem de sua boca.

— Vocês são todos viciados, né?

A pergunta pegou Felix, Maria e Kenny de surpresa, mas não Ginger, que tinha juntado as peças do quebra-cabeça. Ela olhou para Nash e se comunicou com ele mentalmente, como duas ervilhas podres dentro da mesma vagem estragada.

— Até que você não é tão burro quanto parece — comentou ela.

Os outros ficaram calados, num silêncio que já respondia à pergunta de Nash. Ele coçou de novo o pescoço, para mostrar que também fazia parte daquele clube exclusivo. Todos começaram a buscar uns nos outros os sinais do vício pesado em heroína. Só Kenny não dava muito indício de abusar das drogas, mas ele também era o mais jovem. Os dedos de Ginger deslizaram pelas veias do próprio braço, tocando em cada uma das picadas que marcavam a pele.

— Eu sou escrava da heroína há anos.

Os outros assentiram ao mesmo tempo: marionetes do vício atadas umas nas outras. Nash se inclinou para examinar os braços da Ginger e se aproximou o máximo que conseguiu. A mulher deixou, mas só para que ele deixasse que ela permitisse o mesmo. Os dois estavam no mesmo pé, sendo que Nash, um pouquinho pior.

— Ela escravizou todos nós — acrescentou Nash. — É o que faz de melhor.

Todos evitaram se entreolhar, tentando esconder as

cicatrizes e as feridas, remexendo nas roupas e nos cabelos e mostrando um repentino interesse à sua volta. A tensão no ar evidenciou que ninguém estava a fim de continuar aquele papo. Kenny foi a única exceção. Ele levantou a mão e acenou até chamar a atenção de todos.

— Aê... hã, por quanto é que vocês estão comprando bagulho, hein?

8

DOIS DIAS ANTES.

— Quanto é que você pagou por essa parada? — quis saber Kenny.

— O mesmo que em tudo quanto é canto — respondeu Merle.

Kenny Colbert se remexeu, inquieto, na poltrona de couro. Começava a ficar impaciente. Só de olhar para a pasta marrom que circulava pelos dedos de Merle já tremia de satisfação.

Matty, por sua vez, continuava sentado, imóvel. Falou baixinho, como se levantar o tom de voz fosse atrapalhar os preparativos:

— A diferença é que essa aqui é da boa, e não aquela merda fraca pra caralho que *tu* fica comprando.

Kenny se colocou na defensiva.

— A minha parada não é ruim, não.

Do sofá, Matty e Merle trocaram um sorrisinho malicioso. Kenny se inclinou para a frente na cadeira, buscando o apoio dos dois.

— Peraí, a minha H não é tão ruim assim, não...

— E também não é da boa não, pirralho — retrucou Merle. — A gente tem que melhorar a tua seleção.

— E tu tem é que aprender a tomar remedinho direito — acrescentou Matty, fazendo um gesto com a cabeça em direção à seringa, na beirada da mesa de centro. — Feito um adulto.

— Eu já falei que morro de medo de seringa — choramingou Kenny. — Não vou tomar pico, não.

Matty resmungou:

— Ah, para de melindre, vai! Tu não recupera a tua grana só cheirando. Tem é que injetar, pra viajar melhor.

— Eu *não* gosto de agulha, Matty.

— Eu adoro esse pirralho — disse Merle, rindo. — Aconteça o que acontecer, o cara não dá o braço a torcer.

Merle se aproximou e apertou o pescoço de Kenny, deixando os dedos ali por mais tempo do que o necessário. Kenny empurrou as mãos dele e se inclinou. Odiava ficar segurando vela para Matty e Merle, ou M&M, como eram chamados. Na opinião de Kenny, o único gostoso entre os dois era o Matty. A tez de tom azeitonado, os cabelos castanhos encaracolados, complementados por olhos cor de mel, eram quase meigos demais. Merle parecia totalmente sem sal perto dele. Ele era muito mais velho, andava engordando e estava ficando grisalho nas extremidades da cabeça, mas sempre tinha grana para torrar. Sendo ao mesmo tempo traficante, ladrão e cafetão, andava com bastante dinheiro. Seu jovem michê, o Matty, também contribuía com boa parte da renda. Como já estava velho demais para vender o próprio corpo, Merle tinha assumido um papel quase paterno em relação ao seu aprendiz de putaria, o que não o impedia de trepar com Matty, quando Kenny não estava por perto. Tampouco o impedia de tentar o mesmo com os amigos de Matty, de vez em quando.

— Vai demorar muito ainda? — perguntou Kenny. — Estou na maior fissura, porra.

Kenny viu as horas num antigo relógio de pé, que não tinha nada a ver com o lugar e ficava ao lado de uma TV de tela plana de 50 polegadas, na parede oposta, objetos que ele tinha recebido como permuta. Observou o ponteiro de segundos se mover mais rápido do que deveria, embora o tempo em si se arrastasse. Devia ter tomado pico horas atrás.

— Fica frio aí — disse Matty — se tu quiser a parada bem preparada e não feita nas coxas.

O celular de Merle tocou e ele o tirou do bolso. Estava sorrindo antes de observar o visor, mas o sorriso sumiu quando ele reconheceu o número. Rugas surgiram em sua testa. Ele se levantou do sofá resmungando.

— Você continua aí, Matty — ordenou ele. — Eu vou ter que atender esse telefonema aqui.

— Porra, Merle. Dá um tempo, né, a gente tá no meio do preparo da...

— E tu acha que eu não sei? — vociferou Merle. — Tem coisa que é um pouquinho mais importante que o caralho da pasta marrom.

Kenny não gostou do tom de voz dele. Mostrava o lado Merle-cafetão, o "não dá uma de escroto comigo" que aparecia de vez em quando. Matty devia ter cedido, mas resolveu encher o saco do cara.

— Como *o quê*, hein, Merle? O que é mais importante do que isso aqui? Anda, conta aí, porque eu tô louco pra saber.

Kenny teve certeza de que Matty ia levar um tabefe pela insolência, e o cara teria levado mesmo, se o celular do Merle não tivesse continuado a tocar insistentemente, obrigando o coroa a sair dali para ter mais privacidade.

— Cuida do Kenny aí — disse Merle olhando para trás, conforme se dirigia ao quarto. — E prepara a minha dose. Eu volto daqui a uns dez minutos.

Então ele bateu a porta do quarto, fazendo Kenny estremecer. Matty nem pestanejou, deu prosseguimento ao preparo, balançando a cabeça de um lado para o outro, com indiferença.

— O que aconteceu? — perguntou Kenny.

Matty deu de ombros.

— E quem dá a mínima?

— Você não?

Matty revirou os olhos. Não queria nem saber do que o pai-cafetão estava tratando. Seu único interesse era a heroína na sua frente. Mas a curiosidade de Kenny tinha sido atiçada.

— Ele tá tratando de uns negócios? — quis saber.

— Ele sempre tá tratando de uns negócios — retrucou Matty. — Não fala de outra coisa.

— No que ele anda se metendo ultimamente?

Matty lhe deu um sorriso impaciente.

— Escuta aqui, tu tá a fim de ficar doidão ou de matraquear?

Então Kenny percebeu que Matty não estava nem um pouco disposto a falar do Merle nem dos negócios dele, que provavelmente envolviam o corpaço peladão do rapaz, nas posições mais comprometedoras possíveis.

— Eu quero ficar doidão— respondeu Kenny, voltando a atenção para a heroína.

— Espera um segundinho aqui — sussurrou Matty.

Ele caminhou na ponta dos pés até a cozinha, remexeu numas gavetas e voltou logo em seguida, com um sorriso misterioso, segurando um troço.

— Eu tenho um presente pra você.

— Sério?

— A-hã, mas não conta pro Merle, falou?

— Não conto, não. Prometo.

Matty ergueu a mão e mostrou um pacotinho com pó branco.

— Esquece a pasta marrom, vou te dar uma parada mil vezes melhor. O Merle descola isso aqui com um contato especial de vez em quando. Não é sempre, não, só quando o fornecedor dá as caras na cidade, o que é uma pena, porque o lance é sinistro. Vem direto da fonte, do Afeganistão. É lá que os caras cultivam a melhor papoula do planeta.

— É mesmo? — Kenny sorriu. — Maneiro.

— Ah, tu não faz nem ideia, parceiro. Hoje em dia quase não tem controle de qualidade, mas essa parada aqui é de primeiríssima. Tá pronto pra tua dose?

— Eu tô, vou só dar uma mijadinha antes.

Kenny se levantou e foi até o banheiro. Se a coisa era tão boa quanto Matty estava dizendo, podia acabar se mijando todo. Uma vez, quando ele estava doidão, sua bexiga relaxou sem querer sob a influência da droga de primeira. Ele passou pela porta fechada do quarto em que Merle falava ao telefone e ouviu uma voz abafada, em tom rápido e nervoso. Curioso, tentou ouvir a conversa, supondo que Merle estivesse falando com um provável cliente sobre Matty e os serviços que ele prestava.

— Escuta aqui, eu sei quem é o cara que vai te agradar. Só tô dizendo que o moleque é gente boa... Eu sei, saquei, e tu não precisa me lembrar disso não... Olha só, negócio é negócio. Já te deixei na mão antes? O cara vai atender tuas *necessidades*... se encaixa no teu perfil...a-hã... a-hã... Vou mandar o mano embrulhado pra presente pra tu em menos de 24 horas...

Kenny se afastou, sentindo-se mal por querer saber dos

detalhes sórdidos dos favores sexuais que Matty prestava e quais seriam os preços. Seu amigo não costumava falar sobre o que fazia para se manter, e, de repente, ele se sentiu culpado por escutar atrás da porta. Seus próprios pais, gente rica e influente, costumavam discutir na privacidade do quarto deles quando Kenny era pequeno. Um de seus maiores arrependimentos foi ter encostado o ouvido na porta fechada do quarto dos dois, o que o levou a descobrir a extensão do ódio que o pai sentia por ter um "filho veado". A mãe não se saiu muito melhor, ao dizer com convicção que a homossexualidade do filho era passageira e que, com muita reza e paciência, Deus o corrigiria. Uma ilusão, algo que Kenny sabia até mesmo naquela época. Quando tinha 16 anos, foi expulso de casa, depois de ser flagrado no porão com a mão dentro das calças de um rapaz mais velho. Em menos de 24 horas, estava na rua, com nada além da mala que sua mãe tinha feito e as palavras do pai ressoando na mente.

Sua escolha é uma afronta a Deus, filho. Eu e sua mãe nunca mais queremos ver você de novo.

Kenny urinou e voltou para a sala, angustiado com as lembranças e louco para se livrar delas. A heroína ajudaria. Queria ter coragem de ir além e passar para o pico, mas sua praia era dropar. Afinal, cheirava feito aspirador de pó. Muita gente podia atestar isso.

— Aqui tá a bala de coco — disse Matty, sorrindo. — Bem na hora.

Kenny se jogou na poltrona. Matty tinha preparado a sua dose e já estava aquecendo a parte debaixo de um pedaço de papel alumínio. Então, Kenny fitou a seringa que estava perto dele. Matty percebeu.

— Tu tá pensando em mudar de tática?

— Tô.

— Por que agora?

— Eu tô a fim de ir fundo. Quero mais é espantar os meus demônios e torcer pra que eles não voltem tão cedo.

Matty sorriu.

— Fumando ou injetando, essa parada aqui vai te levar na maior viagem. Pode crer.

— Eu odeio esse meu medo idiota de seringa...

— Na próxima vez, Kenny — disse Matty, com ternura. — A gente ajeita tudo pra você na próxima vez.

— Essas porras me assustam. Sempre me assustaram.

Matty afagou a mão do amigo.

— Olha só, eu mesmo vou aplicar quando tu estiver pronto. Tu mal vai sentir a picada quando o caramelo entrar na tua corrente sanguínea, sacou? Mas agora faz aí o que tu quer.

Kenny olhou para a seringa de novo.

— Qual é a sensação de tomar pico?

Matty deu um sorriso.

— É como se tu tivesse um verme incrível se mexendo dentro da tua cabeça.

Ele passou a droga. Kenny se inclinou para a frente com o cachimbo e inalou os vapores que saíam do papel alumínio, até os músculos relaxados o levarem a recostar nas almofadas. Fechou os olhos e caiu de cabeça na euforia da droga, o mergulho afastando suas preocupações e prolongando o tempo, para muito além do tique-taque do relógio de pé. Vagamente, no cerne da cabeça, teve certeza de sentir o verme mencionado por Matty, serpenteando, dançando, transando com sua massa cinzenta. Kenny falou, maravilhado:

— A melhor parada de todas.

9

HOJE.

— Está cada dia mais difícil conseguir parada da boa — comentou Kenny. — Mas de vez em quando eu ainda descolo umas que são show de bola.

— É isso aí, eu ouvi dizer que em Overtown o lance é de primeira — disse Felix. — Lá em Liberty City você pode se considerar sortudo se não te roubarem botando um monte de bicarbonato. Eu já injetei bicarbonato no meu braço várias vezes.

— Comprar na esquina é roubada — acrescentou Ginger. — Melhor se meter com um dono de boca de confiança.

Felix moveu o quadril para a frente.

— Ou então deixar que o traficante meta em você, né?

Ginger pensou em Curtis.

— Vai se foder.

Felix deu uma risada.

— Nem pensar, querida. Se eu for, você vem junto!

Ginger ergueu os cantos da boca, num sorriso irônico. Felix

gostou.

— Quem sou eu pra julgar alguém? — continuou ele. — Você não faz nem ideia das coisas que eu já fiz pra conseguir essa pastinha marrom.

— Caralho, não dá pra gente parar de falar de droga pelo menos um minuto? — questionou Nash, apertando o estômago, que roncava. — Vocês estão me deixando fissurado.

— Porra, cara, que outra coisa tem pra fazer? — perguntou Felix, olhando ao redor, para o mar e a praia. — Está a fim de dar um mergulho? Tomar sol?

— Estou é a fim de ter umas respostas.

— E como é que você vai conseguir isso?

— Bom, pelo visto, tem outra pessoa nessa ilha que a gente ainda não conhece. — Nash se levantou com cuidado, receando aumentar a dor nas entranhas. Então, apontou para as pegadas que iam da praia até o matagal e as árvores. — Eu acho que a gente deve seguir essas pegadas.

Felix deu de ombros. Ninguém parecia ter uma ideia melhor. Nash foi na frente, e os outros o seguiram. Apenas Ginger hesitou, relutando em ser liderada por um cara com quem tinha se estranhado. Kenny olhava para trás o tempo todo, o olhar preocupado insistindo que ela acompanhasse o grupo.

— Vem, Ginger.

Ela correu para alcançá-los, sabendo que o rapaz não ia se dar bem se não estivesse por perto. Eles caminharam em fila única pela mata, pisando no capim alto e afastando galhos, seguindo a trilha na medida do possível. Depois de ultrapassarem a linha das árvores, viram-se em meio a um emaranhado de folhas e troncos. A atmosfera quente e úmida os deixou com a pele grudenta ali. Insetos zumbiam na vegetação e se afastavam quando o grupo se aproximava. Em

poucos minutos tinham ultrapassado a pequena mata no centro e chegado ao lado oposto, confirmando que se tratava de uma ilha, com apenas centenas de metros de largura. A outra praia com que depararam seria idêntica à que eles tinham acabado de deixar, não fosse pela figura solitária sentada na areia a algumas centenas de metros de distância dali.

Nash se virou para Felix.

— Que tal a gente ir se apresentar pra porra do Robinson Crusoé lá na frente?

Felix deu um sorriso malicioso.

— Tenta me chamar de Sexta-feira, seu fiel servidor, pra ver o que acontece!

Felix deu uma gargalhada ao ver o olhar arregalado de surpresa de Nash e tomou a frente, caminhando na direção do novo participante na praia. O estranho não pareceu notar. Quando se aproximaram, viram que ele estava sentado do lado de um baú de metal, com a tampa aberta. Felix gritou para chamar o sujeito, que não reagiu e se limitou apenas a observar com o canto dos olhos. Ele começou a correr, chegando perto do homem antes dos outros.

— Quem é você? — perguntou Felix, fazendo um gesto com o queixo em sua direção.

Os olhos do mulato se mostravam inexpressivos, o sorriso, mais ainda. Sem sombra de dúvida, era outro como eles, com marcas de picada e tudo o mais. Parecia ser o mais velho e acabado de todos. Cabelos encarapinhados desgrenhados, roupas em petição de miséria e arranhões e cicatrizes espalhados por cada pedaço exposto da pele azeitonada. No meio da barba grisalha manchada de nicotina havia um esboço de sorriso, que dizia simplesmente: *Não tô nem aí pra porra nenhuma*. Ginger e Kenny, curiosos, deram um passo em

direção ao baú aberto, mas o sujeito, apenas com um olhar, os impediu de continuar. Felix se aproximou do cara, tentando se impor.

— Ei, eu te fiz uma pergunta.

Não houve resposta. Felix soltou um resmungo e cerrou os punhos. Nash se meteu, sabendo que o outro procurava uma desculpa para bater em alguém.

— Eu sou o Nash, e esses são Felix, Ginger, Kenny e Maria — apresentou ele, apontando para cada um ao dizer o nome. — Vamos começar com o pé direito, falou? Qual é o seu nome, parceiro?

— Tallahassee Jones — respondeu o sujeito, languidamente. — Mas pode me chamar de Tal, se quiser.

Felix respirou fundo, mas relaxou as mãos. Nash soltou um suspiro de alívio. Não queria saber de violência naquele dia, fosse entre negros ou não.

— Tal, então — disse Nash. — Você tem alguma noção do que tá acontecendo? Ou tá totalmente por fora, que nem a gente?

— Tem um lance aí que eu posso mostrar pra vocês — respondeu o homem. — Mas não é grande coisa, não.

Tal inclinou a testa enrugada em direção ao baú aberto do lado dele. Maria recuou, com medo, mas os outros quatro se aproximaram e examinaram o interior da peça. Havia seis sanduíches embrulhados com papel-filme, acondicionados organizadamente lá dentro, além de várias maçãs, uma caixa de barra de cereal e uma dúzia de garrafas de água.

— Mas o que é isso, uma porra de um piquenique? — perguntou Ginger, com raiva.

Os outros ficaram mudos. Havia um envelope branco encaixado entre a lateral do baú e as garrafas, sem endereço,

rasgado numa ponta.

— Olha só, será que alguém pode me fazer o favor de explicar o que é isso? — questionou Kenny, lamurioso. — Tipo assim, agora mesmo, caralho?

Ninguém disse nada. O olhar de Kenny ia de Nash para Felix, esperando que alguém desse alguma explicação que fizesse sentido. A cada instante que passava, ele franzia ainda mais o cenho. Maria avançou devagar até o baú e se inclinou para olhar, tensa, como se esperasse que algo fosse saltar e atacá-la. Felix meteu a mão lá dentro e pegou um dos sanduíches. Examinou-o de vários ângulos, perguntando-se se estava envenenado.

— É um misto, alguém está a fim de um? — perguntou ele.

— Come você primeiro — respondeu Ginger. — Primeiro os mais velhos, depois as mulheres gatas.

Felix retrucou:

— Eu não tô vendo nenhuma gata aqui, não.

— Lê aí a carta que está dentro do envelope — pediu Tal.

Ginger estendeu a mão para pegá-la, mas Nash foi mais rápido e tirou o papel dobrado de dentro, em que havia um parágrafo digitado em caracteres negros com fundo branco. Os outros prenderam a respiração. Nash leu a mensagem em voz alta, lenta e cuidadosamente.

Prezados civis,

Saibam que ninguém virá ajudá-los. Todas as providências foram tomadas para evitar que isso acontecesse. Aproveitem o que foi disponibilizado, mas fiquem sabendo que não receberão mais mantimentos. Seja como for, água e comida não vai ajudar muito, já que vocês anseiam por algo mais, numa fissura que aumentará cada vez mais com o passar do tempo. Se quiserem sua próxima dose de droga, vão ter que fazer por merecê-la. Sua meta é chegar à ilha que fica do outro lado do canal, ao norte, onde outro baú de suprimentos os espera. Nele há também uma porção da mais pura heroína, de uma

qualidade que com certeza jamais provaram. Vocês encontrarão mais instruções no próximo baú. Comecem quando quiserem.

Havia uma frase adicional que Nash não mencionou para os demais. Leu-a calado, conforme dobrava a nota.

Vocês estão sendo observados o tempo todo.

Todos ficaram em silêncio. O conteúdo da carta era pesado demais para ser digerido de uma só vez. Nash ficou com ela. Ninguém mais parecia interessado em ler a mensagem. Tal encarou Nash, com a sobrancelha erguida, ciente de que a última frase não tinha sido mencionada.

— Quem foi que deixou isso aqui pra gente, cacete? — vociferou Kenny.

— Aposto que foram *eles* — respondeu Tal, levantando-se.

Ele esticou o braço e apontou o dedo troncho para o mar. Mais além, estava a ilha indicada como meta na carta, a mais ou menos 1,5 quilômetro de onde se encontravam. E, entre eles e a ilha, no mar, havia um grande iate a motor ancorado.

— Um barco? — indagou Maria, com um olhar esperançoso.

Nash ficou impressionado por nenhum deles, com exceção de Tal, ter percebido que ele estava ali. Assim que o viu, Kenny correu para a beira da água, agitando os braços.

— Ei! — gritou. — Ei! Aqui!

Ginger e Felix logo começaram a acenar desesperadamente também. Tal deu uma gargalhada ao ver a agitação dos três e depois olhou para Nash, com um sorrisinho irônico. Nash não gostou do jeitão dele. Parecia um desdobramento da expressão que Tal tinha feito antes, a do “não tô nem aí”, só que indicando algo mais sinistro.

Acho que eu preferia não saber de nada, pensou Nash.

Ele e Maria espreitaram o iate parado. A distância não permitia distinguir muitos detalhes, mas Nash conseguiu entrever os contornos indefinidos de duas pessoas, de pé, na proa da embarcação branca. A agitação na praia não provocou nenhuma reação da parte deles, apesar de ser óbvio que olhavam naquela direção. Logo depois, uma terceira figura surgiu e se juntou às demais. Os três ficaram ali, imóveis, observando as seis almas desamparadas na praia distante.

— Anda, pô, a gente não tá tão longe assim — disse Felix, agitando as tranças rastafári, sem poder acreditar.

Ele acenou outra vez e parou. Ginger já tinha desistido. A falta de participação de Nash, Maria e Tal já dizia tudo. Kenny continuou em polvorosa, sem se deixar intimidar pela desistência dos outros.

— Caramba, será que eles são *cegos*? — bradou Kenny. — A gente está bem *aqui,* cacete!

— Eles estão vendo a gente — informou Nash. — Sabem muito bem que a gente está aqui, porque foram eles que trouxeram a gente pra cá.

Kenny se virou, chocado, com os olhos marejando. A carinha de bebê estava contorcida numa tensão rosácea. A expressão de derrota no rosto de todos deixou-o assustado e irritado, levando-o a chutar areia.

— Mas que *merda*.

A brisa ondulou o papel na mão de Nash, chamando a atenção de Felix. Ele apontou para a carta, e Nash a entregou. Felix leu toda a mensagem, em silêncio, e tampouco comentou a última frase com os outros.

— Foram aqueles caras — declarou. — Só pode ter sido eles. O barco e a mensagem têm a mesma origem.

— Mas o que querem da gente? — perguntou Maria.

— Querem que a gente dê o primeiro passo.

— O primeiro passo? — repetiu Kenny. — O que exatamente a gente tem que fazer?

O que eles tinham de fazer estava especificado com clareza na mensagem, mas ninguém se atreveu a falar: ninguém queria admitir. Eles desviaram o olhar do barco para o canal que os separava da outra ilha. Parecia relativamente calmo, com matizes azul-escuros nos trechos mais profundos e afastados da costa. Apesar da calmaria, a ideia de atravessar o canal os apavorava. Um quilômetro e meio era uma distância enorme para se nadar, e só Deus sabia o que espreitava naquelas águas.

— De qualquer forma, a gente não ia conseguir — disse Felix, por fim.

— Talvez a gente consiga, sim — argumentou Nash.

Do canto dos olhos, ele viu Tal coçar a orelha como um cachorro pulguento. Na frente dele, Ginger esfregava a nuca com as unhas, sem parar. Nash sentiu outro espasmo no intestino. Kenny chutava a areia na direção da ilha, espalhando grãos na água.

— Que se foda *essa porra* — desabafou ele. — Eu não vou. De jeito nenhum. Não mesmo.

Todos ficaram calados, concordando com Kenny. Aquilo seria suicídio. Todos os seis se posicionaram desafiadoramente na beira do mar e ficaram ali, parados, por um bom tempo. As três silhuetas do barco tampouco se moveram.

— Isso pode durar o dia todo, cacete — disse Tal, por fim, antes de sair andando.

10

ONTEM.

— Isso pode durar o dia todo, cacete — resmungou Tal.

Mesquinharia era apelido. Não tinha sequer uma notinha dentro do boné de beisebol posicionado aos pés dele. Tallahassee Jones olhou outra vez de um lado para o outro no calçadão. Tinha gente passando aqui e ali, não tanta quanto ele queria, mas o suficiente, esperava, para garantir uma grana pelo seu show de música vespertino. Mas o boné sugeria outra história.

— Galera, vamos lá, vocês dão uma graninha e eu toco de montão.

Tal enxugou a testa com uma bandana. O sol estava quente demais, apesar de já ser fim de tarde. No céu quase não tinha nuvens, e não havia nem sinal da brisa do mar. Tal tinha passado boa parte da semana dedilhando seu violão acústico caindo aos pedaços, no calçadão, mendigando uns trocados no calor escaldante. Só jogavam umas moedas aqui e ali, e mesmo assim das de 10 e 5 centavos. Entre uma canção e outra, ele

tomava umas goladas de uma das latas grandes de Budweiser, metidas num saco de papel. A cerveja que bebia estava morna e amarga, mas ele nem se importava. Com aquela já conseguia encher a cara.

— Pelo amor de Deus, descolem aí uma migalha que seja! — queixou-se ele.

Em seguida, esvaziou a segunda lata de cerveja da noite, deixando um filete de espuma âmbar escorrer pelo canto da boca. Em seguida, soltou um arroto ruidoso e amassou a lata na sacola, para o desgosto de uma velha branquela que passeava por ali com o seu Yorkshire.

— Que nojento — comentou a mulher.

— Vai levar a tua cadela pra passear noutro lugar, sua puta — resmungou Tal.

Mas a senhora já havia se afastado, puxando o cachorrinho impertinente pelo pescoço. Já chapado com a cerveja, Tal perdeu a timidez e resolveu se soltar. Afinou o violão, pigarreou e começou a tocar uma versão frenética de "Waiting in Vain", de Bob Marley, o som das cordas denso, a voz de tenor rouca. Tocava de olhos fechados, e só os abria para agradecer aos pedestres quando ouvia o tilintar de moedas batendo umas nas outras dentro do boné. Nos últimos tempos, Tal não pensava mais numa paixão fugaz quando cantava "Waiting in Vain". Na verdade, a última coisa que passava por sua cabeça era mulher. Agora ele associava a letra da música à heroína.

— "Faz três anos que eu bato na sua porta..."

Três anos desde que a heroína tinha tomado conta da vida de Tal. Antes, ele alegava que só se drogava de vez em quando, por diversão, se é que se podia dizer isso dela. Era quase impraticável classificar como *casual* aquele narcótico, que nunca podia ser deixado ao alcance das mãos; na verdade,

podia ser considerado um adjetivo tão risível quanto o termo *usuário funcional*. Com a heroína, só se adiava o inevitável. O uso ocasional se transformava rapidamente num vício estomacal, que contorcia suas entranhas com punho de ferro, se você não tomasse outra dose na hora certa.

— "As lágrimas fazem os meus olhos arderem, as lágrimas fazem os meus olhos arderem..."

Tal já tinha chorado por causa da heroína. Inclusive implorado, rastejado, brigado, roubado e quase matado por ela.

— O som tá demais, cara — comentou um garoto que passou de skate.

Tal acenou com a cabeça, agradecido, mas o garoto não deu nada para ele.

Em geral, quando ele tocava ao ar livre, na marina, conseguia uma boa grana, ganhando muito mais do que quando caía na mendicância. Os abastados gostavam de ver os menos afortunados trabalhando para ganhar uns trocados. Queriam ser entretidos em troca de cada nota, fosse alguém cantando na calçada ou dançando sobre brasas. O pessoal que ancorava o barco na marina era cheio da grana. Alguns reconheciam Tal e lhe davam um trocado, mas, na maioria das vezes, ele se sentia um menestrel. De vez em quando, um espécime rico da raça branca chegava a ponto de passar por ele e o encarar como se fosse mesmo um, dando um sorrisinho de escárnio ou uma risadinha. Tal tinha vontade de acertar o violão na cabeça deles. Numa tarde daquelas, depois de encher a cara de cerveja, era bem capaz de fazer isso.

Ele observou os iates caros balançando sobre as ondas e desejou ter uma conta bancária como as dos proprietários daquelas belezuras. Guardou os nomes: *Odyssey Two, North Star, Esmeralda, Pelican Briefs, The Naughty Nemo*. Alguns

velejariam até Florida Keys, rumo ao lugar para o qual Tal sonhava fugir, num barco luxuoso, com umas putas fogosas à disposição e uma montanha de cocaína na cabine. Ele conhecia melhor aquela área do que muita gente. Tinha aprendido sobre o lugar por ter trabalhado alguns anos como faxineiro da marina, antes de ser colocado na rua por invadir os barcos ancorados.

— Um trabalho de merda, de qualquer forma — resmungou, enquanto afinava a corda do Mi.

Ao longo do tempo que trabalhara na marina, ele entreouvira muita coisa. Um bando de gente com estilo de vida igual ao do Jimmy Buffet, com a cara cheia de margarita, tinha dado a Tal uma ideia do que é que os ricaços faziam em alto-mar. Ele passou a anotar tudo, um hábito que acabou levando-o a invadir as embarcações em busca de coisas para furtar. Sabia por quanto se vendiam aqueles barcos, quanto consumiam de combustível, quanto custavam os seguros e o quanto desvalorizavam no decorrer do tempo. Sabia quais peças podia roubar para revender por uma boa grana. Podia vender uma sonda para pesca por centenas de dólares, e um radar marítimo, por milhares.

Aquela área de Florida Keys, por si só, já eram de interesse para ele. Mais de 1.700 ilhas, dos mais diversos formatos e tamanhos, compunham o arquipélago, uma área de mais de 900 quilômetros quadrados de mar, salpicada de pontículos de terra firme. Tal sabia como era fácil se perder por ali. Todos os anos sempre havia alguns barcos que não voltavam.

Uns somem sem nem deixar vestígio, pensou.

O arquipélago podia ser cruel. Calor insuportável, clima maluco, rochas e recifes escondidos sob a superfície, perfeitos para perfurar cascos. Também se podia acabar com a viagem de

barco de outras maneiras: calcular mal o combustível, esgotar os suprimentos ou simplesmente cometer um erro de navegação. Se o barco tivesse algum problema, não era tão ruim assim, mas, se afundasse, aí o bicho pegava. Quem ficava à deriva num bote ou boiando com um colete salva-vidas tinha pouquíssimas chances de sobrevivência. Mesmo se contasse com um aparelho transmissor ou telefone para pedir socorro, precisaria esperar uma eternidade pelo resgate, se não tivesse as coordenadas exatas. Seria a famosa agulha no palheiro, uma partícula humana no meio da vastidão azul. Ter alguém procurando ou não pelo náufrago não mudava o tempo que demoraria até se deparar com alguém ali.

Tal até sabia que existiam lugares bem piores para se morrer no mundo. Aquelas ilhas eram uma região de beleza sedutora, o epítome do paraíso. O sol tropical, a praia e o mar talvez levassem a pessoa a pensar que tinha morrido e ido para o céu. Mas Tal sabia que o charme podia ser considerado uma das facetas do engodo. As paisagens de cartão-postal eram como véus de seda encobrindo rostos traiçoeiros. Havia criaturas ali que podiam dilacerar, picar, paralisar e devorar — tantas que não se podia lembrar de todas.

Geralmente, quando os donos de barcos desaparecidos reapareciam, já eram cadáveres. A temporada dos furacões era uma sentença de morte para qualquer um surpreendido naquele arquipélago. Os mais sortudos se afogavam. Os que não tinham tanta sorte morriam de fome ou de sede. As almas mais azaradas sucumbiam das formas mais aterrorizantes, daquelas que se veem em pesadelos. A natureza tem o hábito de unir a bela com a fera. E aquele lugar não podia ser considerado uma exceção. Suas feras eram sedentas por sangue.

Tal se lembrou de uma vez, há muito tempo, em que ele foi pescar com uns amigos que não via fazia muitos anos. Desde o início, tinham sido avisados, chegando até a ouvir algumas histórias de advertência durante o almoço numa ilha. O capitão, com bafo de bebida e cigarro, fez questão de prevenir a todos que se deixar seduzir pelo charme de Florida Keys era uma idiotice e, como exemplo, contou o caso do irmão corajoso que, certa manhã, partiu para um mergulho subaquático e nunca mais voltou.

Tal não se recordava muito bem dos detalhes, mas lembrava-se claramente de que as histórias do capitão o assustaram, a ponto de ele considerar pular a etapa do mergulho de snorkel. Quando, por fim, entrou na água, ficou perto do barco, recusando-se a se aventurar muito longe. Pela máscara, ele viu tudo que precisava: baixios que se espalhavam e se precipitavam em paredões pelos rochedos e recifes até as áreas mais profundas, nas quais ele observou cardumes nadando e crustáceos passeando pelos corais, tão afiados que eram capazes de rasgar a pele de uma pessoa.

Porém, foi o que ele não viu que o convenceu a se manter fora d'água para sempre. Um pouco mais afastadas, criaturas maiores nadavam nas profundezas, mais geladas e escuras, nas quais a luz do sol ia sendo tragada aos poucos até a penumbra virar praticamente um breu líquido absoluto. Poucas espécies se aventuravam a penetrar naquela escuridão gelada. As mais ousadas raramente voltavam. De tempos em tempos, os últimos raios de sol incidiam sobre grandes dorsos que patrulhavam as profundezas — criaturas que também iam até a superfície.

You'll never catch me diving down there, pensou Tal, contemplando a imensidão do oceano que se estendia para

além da marina.

Ele afinou o violão de novo, decidido a ganhar uns trocados dos pedestres. O sol se punha no horizonte. Os postes ao longo do calçadão se iluminaram, consumindo energia o bastante para transmitir suas luzes tremeluzentes. Tal abriu a terceira lata e olhou de um lado para o outro no calçadão, a fim de checar se os policiais estavam por perto. Como não tinha quase ninguém por ali, ele resolveu tocar outra música do Bob Marley, uma versão em ritmo suave de "I Shot the Sheriff". Fechou os olhos e tocou.

— *Every time I plant a seed, he said Kill it before it grow...*

Tal dedilhou as cordas e cantou com entusiasmo. Assim que tocou o último acorde, abriu os olhos. Ele não tinha ouvido nada tilintar no boné durante toda a apresentação, mas uma alma generosa havia reconhecido seu talento e deixado uma nota silenciosa de 10 dólares. Ele olhou ao redor, tentando descobrir quem fora. Não tinha ninguém por perto, a não ser um casal de corredores. Só havia uma réstia de luz no horizonte. Tal começou a sentir a fissura na hora de sempre. A cerveja não seria o bastante. Ele tinha que alimentar o vício, descolar uma H. Pensou em terminar cedo e se mandar para o seu bairro. Olhou para dentro do boné. Tinha quase o bastante para uma dose decente.

— De repente eu consigo um desconto.

Olhou para os dedos cheios de bolhas e esfolados, de tanto tocar nos últimos dias. Bastava. Guardou o violão e meteu os trocados no bolso. No caminho para casa, ia visitar seu novo fornecedor, um traficante das redondezas conhecido como Al Catraz. Havia pouco, ele tinha conseguido descolar um pó perfeito com o sujeito. Precisava de mais um pouco dele.

O vaivém de pessoas na marina era incessante. Tal nem deu

bola para as passadas que se aproximavam dele por trás, um pouco antes de alguém o segurar e o imobilizar com braços fortes. A picada da agulha no pescoço fez seu mundo rodopiar e se desacelerar. Tudo escureceu, ele perdeu os sentidos e caiu no chão.

11

HOJE.

Tal caiu na areia, as mãos pressionando o estômago dolorido. Os outros ao redor entendiam o que estava acontecendo com ele, já que suas próprias entranhas se reviravam e queimavam por dentro. Felix tirou areia de dentro do umbigo e chamou a atenção de Nash com um resmungo.

— Para aqueles caras a gente não passa de alguns civis — comentou.

Nash parou de roer as unhas para lhe fazer uma pergunta.

— Como é que é?

— Eles chamaram a gente de civis na carta — respondeu Felix. — Não de cidadãos, nem de prisioneiros, nem de reféns.

— E daí?

— E daí por que iam se referir à gente desse jeito? Quem é que chama as pessoas de civis?

Nash ponderou sobre o assunto.

— Gente do governo, eu acho.

Felix abanou a cabeça.

— Os milicos.

— Os milicos?

— É isso aí, ou nessa linha. Vocês estão olhando pra uns caras cheios de poder, capacidade e condição, que encaram neguinho como a gente como seres inferiores e mais fracos.

— Onde é que você está querendo chegar? — perguntou Ginger.

Felix olhou para o iate.

— Nem eu sei direito.

— Então faça o favor de fechar a matraca — pediu Tal.

Felix achou que não tinha escutado direito. Olhou para o mestiço encolhido na areia, transpirando, com os músculos do rosto contraídos numa expressão de dor e os joelhos dobrados perto do peito.

— Hein?

Tal nem olhou para ele. Uma dor intensa consumia seu âmago, enrodilhando-o como uma bola de papel. Fechou os olhos com força, o maxilar estava contraído. Ele falou mais baixo do que antes.

— Para de falar.

Felix deu um sorrisinho glacial.

— O que foi que disse, bundão?

O grito de Tal deixou todos trêmulos.

— *Eu mandei você calar a porra da boca, crioulo!*

Felix demorou um pouco para se recuperar da explosão do outro. Então se posicionou para o ataque, erguendo os punhos, pronto para cair matando.

— Tá legal, babaca, primeiro assalto, vamos nessa.

— Felix! — bradou Nash. — Ele não tem culpa, é a droga.

O apelo foi em vão. Tal não aceitou o desafio, mas Felix o golpeou do mesmo jeito, acertando-o meio sem jeito na testa ao

se jogar sobre ele. Aturdido, Tal o imobilizou com os braços e as pernas, apertando-o. Os dois saíram rolando pela areia, num emaranhado negro e amarronzado. Felix vociferou, tentando encontrar uma forma de dar o próximo golpe:

— Tu acha que pode falar assim comigo, seu mulato nojento?

Os braços de Tal escorregaram, e Felix conseguiu dar outro golpe, só que errou o alvo e acertou a areia ao lado da cabeça do adversário.

— Crioulo? — prosseguiu Felix. — *Crioulo?* Eu vou te mostrar...

Felix viu que ia levar uma cabeçada e virou o rosto, mas a testa do outro acertou em cheio sua bochecha, acirrando ainda mais os ânimos. O golpe provavelmente foi mais doloroso para Tal, mas, ainda assim, machucou Felix bastante, transformando sua raiva em fúria.

— Ah, agora pode se considerar um homem morto, cara!

Nash e Ginger se aproximaram de Felix, agarraram um braço cada um e usaram toda força para tirá-lo de cima de Tal e afastá-lo. Kenny e Maria tentaram ajudar, mas só atrapalharam.

— Porra, Felix! — gritou Ginger. — Para, cacete!

Nash falou logo em seguida:

— Chega de brigar.

Felix se desvencilhou dos dois e caiu de costas. Em seguida, levantou depressa, pronto para outra briga. E apesar de seu semblante indicar que poderia enfrentar todos de uma vez, se fosse necessário, ele se conteve.

— Se encostarem a mão em mim de novo, vocês é que vão sentir a força desse punho aqui, ó — preveniu, erguendo o braço. — Quem avisa amigo é!

Nash e Ginger recuaram, as mãos erguidas, sem intenção de

brigar. Tal ficou deitado na areia, respirando com dificuldade, fitando o céu com os olhos injetados e marejados. Não estava nem um pouco preocupado com a possibilidade de Felix voltar para outro assalto. Sabia que o brigão não podia machucá-lo mais do que as pontadas e as dores que corroíam suas entranhas.

— Ele tá tendo uma crise de abstinência, cara! — gritou Nash para Felix. — Olha só pra ele. Tá sofrendo pra caralho. Ele não fez nada de propósito. Não sabe direito o que diz nem o que faz.

Felix observou o olhar alienado do homem, a expressão tensa, o corpo molhado de suor, as manchas avermelhadas nos locais em que a coceira esfolara a pele. Tudo indicava que Tal estava na antessala do inferno e logo, logo estaria entrando no próprio. Mais cedo ou mais tarde todos iriam para lá, sem exceção, sem escapatória. A dura realidade estava começando a minar a tranquilidade de todos ali.

— Já basta? — indagou Felix. — Ou tá a fim de outra leva?

Não obteve resposta. O desinteresse de Tal pela ameaça de agressão fez com que Felix desistisse de outro ataque, por ter se dado conta do que ocorria. Ele sentira na pele o que Tal estava sentindo: precisar da droga desesperadamente e não poder se picar. Não ficou com pena, mas ansioso, pois pensou na própria situação, que se agravava: a mesma de Tal, dali a pouco. Ginger se aproximou e pôs a mão em seu ombro, reconfortando-o.

— Tal começou antes da gente. Eu diria que está no seco faz um ou dois dias.

— Ah, tá — disse Felix. — Isso não dá o direito de...

— Não dá mesmo, Felix, você tem toda razão. Eu só tô falando que a crise de abstinência é a causa, não uma desculpa

pra essa porra. Vamos ver como você vai se comportar daqui a umas 12 ou 24 horas.

Nash pegou uma garrafa de água do baú. Em seguida, ajoelhou-se ao lado de Tal e colocou-a na mão imóvel do cara. Tal nem a segurou.

— Tal, você tá bem?

Ele pigarreou antes de responder.

— Ah, tô sim, mano, melhor impossível. Cem por cento, porra!

Ginger se aproximou de Nash e se ajoelhou para pôr as costas da mão na testa acalorada de Tal. Sentiu o galo deixado pelo golpe de Felix.

— Foi barra pesada, cara?

— Você já passou por isso antes? — indagou Tal, com uma lágrima escorrendo do canto do olho até o lóbulo da orelha. — Já ficou sem H na marra?

— Eu já tentei largar o vício várias vezes, sim.

— E como foi que se sentiu?

Ginger engoliu em seco.

— Uma merda.

Tal deu um sorrisinho amarelo.

— No mínimo! Aposto que tô muito pior do que qualquer um de vocês já esteve. Eu não controlo o meu vício. Meu vício é que me controla. Sacou?

Ela sacava. Tal rolou para o outro lado, evitando-a. Ele o fez com tristeza, mas não queria que a mulher o visse chorando.

— O que você quer que a gente faça? — perguntou Kenny.

— Quero que vocês vazem — respondeu Tal, fechando os olhos.

Não foi uma ordem. Eles fizeram o que ele mandou, afastando-se como se o homem tivesse alguma doença

infecciosa.

— E fiquem bem longe de mim — acrescentou.

O grupo não fez mais nenhum comentário: dispersou-se e seguiu em direções opostas. O tempo de abstinência cada vez maior os deixava cada vez mais irritados e mal-humorados. Pensar com clareza estava ficando difícil e controlar as emoções também. Manter a concentração passou a requerer um esforço maior, mas eles sabiam que tinham de ficar meio afastados uns dos outros.

Ginger tinha razão. Sem sombra de dúvidas, de todos eles, Tal era o que estava pior. Ele sentia uma dor cada vez mais insuportável deitado na areia, o que o fez se levantar. Andou a esmo até chegar à extremidade da ilha e deparar com um penedo. Encarapitou-se ali, curvando as costas de forma a aliviar um pouco o tormento nas entranhas. A visão da ilhota do outro lado do canal o fascinou, e seu tamanho e sua distância consumiram sua atenção. Calafrios tomavam seu corpo, bem como uma coceira incessante. Tal murmurava palavras sem nexo para si mesmo, e os outros ficaram felizes por tê-lo deixado sozinho.

Ginger e Kenny foram para o outro lado da ilha, onde tinham acordado, quando tudo começou. Levaram junto sua porção de comida, apesar da falta de apetite. Seus estômagos doíam, fazendo com que suassem frio e gemessem. Os dois se sentaram na areia, aconchegados, procurando freneticamente qualquer sinal de um avião ou de uma embarcação que passasse por ali.

Nash caminhou pela área, patrulhando o perímetro da ilha, perdido em pensamentos. Maria se refugiou na sombra de uma grande palmeira e fechou os olhos, na vã esperança de acordar daquele pesadelo. Felix parecia ter sumido de vista, mas Nash

conseguiu vê-lo, agachado, em meio aos arbustos — sabia o que estava fazendo. Não tomar a droga na hora dava diarreia, o efeito contrário da eterna constipação provocada pelo seu uso. E os vômitos também faziam parte dessa reação. Se Felix ainda não tivesse botado os bofes para fora, já, já estaria fazendo isso.

Nash vomitou bile atrás de uma árvore, depois de se certificar de que ninguém podia vê-lo. As brasas que ardiam em seus ossos entraram em ação e inflamaram os músculos, tormento que o fez ver estrelas. Em seguida, teve calafrios, que pareciam ficar mais fortes a cada tremor.

Eu nunca tive uma reação tão forte em toda a minha vida, pensou, contorcendo-se, ao sentir outra pontada nas vísceras.

Apesar dos diversos sintomas entre eles, a fissura era algo que consumia todos os seis. E a deles vinha aumentando exponencialmente desde que haviam acordado. Nash estava ciente de que a situação ainda podia piorar muito. Só tinha tentado se desintoxicar uma vez na vida, e com os suplementos certos. Ia ter de enfrentar uma barra pesada. Assim como todo mundo.

Nash evitou Tal nas duas primeiras vezes que circulou pela ilha. Na terceira, decidiu dar uma checada nele. Então, aproximou-se com cuidado, observando-o oscilar no penedo. Antes mesmo de dizer uma só palavra, já sabia que Tal estava bem pior.

— E aí, parceiro?

O outro se limitou a dar um gemido gutural, sem nem olhar na direção de Nash. Tal olhava para a frente, movendo os lábios sem dizer nada. Estava todo encolhido, com os joelhos encostados no queixo e balançando, lembrando a agitação de Ginger, observada por Nash quando ele acordou.

Tá pirado, pensou. *Uma vítima em estado de choque.*

O homem que Nash tinha encontrado pela primeira vez na praia estava praticamente irreconhecível. O rosto transfigurado, os olhos ferinos e injetados. Ele tinha coçado tanto os braços que sangue brotava das velhas marcas de pico, formando novas marcas de arranhões.

— De repente a gente consegue — disse Tal, subitamente. — Eu... porra, eu acho que consigo. Nem é tão longe assim. Não é tão longe mesmo.

Nash olhou na mesma direção que ele. A outra ilha parecia mais próxima daquele ângulo, mas ele sabia que não passava de ilusão. Tal se virou para Nash, os olhos distantes e esbugalhados.

— Não é longe, não é longe, não é longe. Uma nadadinha, Nash...

— Hein?

— É só uma nadadinha. A gente bate, bate as pernas, agita, agita os braços, e chega lá rapidinho.

Tal falava sério, a intenção apoiada pelo olhar vidrado e confiante, um acrobata sem rede de segurança, alheio ao perigo. A saliva se acumulou no canto da boca dele, quando se inclinou para a frente no trono de pedra. Um cheiro nojento de fezes penetrou as narinas de Nash. Ele suspeitou que o homem tinha borrado as calças e deu um passo para trás.

— Você podia se aliviar ali na água, cara — observou Nash. — Tá fedendo tanto que parece até que você saiu do traseiro de um mendigo.

Tal não deu ouvidos para ele. Fitou outra vez o canal, sorrindo feito um palhaço chapado, assentindo com empolgação.

— Eu e tu N-N-Nash — gaguejou. — Nós dois, cara. A-a gente

consegue, sim. Nadar por essa parada aí. Só nós dois. Vai sobrar mais droga, se for *só a gente*, né não? Se for só eu e tu, hein?

Nash teve uma vontade irresistível de quebrar a cara daquele drogado fedorento, que só falava merda. Por algum motivo, achou que umas porradas fariam os dois se sentirem melhor. Mas resistiu ao impulso. Sabia muito bem como funcionava a mente de um viciado. Os golpes não ajudariam a meter um pouco de bom senso na cabeça de um chapado, nem a acabar com sua estupidez. Seria uma perda de tempo e um desperdício dos nós dos dedos.

— Você tá pirando, cara — respondeu Nash. — Se acha que a gente consegue nadar até aquela ilha, tá sem a menor noção.

Tal lhe lançou um olhar vacilante, curvou a boca num sorriso de expectativa e, em seguida, observou-o com expressão embasbacada. Suas pupilas diminutas oscilavam de um lado para o outro, enquanto ele murmurava um monte de palavras ininteligíveis.

— Tá legal — disse Nash, olhando para cima. — Saquei.

Nash deu as costas e ignorou os sussurros dele, sem a menor vontade de se comunicar com o cara cada vez mais doidão. Tal voltou a se concentrar no mar, balançando as mãos na frente do rosto, em sincronia com o movimento das ondas. Nash deu apenas mais uns passos antes de voltar atrás. Daqui a pouco, podia muito bem ser ele ali, encarapitado no penedo, enlouquecendo devagar. Pelo menos, tinha de tentar. Ele pigarreou e tentou usar o tom de voz mais autoritário possível.

— Vamos nessa, Tal. Desce daí e se liga. A gente já devia estar lá com a galera.

Foi o mesmo que se tivesse falado para um vendaval. Suas palavras não chegaram a ninguém. Tal estava completamente

alienado, e estava à deriva ali no penedo, tudo estava sem nexo, exceto a ilha ali perto e a droga que estava lá. Nash respirou fundo para repetir o que dissera, mas expirou sem dizer nada. Não podia fazer mais nada. Mostrou o dedo do meio para Tal e se virou de costas.

— Tá legal, fica aí apodrecendo na rocha.

Enquanto andava pela praia, Nash olhou de esguelha, de novo, para o mar. Em meio às ondas azuis e às cristas brancas, vislumbrou algo acinzentado, que desapareceu tão rápido quanto surgiu. Ele esperou para ver se tornava a emergir. Como não foi o que ocorreu, Nash olhou para Tal, perguntando-se se ele também teria visto o mesmo, mas ele estava com a cabeça inclinada para o céu, abrindo e fechando a boca como um peixe de aquário. Voltou a caminhar pela praia, com um novo peso na boca do estômago. Não conseguia tirar da cabeça a criatura que emergira. Não estava cem por cento certo, mas achava que era uma barbatana.

Quando ele passou por Maria, sentada debaixo da palmeira, sua expressão preocupada não passou despercebida. Ela fez um gesto com a mão, para que Nash parasse.

— Ei, por que está com essa cara?

12

ONTEM.

— O que aconteceu com o teu rosto? — perguntou Maria, apontando.

Pablo a encarou, meio irritado. Maria quisera fazer aquela pergunta desde o dia em que se conheceram. Agora, estava bêbada o suficiente para fazê-la. As cicatrizes despertavam a curiosidade dela. Maria falava arrastado, acentuando ainda mais o sotaque cubano.

— Como foi que tu ficou assim?

— Assim como? — quis saber Pablo.

— Com esses cortes aí e tudo o mais.

Ela percebeu que Pablo não queria tocar no assunto. Ele percorreu com os dedos as três cicatrizes finas e paralelas que marcavam o lado esquerdo do rosto e, então, passou o polegar nas duas mais grossas, perto da costeleta. Evitou tocar na horrenda, que se destacava na testa, de um lado até o outro. Maria se deu conta de que aquela evocava as piores lembranças.

— Meu rosto ficou assim principalmente por causa de umas facadas que eu levei — respondeu ele, por fim. — Mas tem também umas cicatrizes por causa de fogo.

Pablo pegou a garrafa de cerveja aos pés dele, virou o rosto e tomou uma golada. Maria teve vontade de perguntar quem teria atacado com facas e fogo o mexicano baixinho e por que, mas se conteve. Corria um monte de boato sobre o seu companheiro. Alguns diziam que ele tinha ligação com os cartéis. Outros, que era um X9. Todo mundo sabia que o cara podia ser considerado mais dependente do que traficante. Sob a luz de uma única lâmpada exposta, pendurada à porta dos fundos de um restaurante perto deles, Maria vislumbrou outras cicatrizes, pequenas e esbranquiçadas, na nuca dele. Nunca tinha visto um cara tão cheio de cicatrizes quanto ele.

— Faz um tempão que isso aconteceu — contou Pablo. — Em outra vida.

Ele se levantou e se esticou para dar uma inspecionada no beco que ele e Maria tinham escolhido para se picar. Nunca deixava a paranoia de lado, mas, com tantos cortes e cicatrizes colecionados ao longo dos anos, Maria não achava que fosse de estranhar.

— Umas foram por acidente — prosseguiu Pablo. — Mas as outras...

Maria ergueu a mão.

— Tá legal, não precisa dizer mais nada, não.

Pablo assentiu e tomou outro gole. Maria bebia de sua lata de cerveja barata, chegando a amassá-la inadvertidamente, com a mão trêmula. Estava seca por um pico. Pablo ainda não tinha mostrado a ela o que havia conseguido descolar na esquina ali perto, e Maria estava ficando desesperada para dar uma olhada.

— Essa parada aí que tu descolou pra gente. É da boa, né?

Pablo deu uma batidinha no bolso da camisa xadrez.

— Não podia ser melhor, *chica*.

— Tá esperando o quê, então?

Pablo examinou o beco outra vez, com hesitação. Maria percebeu que tinha alguma coisa errada. Ele observou as paredes de tijolo e avaliou as sombras em busca de algo que estivesse fora do lugar. Os dois tinham sido revistados por policiais nos últimos dias, mas, felizmente, não estavam com nada. Se eles fossem pegos com alguma parada, Maria deduraria Pablo na hora. Aquela mulher tinha o péssimo hábito de colocar qualquer um numa fria para garantir a própria liberdade.

— Eu não quero que neguinho dê as caras de repente — disse Pablo. — Só quero ter certeza que a gente tá sozinho mesmo.

Maria tinha desenvolvido uma técnica para lidar com os penetras que davam as caras quando ela estava aquecendo a droga. Simplesmente mostrava uma seringa usada e perguntava se estavam a fim de pegar HIV. Pelo que ela sabia, era uma ameaça sem fundamento, mas era o suficiente para afugentar qualquer intrometido. Maria olhou para Pablo, sem saber se ele estava mais preocupado em ser pego esquentando a colher ou com a calça arriada. Ela se perguntou o que iam fazer primeiro. Estava a fim mesmo era de se drogar. Só transaria com Pablo antes se ele ameaçasse regular a mercadoria.

— Tá tudo bem, Pablo — disse Maria. — Ninguém vai atrapalhar a gente. Anda, vamos lá.

Pablo a encarou, vacilante. Deu outra examinada na área, encolheu os ombros e relaxou.

— Então tá — afirmou ele, já desafivelando o cinto.

Maria hesitou.

— Tá a fim de trepar primeiro?

— Tu não tá?

— Eu prefiro transar chapada.

— Mas eu não.

Ela não ia ganhar aquela discussão. Tirou as calças com relutância e se sentou num pedaço de papelão, o mais limpo que encontrou no beco. Não tirou a calcinha; só ia puxá-la para o lado quando Pablo ficasse excitado o bastante, o que levaria algum tempo.

Observou Paulo botar o pênis para fora e começar a bater punheta. Maria se recusava a pagar boquete para ele ficar duro. O corpo do cara fedia, na melhor das hipóteses, já que ele só tomava banho uma ou duas vezes por semana. Sempre que transavam surgia um cheiro de xixi no ar, às vezes até de queijo mofado também. Tudo bem que Maria se rebaixava, mas só até certo ponto.

— Está indo bem aí?

Ele estava mais ofegante, mas não respondeu. A punheta não estava surtindo efeito. Maria não dava a mínima. Caramba, só continuavam juntos porque Pablo sempre conseguia a H quando ela precisava, e deixava que ela pagasse pela dose com umas trepadas. Maria nunca teve grana, nem quando morava em Cuba, nem quando conseguira chegar a Miami numa balsa salva-vidas entupida de gente, roubada num cais de Havana. O que tinha, na verdade, era o bumbum empinado, que negociava em troca das drogas que queria.

— E aí, *cabrón*, a gente vai trepar ou não?

Pablo fechou os olhos e continuou a bater punheta.

— *Veta a la mierda*, Maria. Tu não tá ajudando nada.

Ela olhou para o pau meio ereto na mão dele, torcendo para que ele não endurecesse. Pablo estava tendo mais dificuldade do que o normal, era o vício cobrando o seu preço nos órgãos

genitais. Nas últimas vezes que ele a tinha penetrado Maria sentira sua evidente falta de rigidez. Para quem dava uma de durão, o membro flácido era uma agradável ironia. Ela sentiu uma vontade irresistível de dar uma risada, mas se controlou.

— *Me cago en Dios!* — exclamou Pablo, furioso.

O cara estava demorando demais, só que Maria sabia, por experiência própria, que ele não ia dar heroína para ela enquanto não gozasse. Para adiantar as coisas, ela se aproximou, tirou as mãos dele do pênis e o masturbou. Ela ficou acariciando o pau, antes de fazer isso com os testículos.

— Mete na tua boca — murmurou ele.

Maria o encarou.

— Não.

— Ah, vai, eu tomei banho hoje.

Uma fungada bastou para ela saber que ele estava mentindo. Maria apertou o pênis dele com força para que soubesse que não estava convencida.

— Não, Pablo.

O aperto firme o excitou. Ela sentiu o membro dele crescer em sua mão, conforme gemia de prazer. Maria apertou mais, fazendo com que ele grunhisse. Quando Pablo ficou o mais enrijecido possível, ele empurrou Maria para trás e jogou todo o peso do corpo em cima dela, apoiou o quadril nas coxas da mulher, a pança de cerveja batendo em sua barriga lisa. A pele de Pablo estava sebosa e escorregadia. Sua respiração ofegante lançava saliva na testa dela.

— Anda logo — pediu ela.

Ele começou a dar estocadas nela, arfando e gemendo. Maria fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, tentando evitar que Pablo a beijasse. Então, o mau hálito atingiu seu pescoço. Apesar disso, o bafo úmido chegou a nauseá-la. Levou-a a se

lembrar da viagem de barco de Cuba para os Estados Unidos, fazia mais de oito anos. Tinha 16 anos quando se tornou imigrante ilegal. A virgindade lhe fora tirada à força, durante o trajeto, por um soldado desertor com mau hálito, que não chegara a completar a jornada com os outros. Maria se lembrou de como o barco deles partira de Cayo Coco, com 12 pessoas a bordo, e chegara à Flórida com apenas oito; de como as rações foram diminuindo e a água potável, se esgotando; de como ninguém foi ajudá-la quando o sujeito se deitou em cima dela sem ser convidado e abafou seus gritos; das acusações, das brigas e do brilho das lâminas das facas. Maria vira os corpos sendo atirados para fora do barco.

— Tu gosta do meu pau, *chica*? — perguntou Pablo, gemendo, querendo que ela participasse. — Adora, né?

Maria gemeu duas vezes, para aplacar o cara, antes de voltar os pensamentos para o barco salva-vidas de novo. O soldado não tinha perguntado para Maria se ela adorava o pênis dele, simplesmente exigiu que o adorasse, obrigando que dissesse o quanto, com estocadas violentas. Depois de sobreviver a duas noites com o sujeito penetrando em todos os seus orifícios, Maria decidiu transformar seu primeiro estuprador em sua primeira vítima. Só precisou meter uma agulha de tricô no pescoço dele na hora que ele fechou os olhos durante o orgasmo.

— Ah, Maria — disse Pablo, arquejando. — Eu acho que vou gozar agora...

O barulho de passos surgiu rapidamente. Maria abriu os olhos e viu que alguém tinha aparecido de repente e agarrado os cabelos negros e ensebados do seu amante. Ele foi puxado num movimento que ergueu sua cabeça para cima e para a penumbra, fazendo com que o membro dele deslizasse para

fora de Maria. Pablo mal conseguiu dar um grito de protesto antes de taparem sua boca. Maria conseguia distinguir as silhuetas de homens de preto ao seu redor, conforme Pablo se debatia na tentativa de se libertar de um deles. Ela tentou se levantar e gritar, mas outro indivíduo deu um passo à frente e pisou com a bota no seu pescoço, imobilizando-a no chão e tirando-lhe o fôlego.

— A gente não vai levar o cara. — Ela ouviu o homem dizer. — Só a mulher.

O sujeito que imobilizava Pablo deu um chute na parte posterior das pernas dele, fazendo com que caísse de joelhos. O outro deu um passo à frente e pegou algo nas costas. Maria não viu o revólver sendo sacado, mas a boca da arma brilhou no beco por um instante, antes de a têmpora direita de Pablo explodir num jato de sangue logo após o estampido. Seu corpo sem vida cambaleou e ele caiu de cara no chão, o nariz quebrando ruidosamente.

Maria rezava baixinho conforme o homem que pisava no seu pescoço se inclinava para examiná-la. Não ousou encarar o sujeito, mas sentiu um cheiro familiar, de charuto, sem sombra de dúvida, cubano, do tipo que Castro e seu exército costumavam fumar. Maria se contorceu e tentou gritar, mas acabou engasgando. Pensou de novo na viagem no barco salva-vidas, no soldado que a imobilizara na borda da embarcação e rasgara sua roupa. A bota que imobilizava seu pescoço mudou de posição e pressionou sua jugular. Os olhos de Maria começaram a revirar à medida que o mundo escurecia. Ela se deixou levar sem mais resistência, sabendo que não havia escapatória.

13

HOJE.

Não havia escapatória. À medida que a tarde caía, esse fato se tornava óbvio para todo mundo. Cinco das seis criaturas presas na ilha se reuniram de novo perto do baú. Eles tinham tentado comer, mas pouco haviam consumido. Ginger e Kenny começaram a se futucar, concentrados em se coçar e arrancar cascas de feridas, alheios a tudo à sua volta. Maria se sentou, abraçou as pernas e apoiou o queixo entre os joelhos, como antes, fitando a areia e rezando baixinho em espanhol. Nash e Felix observaram o pôr do sol alaranjado, estranhamente reconfortados pelos murmúrios de Maria. A bola de fogo no horizonte tinha sido domada o bastante pelo lusco-fusco, a ponto de poder ser observada diretamente por um período de tempo mais longo. Nash via esferas solares nos cílios, quando piscava.

— Irado — sussurrou ele.

Uma gaivota grasnou, chamando sua atenção. Mais cedo, Felix tinha jogado pedras nas aves que planavam sobre a praia.

Então, elas foram para o alto-mar, ficando fora do alcance dele. Enquanto Nash observava as aves boiarem nas ondas, Felix examinava o iate ancorado. No crepúsculo, não dava para ver se tinha alguém no convés.

Ninguém disse nada por um bom tempo. O desespero exalava do corpo de cada um, como se fosse um odor. Além do barulho das ondas e do pio das aves, só se ouvia o ruído de gente tossindo, gemendo ou se coçando. Quando Nash finalmente rompeu o silêncio, Tal se aproximara deles, como se fosse algum tipo de Gollum. Ficou bem afastado, agachado na areia, a uns 10 metros de distância.

— Tá começando a esfriar aqui — comentou Nash. — Podiam, pelo menos, ter deixado uma droga de um isqueiro ou uma caixa de fósforos pra gente poder fazer uma fogueira.

— Eles não querem que a gente mande sinal de fumaça — explicou Felix. — Eu já teria feito a porra de uma fogueira se tivesse uma fagulha.

Nash soltou um resmungo, concordando, mas sentiu uma pontada no estômago que o impediu de dizer o que quer que fosse. A possibilidade de um resgate era cada vez mais improvável. E a esperança minguava também. Durante todo o dia não tinha havido sinal de nada, exceto da embarcação misteriosa.

— Eu ia incendiar toda esta porra desta ilha — acrescentou Ginger. — Ia queimar tudinho que achasse pela frente.

Felix se ajoelhou e engatinhou até o baú aberto. Olhou para dentro e pegou um dos sanduíches.

— Você vai comer o seu sanduíche, Nash?

Ele não respondeu. Estava concentrado numa única gaivota, que boiava sobre as ondas. Pelo visto, a ave tinha sido excluída pelas outras. O restante do bando se afastava quando ela

tentava se aproximar. Nash a observou com empatia, comparando a situação dela com a dele. Imaginou se teria algum tipo de doença.

— Aê, me avisa aí se não quiser — insistiu Felix. — Porque eu vou comer, se tu me der.

Nash desviou o olhar da ave. Então se virou para Felix e ergueu a mão, indicando que parasse.

— Nada disso, eu vou comer depois. Só tô esperando essa dor de barriga passar...

Um grasnido alto atraiu a atenção de Nash. Em meio à luz alaranjada, ele viu algo escuro emergir da água, liso e pontudo, parecendo a ponta de um torpedo. A criatura abocanhou a gaivota por baixo e suspendeu-a no ar por uns 30 centímetros, antes de submergir, levando consigo a presa, que se debatia e grasnava. Uma barbatana ou uma cauda deslizou pela água quando a ave desapareceu.

Nash deu um pulo.

— Puta merda, vocês viram aquilo?

Felix e Maria já estavam olhando para lá. Não conseguiram enxergar tudo, mas o pouco que viram bastou para deixar os dois superpreocupados. Ginger e Kenny pararam de se futucar e olharam, distraídos, primeiro para a água, depois para Nash.

— O que é que você viu? — indagou Ginger.

— *Diablo* — sussurrou Maria.

Nash e Felix se entreolharam. Felix balançou ligeiramente a cabeça, dando a entender que não deviam mais falar sobre o assunto. O outro concordou. Não havia motivo para deixar todo mundo ainda mais assustado do que já estava. Nash foi contando a mentira devagar, invertendo o que tinha acontecido.

— A gaivota pegou um peixe — disse, tomando coragem. —

Pegou um dos grandes. Incrível.

Ginger comentou com desdém:

— Caraca, você se distrai com qualquer bobagem, não é?

O tom de voz áspero dela deu nos nervos de Nash. Uma coceira incontrolável no tórax fez com que ele se arranhasse todo, como queria fazer com a cara dela. Ginger continuou a futucar as feridas, e Nash teve vontade de jogar areia na boca da mulher.

— Vai se ferrar, ferrugem — retrucou Nash, abraçando o corpo, que sofria de calafrios. — Não tem muita distração pra gente nesse maldito pedaço de terra.

— Seria bom você relaxar e descansar um pouco.

— O que seria bom pra mim seria uma porra de um pico.

A dor e a frustração de Nash aumentavam cada vez mais. Ele não conseguia pensar noutra coisa, fissurado por uma agulhada como uma ninfomaníaca por um pau duro. O desespero se instalou nas profundezas obscuras do seu ser, que evitava qualquer contato com a luz. Dali a pouco ele explodiria com alguém.

— Essas gaivotas é que têm razão — comentou Kenny. — A gente também vai ter que pescar, quando essa comida aí acabar.

— Tem mais comida na outra ilha — salientou Felix.

Kenny esbugalhou os olhos.

— Isso é papo de maluco, cara.

Kenny olhou para os outros ao redor, esperando algum tipo de apoio. Todos evitaram qualquer contato visual. Ninguém pronunciou uma palavra sequer.

— Né não? — perguntou Kenny, com os olhos arregalados. — A gente não vai fazer uma besteira dessas, vai?

Nash encolheu os ombros.

— Olha só, eu não estou dizendo que não é uma besteira...

Uma série de baques surdos ecoou pela areia. Os cinco se viraram na direção das passadas, ouvindo as últimas pisadas na praia antes do estardalhaço começar no baixio. Nash se deu conta do que estava acontecendo antes mesmo de olhar.

— Ah, merda.

Todos se levantaram com dificuldade e correram, meio cambaleantes e aos tropeços, rumo ao ponto de partida.

— Tal! — gritou Ginger. — Para!

— Que merda ele pensa que está fazendo? — perguntou Felix, encolerizado.

Tal mergulhou na arrebentação, movendo as pernas desajeitadamente na água e agitando os braços no ar, como se isso fosse impulsioná-lo. As passadas rápidas logo foram substituídas por movimentos oscilantes. Todos pediram, aos gritos, que ele voltasse, a voz de Felix sobressaindo-se em meio às outras.

— Tu pirou de vez?

— Ele surtou — disse Maria, fazendo o sinal da cruz. — Perdeu a cabeça. Tá se entregando pro diabo agora.

— Não faz isso não, Tal! — berrou Nash. — É perigoso demais!

Felix correu atrás dele, chegando ao baixio.

— Volta aqui, seu babaca maluco. Não vai conseguir!

Tal se debateu na água, formando espuma com os pés e as pernas, lutando contra a corrente. Os outros foram, em vão, até a margem.

— É suicídio — insistiu Ginger.

Tal não escutava mais nada. O crepúsculo esvaía depressa. Os cinco ficaram gritando na praia, observando, pasmos, Tal nadar e se distanciar cada vez mais, em meio à tênue luz

alaranjada. Logo ele virou apenas um pontículo escuro nas ondas, cada vez mais difícil de ser distinguido com o passar do tempo.

— Ele já era — lamentou Felix.

Então, Felix se virou e caminhou rumo ao baú. Todos o seguiram, exceto Nash, que continuou ali, fitando o mar, mesmo depois de ter perdido Tal de vista no lusco-fusco, os olhos e os ouvidos aguçados em busca de qualquer sinal dele, na esperança de que caísse em si e nadasse de volta. Esperou até o sol descer por completo no horizonte, carregando a última réstia de luz para o outro lado do planeta e o deixando no escuro.

— Boa sorte, Tallahassee, seu pirado.

Nash se juntou aos outros, com a cabeça inclinada, em sinal de derrota. Todos procuraram um lugar em volta do baú e se deitaram. A brisa gelada da noite soprava sobre eles, fazendo com que se encolhessem, como flores no escuro. O som das ondas quebrando, com a maré baixando, continuou em segundo plano, sendo interrompido apenas por uma tosse ou um gemido ocasionais. Todos emanavam tensão e frustração, num ardor invisível. Pensamentos terríveis se colidiam em suas mentes, deixando-os com os nervos em frangalhos a cada golpe e levando-os a lutar para controlar os medos e as necessidades.

Por fim, acalmaram-se, por pura exaustão. O silêncio devia indicar que todos dormiam profundamente, mas Nash concluiu que os outros apenas contemplavam as estrelas no céu, como ele. Pela primeira vez em muitos anos, sentiu medo do escuro. Ficaria grato, porém, se soubesse o que o breu escondeu deles naquela noite. No meio do canal, perto do local em que Nash perdera Tal de vista, o mar estava manchado de vermelho, de sangue.

Horas depois, na extremidade da ilha, perto do lugar em que um pirado tinha se encarapitado na rocha, restos dilacerados, de tom acinzentado, chegaram à praia. No crepúsculo, pouco restara de Tallahassee Jones. Apenas o torso dele, ligado ao que sobrara do braço esquerdo. Estava quase irreconhecível, a parte superior do corpo, exangue, ia e vinha ao sabor das ondas na areia molhada, como uma enorme medusa parcialmente devorada. Do braço restaram apenas tiras, com apenas um dedo indicador e um polegar intactos. Havia grandes marcas côncavas de mordida logo abaixo do esterno do cadáver e feridas abertas expondo a caixa torácica e a coluna vertebral. A mandíbula e a arcada dentária inferior de Tal jaziam sobre o pescoço quebrado. Tudo o mais havia sido devorado.

Uma criatura grande se movia de forma frenética pelas águas rasas a 15 metros dali, ansiando acabar o que começara.

14

ONTEM.

Tinha a ver com algum negócio mal resolvido, Nash jurava que sim. Na certa, nem todas as merdas que aprontara tinham sido perdoadas. Não pagara todas as dívidas. É possível que alguém o tivesse dedurado por um motivo qualquer, e agora os policiais estavam atrás dele. E, sem sombra de dúvida, não brincavam em serviço. Se tinham se rebaixado ao nível dele daquele jeito, estavam mais era a fim de fazer da sua cabeça um troféu. Até aquele momento, Nash tinha conseguido se manter um passo à frente, embora os agentes antidrogas certamente soubessem que estava naquela boate. Eles esquadrinhavam a multidão, em busca de seu alvo, farejando o ar como lobos.

Daquela vez havia dois deles. O mesmo cara louro do supermercado, de dois dias antes, e um novo que, sem dúvida alguma, serviria de apoio. Eram estranhamente parecidos. A mesma constituição física, altura e forma de agir — uma dupla de soldados frios, em missão. Não se misturavam com as

outras pessoas. Podiam ser identificados com facilidade, com o semblante sério e a postura rígida. Foi fácil para Nash ficar de olho neles.

Ele ficou observando atrás de uma coluna do segundo piso, com visão panorâmica. Era um bom lugar, pois podia se mandar se eles olhassem para cima. As luzes estroboscópicas, as máquinas de fumaça e os recantos obscuros lhe dariam mais cobertura, se necessário, embora ele se perguntasse por quanto tempo ainda conseguiria escapar. De uma hora para outra, eles parariam de olhar e começariam a procurar. Nash sabia que seria pego se os sujeitos vasculhassem o recinto.

Checou os bolsos novamente, certificando-se de que não estava com nada. Tinha jogado tudo quanto era pílula e pacote na privada assim que vislumbrou o cara louro. Dera descarga em tudo, no ecstasy, na cetamina, no Percocet e no lança-perfume. Mas, analisando os dois agentes naquele momento, Nash se deu conta de que estavam atentos e determinados, e concluiu que, apesar de ter se livrado do contrabando, não sairia daquela enrascada. Os caras não estavam atrás das drogas. Estavam era atrás dele. Provavelmente traziam um mandado que queriam executar já fazia algum tempo. Nash tinha de conseguir vazar.

Fugir pelos fundos de novo?, pensou. *Ia ter sorte outra vez?*

Não. Eles deviam estar prevenidos, depois da sua escapulida do supermercado. Mas, de repente, não estavam esperando que saísse pela porta da frente. Nash inspecionou a pista de dança, abaixo, procurando um terceiro agente possivelmente disfarçado no meio da multidão. Sob as luzes multicoloridas e a fumaça, ele não viu ninguém suspeito entre as pessoas suadas, com roupas informais. Se tinha um agente por ali, estava muito bem-disfarçado. Os dois sujeitos no térreo começaram a andar.

Nash avaliou suas possibilidades.

Se vira, mas não vai deixar que os caras te encurralem num canto.

Aqueles eram policiais treinadíssimos, que na certa faziam parte de uma força-tarefa. Acabariam por encontrá-lo, mais cedo ou mais tarde. Nash resolveu tentar se mandar dali enquanto ainda tinha alguma vantagem sobre eles. Passar despercebido seria um desafio.

Eu preciso dar uma disfarçada.

Nash olhou por sobre o ombro para o bar do segundo piso. Tinha um sujeito sozinho, de 20 e poucos anos, encostado no canto, com chapéu de feltro e uma camisa xadrez jogada por cima de uma camiseta regata, balançando a cabeça ao ritmo da música, com excessivo entusiasmo. O mesmo cara tinha comprado duas pílulas de ecstasy e um lança-perfume na mão dele, uma hora antes. Nash avaliou o sujeito e concluiu que tinham a mesma altura e o mesmo peso. Foi até ele, pegou a carteira e tirou alguns dos míseros tostões que tinha ganhado no tráfico. Quando o cara viu que Nash se aproximava, sorriu, com os dentes travados.

— E aí, cara — disse Nash. — Tá viajando na boa com a parada?

O outro assentiu.

— Pode crer, parceiro, é da boa. Valeu. Você é o cara, aê.

Nash sorriu.

— Que bom que gostou. Saca só, quero te pedir um favorzinho.

O sujeito olhou para ele, primeiro confuso, depois desconfiado. Continuou a sorrir, mesmo depois de ter cruzado os braços e dado um passo para trás.

— Desculpa, cara, mas não é a minha praia não.

Nash deu uma gargalhada.

— Não, cara. Não é nada disso, não. É o seguinte: eu me amarrei no teu estilo, tu tem um puta bom gosto. O que acha se eu te oferecesse 50 paus e a minha camiseta em troca da tua e do teu chapéu?

— Cinquenta paus?

O sujeito olhou de esguelha para ele. Nash deu de ombros e mostrou as duas notas de 20 e a de 10, entre os dedos. O outro deu um largo sorriso. Tirou o chapéu e o colocou na cabeça de Nash.

— Negócio fechado, bro.

Nash meteu o dinheiro no bolso da blusa dele e fez a troca. A camisa xadrez de manga curta ficou meio apertada em cima da camiseta branca dele, mas o chapéu ficou ótimo. Abaixou a aba e apertou a mão do sujeito.

— Valeu, você me fez ganhar o dia.

— Cara, tu é que me fez ganhar o *meu*!

O sujeito deu uma gargalhada e lhe deu um abraço inesperado, todo afetuoso, por causa do ecstasy. Nash voltou para o mesmo lugar, atrás da coluna e correu os olhos pela pista de dança, de novo. Um dos agentes estava subindo a escadaria rumo ao segundo piso. O outro estava passando pelo bar principal, investigando os que dançavam. Nash aguardou, do esconderijo exposto, e ficou observando com o canto dos olhos o primeiro agente chegar ao segundo piso e perscrutar os clientes. Nash tentou ficar fora do campo de visão dele.

— Morde a isca, vai! — sussurrou.

Em meio aos corpos em movimento, algo chamou a atenção do policial. O cara no bar, que pedia outro drinque, de costas. O agente caminhou rumo à isca. Nash deu meia-volta e se posicionou detrás dele, sem ser notado, então desceu a

escadaria atrás de três sujeitos, fazendo o possível para se misturar com eles.

Quando chegou ao térreo, meteu-se no meio da multidão da pista. Foi abrindo caminho até chegar às portas da frente, pensando o tempo todo que sentiria a mão forte de alguém no ombro e seria jogado no chão. Já à entrada, virou-se e deu uma última olhada lá dentro. O primeiro agente estava perto da coluna em que Nash se ocultara, fazendo gestos para o colega, indicando que o alvo não tinha sido encontrado. Nash foi recuando, de olho nos inimigos, a lombar apertando a trava da porta com um estalo.

Lá fora, a brisa fresca da noite sorveu o ar rançoso engarrafado no interior da boate e puxou Nash para a calçada mais rápido do que ele esperava. Nash perdeu o equilíbrio ali e quase caiu entre os carros que passavam. Um táxi buzinou e o xingou de bêbado idiota. Nash lhe mostrou o dedo médio.

— Aqui pra você, ó, babaca! — berrou.

— Fica frio, parceiro — pediu alguém atrás dele.

Nash calou a boca. Era muita burrice chamar tanta atenção. As pessoas ao seu redor o olhavam com evidente desagrado, por causa do seu acesso de raiva. Ele encolheu os ombros e deu um sorriso sem graça. Os transeuntes se cansaram de olhar para ele e desviaram os olhos. Nash arrumou o chapéu e saiu andando. Ouviu o barulho de saltos altos ressoarem na calçada, mas manteve a cabeça baixa e os ombros encurvados, tentando andar cada vez mais rápido, disfarçadamente. Sua mente protestou.

Para de se arrastar e corre, cacete!

Mas a intuição lhe dizia que não. Correr seria um erro. Tinha saído da casa noturna sem problemas. Naquele momento, só precisava se afastar dela. Outro táxi buzinou para ele, daquela

vez com dois toques, inquirindo se ele queria uma corrida. Nash fez sinal para que ele parasse. Ali perto, o toc-toc dos saltos acelerou. Ele abriu a porta de trás e entrou, esbarrando o cotovelo na pessoa que entrou inesperadamente ali, pelo outro lado.

— Ai! — exclamou ela, esfregando o braço. — Mas que merda...

— Ei, vai pegar a porra do seu próprio táxi...

Quando Nash se virou para olhar a acompanhante indesejada, ela tirava um longo cacho de cabelo negro do rosto e o encarava, desafiante. Ele ficou completamente desarmado. A mulher, de uns 25 anos, tinha tez pálida, lábios sensuais e um corpaço. Estava de jeans e camiseta preta justa e, na cadernetinha de Nash, nas notas que iam até dez, ela valia um oito. A gata parecia meio acabadinha, mas nada que ele não pudesse ajeitar, se desse a cartada certa.

— Foi mal — disse Nash. — Eu pensei que o táxi estava vazio.

A moça não ficou impressionada.

— Eu também.

Chegaram a um impasse. Nenhum dos dois se mexeu sequer um centímetro. O taxista os observava com irritação, pelo espelho retrovisor. Nash tirou o chapéu e travou a porta de forma enfática.

— Olha só, queridinha, em outra situação eu seria o maior cavalheiro, ia sair e pegar outro táxi, acontece que essa não é uma noite comum. Eu realmente preciso deste aqui.

— Pra onde você tem que ir com tanta pressa assim?

— Eu simplesmente não posso ficar aqui agora. Quanto mais rápido vazar, melhor.

A mulher fez uma pausa, pensativa, então encarou Nash e

não se moveu. O taxista se virou e falou com um tom de voz áspero e impaciente:

— Eu não tenho a noite toda, não. Pra onde o senhor vai?

— Me leva pro leste.

— Eu também vou pro leste — disse a mulher. — Topa ir junto e rachar a corrida?

Nash sorriu, com malícia.

— Topo, sim.

• • •

Do outro lado da cidade, Ginger Rosen estava sentada no sofá de Curtis Moffat, enfiando uma agulha muito bem-vinda na veia. O apartamento estava uma zona, com embalagens de fast-food espalhadas por tudo quanto era lado, latas vazias de cerveja em cada superfície plana, os cinzeiros tão cheios de bitucas de cigarro que elas caíam no chão, onde grudavam no tapete imundo e eram pisoteadas. Curtis tinha ido para o cômodo ao lado, para cuidar de uma das suas negociatas, deixando Ginger se chapar sozinha. Aquele telefonema devia ser mesmo muito importante, pra ele deixar o pico de lado. Ginger não sabia do que se tratava, nem queria saber. Ele estava de mau humor desde que ela chegara, uma hora atrás, a fim de se picar.

Vem dar uma ferrada na mamãe, vem.

Ginger já tinha passado dos seus limites. A seringa tremia levemente em sua mão, enquanto ela procurava uma veia abaixo da faixa amarrada no bíceps. Ela perfurou a pele e pressionou o êmbolo da seringa, cantarolando um improviso de Rick James.

— "*Give me your stuff, that funk, that sweet, that funky stuff.*"

O lance gostoso, cheio de ginga e descolado se misturou ao seu sangue para então se conectar com os receptores do sistema nervoso e devorar sua bioquímica com uma boca cálida e acetinada. Fazia tempo que Ginger não tomava um pico tão bom. Foi como se ela estivesse perdendo a virgindade.

— *"Ohhh, give it to me, baby..."*

Ginger foi parando de cantar, embolando as palavras à medida que a heroína ia tolhendo suas funções mais delicadas ao se espalhar pelo seu corpo. Ali mesmo, depois de esquentada a colher e injetada a droga, ela se deparava com o líquido, que era a um só tempo seu amante, companheiro, anjo e demônio. Não sabia onde Curtis estava descolando aquela droga, mas concluiu que não ia usar nada que não fosse tão puro. Se existia um Deus que oferecia o paraíso aos que tivessem sua imagem e semelhança, então aquele tipo de H com certeza era a amostra, pois ela até conseguiu vislumbrar os portões do paraíso. Se ao menos descobrisse uma forma de se acorrentar a eles, então ia se sentir abençoada de novo.

Curtis saiu do quarto com o celular na mão e sentou-se perto dela no sofá, distraído, distante. Ginger se aproximou e acariciou o braço dele, sentindo as pontas dos dedos se conectarem com cada pelinho louro da pele bronzeada.

— Essa parada que você descolou é boa pra caceeeeeeeete, amor.

Curtis afastou o braço e se recusou a olhar para ela, soltando um suspiro preocupado que virou um tossido. Quando falou, seu tom de voz estava estranhamente baixo e pensativo.

— Ah, tá curtindo, hein?

— A-hã, pra caralho. Acho que foi o melhor pico que eu já

tomei.

— É tão bom assim, é?

— Pode crer. Você tem que provar e descolar essa H sempre pra gente.

— Falou — disse Curtis, com impaciência. — Mas se eu conseguir, você vai pagar a sua parte?

A súbita rispidez da voz dele incomodou Ginger. Ela tentou franzir o cenho, fazer beicinho. Mas os músculos lerdos do seu rosto não responderam bem. Então, ela tentou se defender num lamento.

— Amorzinho... eu... eu tô sem grana agora.

Então Curtis a fitou. Não havia um pingo de compaixão no seu olhar, apesar de algo mais ter perpassado nas íris azuis. Ginger achou que fosse um sentimento de culpa, mas não entendeu por quê.

— Você está sempre sem um puto no bolso, Ginger — reclamou ele, numa estranha defensiva. — Nem lembro qual foi a última vez que você conseguiu descolar alguma coisa pra gente.

— Amor...

— Não venha com essa história de "amor" pra cima de mim, pelo amor de Deus! Duvido que você ficaria comigo se eu não descolasse droga pra você o tempo todo.

Curtis foi até a cozinha preparar um drinque. Ginger não fazia ideia do que o estava incomodando, mas concluiu que devia ter mais a ver com o telefonema do que com a grana que ela devia a ele. Suas próprias emoções estavam sobrepujadas sob o peso da heroína. Não tinha como discutir com ele naquelas condições.

— Não fica assim não, vai — queixou-se ela.

Curtis serviu uma dose de uísque puro.

— Não fica assim como?

— Puto desse jeito comigo, caramba. Eu não fiz nada de mais, a não ser ficar aqui, fora do seu caminho.

— Você não faz porra nenhuma além de ficar de bobeira, Ginger.

A euforia dela diminuiu consideravelmente.

— Ah, vai, amor, não quero brigar, não. Eu vou te pagar da próxima vez, quando tiver grana.

Curtis deu uma risada.

— E quando é que vai ser isso?

Ginger ficou em silêncio. A verdade era que não sabia. E, mesmo se soubesse, os dois tinham plena consciência de que só no dia de São Nunca ela ia pagar pelo que já tinha consumido. Curtis se inclinou na bancada da cozinha e tomou um trago caprichado.

— O mundo é movido a dinheiro, meu bem. Você saca isso, não saca? Tudo tem um preço; nada na vida é de graça. Aqui estou eu, pagando o aluguel, as contas, o supermercado e sustentando você e o seu vício. Eu tenho dívidas, Ginger, uma porrada. Com o que você está contribuindo, hein?

Outro golpe, e a euforia de Ginger passou para a primeira marcha, diminuindo de novo. Ela receou ficar empacada na marcha a ré, se Curtis continuasse a atacá-la.

— Mas que merda, por que você tá agindo assim? — perguntou ela, queixosa. — Tá acabando com o meu barato.

Curtis deu aquele mesmo olhar de culpa e preocupação. Ginger se virou e enfiou a cabeça na almofada, dando uma de coitada, esperando que ele se aproximasse. Em questão de segundos, sentiu o peso dele nas almofadas perto dela.

— Foi mal — disse ele. — Mas você vai ter que contribuir com alguma coisa.

A voz abafada de Ginger mais pareceu um gemido.

— Com o quê?

Curtis fez uma pausa, em seguida se inclinou e massageou os ombros dela, até que virasse o rosto em sua direção. Ele a encarou e tentou sorrir, tirando as mechas de cabelo da testa.

— Com você.

Então ele deu um beijo nela, suave e desajeitadamente. Pareceu meio imaturo e amedrontado, mas o carinho a consolou. Ginger se levantou quando ele parou de beijá-la e se sentou em seu colo.

— Você quer que eu dê pra você? — perguntou ela, mordiscando o lábio inferior, sonhadora.

Curtis arqueou a sobrancelha.

— Está falando da H ou do meu pau?

— O que você quiser, amor. Estou prontinha pros dois.

Ele tentou sorrir, então balançou a cabeça. Ginger ergueu as duas sobrancelhas, surpresa. Não era típico de Curtis abrir mão de uma trepada com ela. Não mesmo. Ela se esfregou no colo dele e acariciou os seios, tentando seduzi-lo. Ele lhe deu um tapinha nas nádegas com indiferença, deixando claro seu total desinteresse.

— Agora não, meu bem, eu tenho que me concentrar. Ainda preciso resolver uns assuntos agora à noite.

Pela primeira vez, Ginger ficou curiosa.

— Com quem você falou no telefone, hein?

— Eu só estava tratando de negócios. — Curtis deu de ombros e olhou para o relógio. — Alguém vai passar aqui mais tarde pra pegar uma parada.

As íris dele não deixaram transparecer mais nada, e Ginger já havia aprendido a não ficar fazendo perguntas sobre negócios para ele. Considerando as roubadas em que ele

andava se metendo, quanto menos ela soubesse, melhor. Mas o papo sobre certa piranha não ultrapassava os limites.

— Não é a Rita que tá vindo, é?

Curtis meneou a cabeça com veemência.

— Não, não esquenta não.

— Bom mesmo, eu não vou com os cornos daquela piranha.

Curtis se preparou para ouvir as críticas sobre Rita. Ginger deixou o assunto morrer, sem se importar. Estava chapadona com a heroína e podia deixar o seu ódio pela Rita para depois.

— Olha só, foi mal ter agido como um babaca com você — disse Curtis. — Eu não quis te botar pra baixo, ainda mais doidona. Mas eu vou te compensar.

— Amorzinho, esse pico já compensa tudo. Você está com crédito por um tempo.

Ela deu um sorriso lânguido e cingiu Curtis com os braços grudentos. Ele segurou sua bunda com firmeza e a tirou do colo, para poder se levantar.

— Mesmo assim, vou preparar uma bebida pra você.

Curtis voltou para a cozinha e preparou algo na bancada, de costas para ela. Ginger se espalhou no sofá e fitou o reboco do teto, com um largo sorriso, totalmente despreocupada. Sentia estar flutuando em cima das almofadas, como se o seu corpo tivesse sido esvaziado e enchido com hélio. Para ela, o reboco parecia creme chantili. Ginger se viu flutuando até o teto para lamber aquela sobremesa, meter as mãos na textura fresca e cremosa e escrever ali com a ponta do dedo.

Eu podia até escrever a história da minha vida aqui, pensou ela. *Podia...*

E de repente, lá estava, claro como dia, no meio da sua cabeça, um verme serpenteando, contorcendo-se de dor e prazer. Se ela pudesse entrar no próprio cérebro, ia tocá-lo e

constatar sua maciez e seu frescor, ia senti-lo deslizar pelos dedos, depois pelo braço e, então, pelo corpo inteiro. Ginger dançou com o bichinho.

Vou te amarrar no meu tronco cerebral e dar um nó pra que você nunca mais vá embora.

Ela sentiu o peso de alguém afundando nas almofadas ao seu lado. Curtis tinha voltado e trazido algo.

— Toma — disse ele, entregando uma caneca para ela. — Bebe isso aqui.

— O que é? — perguntou Ginger, num sussurro, recobrando os sentidos.

— Um trago pra te manter chapada e fazer você curtir ainda mais o barato.

Ginger pegou a caneca e bebeu até a última gota. Era doce feito xarope, mas deixou um sabor amargo em sua língua depois.

— Tem um gosto esquisito — comentou ela. — Que bebida você botou...?

Ela sentiu o tempo e o espaço se prolongarem, as visões e os sons se distorcerem, seu mundo entrar num estado de total letargia. As palavras de Curtis que soaram para ela como uma série de bocejos estranhos e assustadores. Ginger fechou os olhos, esperando ficar mais alta. Porém, logo o paraíso desvaneceu por completo e a escuridão tomou seu lugar.

• • •

Uma hora depois, Felix Fenton subia a escadaria para o seu apê na rua 79. Mas parecia que ele escalava uma montanha com sapatos de concreto. Ele se movimentava com enorme lentidão,

arrastando os pés e topando os dedos na ponta de cada um dos degraus. Andar em linha reta tinha se tornado um verdadeiro desafio. Felix apoiava o corpo ora na parede, ora no corrimão. Tinha baba escorrendo no canto da boca. Fedia a álcool, a mente tomada pelo barato provocado pelo pico. Tinha um verme na caixa cinzenta, um bichinho serpenteante fantástico que dançava ao ritmo das batidas do seu coração. Felix levava uma sacola de plástico com um equipamento de som, que tinha roubado de um carro destrancado num estacionamento isolado. Pretendia entregá-lo para o receptor no dia seguinte, a fim de custear a próxima dose.

Uma hora antes estivera tão fissurado por um pico que tinha pedido para se picar no próprio apê do Al Catraz, instantes depois de comprar a H. O dono da boca relutou, mas acabou deixando que ele esquentasse rapidamente uma colher na cozinha, com a condição de que ele vazasse assim que terminasse. Felix estivera mais a fim de relaxar ali mesmo, de se afundar na poltrona para ficar doidão, mas ele sabia muito bem que não podia sacanear o fornecedor. Se mandou depois de se picar e rumou para casa, viajando. Al Catraz não era o fornecedor mais próximo, mas tinha rolado um boato de que a parada que o cara vendia era de tão boa qualidade que valia a pena a longa caminhada até o bairro dele. Os rumores eram verdadeiros. A heroína que circulava pelas veias de Felix era de um tipo que raramente se encontrava, muito menos na área dele.

Felix finalmente chegou ao terceiro andar e se arrastou pelo corredor até a porta do seu apê, onde tentou várias vezes acertar o buraco da fechadura.

— Porra, cacete — resmungou. — Abre logo, caralho.

Ele se inclinou na porta, tentando focar a vista. Depois de

várias tentativas, a chave entrou e destravou a fechadura. Felix virou a maçaneta e a puxou. A escuridão com que se deparou o surpreendeu, densa, estranha e fria. O verme na cabeça dele parou de bambolear por um instante.

— Mas que...?

O breu total tomava cada centímetro do seu apê. Felix não entendeu por quê. Podia jurar que tinha deixado algumas luzes acesas. Desde pequeno adquirira o péssimo hábito de deixar as luzes acesas. Quando elas estavam acesas, o bicho-papão ficava dentro do armário, o monstro, debaixo da cama e, às vezes, os punhos do seu padrasto beberrão não o atingiam. Ele não conseguia se lembrar da última vez que tinha entrado num apê na escuridão. Ficou parado no corredor, sem saber se devia entrar, desejando ter coragem de fazê-lo. A H e o uísque tinham proporcionado um escudo poderoso.

— Porra de droga — resmungou. — *Viciado* de merda.

Por um momento, desprezou a heroína que circulava no seu organismo, desejando poder combatê-la como tinha feito com tantos oponentes no ringue, quando era mais novo, desejando que ela tomasse a forma de um corpo para que ele pudesse dar um tremendo golpe nas vísceras e deixá-la de joelhos. Os agenciadores de apostas sempre tinham lhe dado uma chance entre quatro de ganhar. Quando Felix era pequeno, contava com essa mesma probabilidade de levar uma surra, por causa do péssimo gosto da mãe em relação aos homens. Ele nunca gostou daquela estatística. Tinha dado um duro danado para se tornar o rei dos pobres coitados. Se a H fosse um lutador peso-pesado, Felix a imobilizaria nas cordas e a golpearia até ela sucumbir.

Meu Deus do céu, o que é que tu esperava, Felix? Fez picadinho dele.

Ele se lembrou de Sheldon Monet esbravejando, envergonhado. Fazia quase duas décadas agora, mas as palavras de seu antigo treinador soavam tão claras em sua mente quanto no vestiário, depois da fatídica luta no ringue.

Tu não podia ter se controlado mais lá? Caralho, mas o que mais eu podia esperar, hein? Tu foi treinado desse jeito. Como uma porra de um pit bull.

Naquela noite, Felix tinha ficado sentado num banco, sem dizer nada, sabendo que estava liquidado. Já Sheldon não chegara nem perto de terminar. A saliva voava da boca dele, enquanto continuava a repreender Felix, que aguentou tudo calado, enquanto o treinador cortava suas ataduras e enxugava seu corpo suado com uma toalha.

Ninguém te segura, não, cara. Tu é um descontrolado, uma bomba-relógio, um cão raivoso, tudo junto. E quer saber do que mais, seu troglodita do caralho? Eu não posso mais defender essa tua ignorância, não. Já vai ser um inferno me defender da...

Assim que as ataduras caíram, Felix golpeou seu treinador sem luva e viu os dentes da frente de Sheldon voarem pelos ares, iluminados pela luz fluorescente, e irem bater num armário velho. Sheldon foi cambaleando até um canto, as mãos tapando a boca e o sangue escorrendo entre os dedos. Tentou se apoiar na parede de tijolo, antes de despencar de vez. Felix já estava se dirigindo à porta, antes mesmo de o treinador cair.

Já chega, dissera Felix, pegando a bolsa de ginástica. *Nunca mais.*

O treinador, ainda segurando as ataduras cortadas, pedira que ele reconsiderasse, mas Felix nunca mais lutara boxe na vida.

— Não foi minha culpa — murmurou.

Fora o que ele dissera antes e era o que dizia de novo, naquele momento. Durante quase vinte anos, tinha repetido aquele mantra, que não lhe fazia bem nenhum. Tinha abandonado uma luta de merda para entrar num inferno pessoal, indo de mal a pior. Era mais fácil encontrar o inferno, com todas as suas representações diabólicas, na própria crosta terrestre do que sob ela. Naquele momento, parado em frente ao seu apê, Felix não conseguiu evitar a sensação de que a passagem na sua frente era a entrada para algum tipo de inferno. Obviamente uma estupidez, já que ele estava ligadaço e chapado, mas não conseguiu se livrar daquele mau pressentimento. Para provar que estava errado, Felix entrou no escuro, desafiador.

Depois de andar menos de 2 metros, parou. Ouviu um barulho abafado atrás dele, e alguém com sapatos de sola de borracha começou a circular pelo piso. Felix percebeu que uma figura surgia detrás da porta instantes antes de o sujeito passar o braço pelo seu pescoço e lhe dar uma gravata. Um cara de jaqueta, com força quase sobre-humana, apertava sua garganta. Felix achou que seu pescoço ia quebrar, mas apenas os pulmões estavam sem ar. Ele reconheceu o sotaque texano assim que ouviu a voz falando ao seu ouvido.

— Então, hoje... hoje simplesmente *não é* o seu dia de sorte.

O indivíduo inclinou o cotovelo, erguendo o maxilar de Felix. A pontada de uma agulha, um troço que Felix conhecia muito bem, perfurou na mesma hora a sua nuca. O equipamento de som dentro da sacola caiu no chão, ruidosamente. E se debateu, mas o agressor o imobilizou sem a menor dificuldade. Seu corpo começou a esmorecer conforme a visão foi embaçando. Os contornos dos móveis no apartamento oscilaram e rodopiaram à sua frente. Felix perdeu os sentidos antes mesmo

de cair no chão.

• • •

A alguns quilômetros dali, em Overtown, dois sujeitos metiam o corpo inconsciente de Kenny Colbert numa van GMC cinza, sem janelas, estacionada no beco atrás da casa de Matty e Merle. Merle também estava no beco, discutindo com os caras que tinham ido fazer a coleta. Eles não responderam várias das perguntas que ele fez nem cumpriram suas exigências. Merle não estava gostando nada da forma como tudo estava sendo conduzido. Não achou que fosse justo. Queria fazer uma nova negociação.

Depois de ouvir Merle, um dos homens fez uma ligação do celular. A pessoa do outro lado da linha escutou primeiro e, depois, passou instruções. Assim que desligou, o sujeito cochichou algo para o outro. Tinha-se decidido que M&M não tinham mais utilidade. Fez-se profundo silêncio no beco.

— Ei, espera um pouco aí — queixou-se Merle, ao ver que um dos caras avançava em sua direção. — O que que tu pensa que tá fazendo?

Houve um estalido. O homem se lançou sobre ele, com a mão na altura do pescoço. Merle mal viu tudo acontecer. A lâmina do canivete cortou sua garganta antes que pudesse gritar. Em vez do berro, um ruído horrendo e gorgolejante brotou de sua boca, o sangue jorrando. Primeiro, Merle caiu de joelhos e, em seguida, de cara no chão. Seu agressor ficou de pé, em cima do seu corpo, que se contorcia, observando-o sangrar até morrer. O outro homem voltou para o apartamento e vasculhou cada cômodo, até encontrar Matty agachado dentro

da banheira, intoxicado e aos prantos. E, apesar de sua constituição frágil, Matty ainda conseguiu combater seu agressor por quase um minuto, antes de ele lhe cortar a garganta.

Parte 2

VIAJANDO

15

HOJE.

O dia já amanhecia, quando o som de vozes tirou Nash do sono irrequieto. Ele tinha dormido em posição fetal, na tentativa de mitigar as pontadas no estômago, o que não adiantara muito. Conseguira dormir um pouco, mas do jeito que faria se estivesse com febre: agitação constante, calafrios e desorientação. A voz grossa, de barítono, de Felix e o tom agudo de Ginger fizeram com que ele desistisse da ideia de descansar um pouco mais, embora tivesse permanecido deitado, com o rosto meio de lado, para observá-los sem ser notado.

— E aí, onde é que tu tava da última vez, tu lembra? — perguntou Felix. — Antes de acordar aqui?

— Eu tava deitada no sofá do meu suposto namorado — respondeu ela.

— Namorado?

— Namorado, parceiro de quarto, fornecedor, pode chamar como quiser.

— Eu achei que tu fosse lésbica.

— Eu nunca disse que era.

Felix deu uma risadinha diante daquela revelação e, em seguida, assobiou para Ginger. Ela soltou um ruído entre riso e resfôlego, balançando a cabeça.

— Nem pensar, cara.

Felix riu.

— Ei, conhece o ditado: quando você prova um negro...

Ginger contra-atacou:

— Pode estar pondo a mão no fogo.

Ele a encarou, boquiaberto, momentaneamente sem ação. Daí, inclinou a cabeça para trás e deu várias gargalhadas.

— Você é *fria* feito gelo, mulher.

Ginger riu baixinho.

— E pode crer que é porque tô começando a simpatizar contigo.

— Bom, e aí? Você tava no sofá do seu namorado e...?

— Sei lá, eu acho que apaguei depois de tomar um pico. Depois disso eu só me lembro de acordar aqui com vocês.

Felix balançou a cabeça.

— Tu não apagou por causa da heroína. Deram alguma droga pra gente ficar fora do ar por um tempão. A última coisa que eu lembro foi de chegar no meu apê e meter a chave na porta. Apesar de eu estar viajando, ligadaço, depois da dose, achei que tinha escutado um barulho atrás de mim. Aí senti uma pontada... e pronto. Tô achando que injetaram algo em mim.

Ginger assentiu, mas não disse nada. Se aceitasse a hipótese de que tinha sido drogada, como Felix, então ia ter que admitir que Curtis estava metido naquela história. Felix se voltou para Kenny, que estava com os olhos esbugalhados, apesar de exausto.

— E tu, cara, onde é que estava?

— Eu estava na casa de uns amigos. Do Merle e do Matty, uns caras com quem eu ando. Depois que eles me deram um pico, fiquei sentado na poltrona, vendo TV. Foi a primeira vez que eu tomei na veia.

Felix sorriu.

— Tu nunca tinha tomado um pico? Porra, moleque, mal dá pra te chamar de viciado.

— Eu fumava crack de montão pra compensar, mas não volto mais atrás. Agora vi o que eu tava perdendo quando o Matty injetou aquela maravilha em mim. A última coisa que eu lembro foi de ver o Merle botando sorvete numa tigela pra mim. Eu tomei na frente da TV, aí fui apagando. O sorvete tava com um gosto esquisito...

— Então a última coisa que vocês lembram é que tavam com outras pessoas... Gente que vocês conheciam. E também que tavam doidões, no meio do último pico.

Kenny e Ginger anuíram, sem gostar do rumo que o raciocínio tomava.

— E aquele cara ali? — perguntou Kenny, apontando para Nash, supostamente adormecido. — Qual é a história dele?

Nash não se moveu, mas sua resposta deixou todo mundo pasmo.

— Eu fui pra cama com uma mulher diabólica.

— Mas não é o que todos nós já fizemos? — indagou Felix, olhando para Ginger e Kenny. — Tirando a que está aqui, claro.

— Eu já me dei mal, também — retrucou ela, dando de ombros e se virando para Nash. — Você estava acordado esse tempo todo?

— Pô — grunhiu Nash —, com uma galera como vocês, matraqueando sem parar, não podia estar dormindo.

Ele se apoiou nos cotovelos e pestanejou com o sol da manhã. Sua atenção se voltou para Maria, que estava sentada afastada dos outros, observando em silêncio o nascer do sol, com os olhos injetados. Nash não estava muito a fim de falar, mas Felix queria ouvir mais.

— Tá bom, então quem era essa mulher diabólica? E o que ela tem a ver com tudo isso?

— Nada — respondeu Nash. — Ou tudo. Sei lá. Ela foi a última pessoa que eu vi antes de vir parar aqui.

— Você conhecia bem essa mulher?

— Não. Nunca tinha visto na vida.

Nash meteu a mão dentro do jeans e deu uma boa coçada no saco, enquanto tentava lembrar. Ginger fez uma careta ao ver a cena.

— Pô, vê se mantém um pingo de classe, cara.

Nash a ignorou.

— Duas noites atrás, eu tava numa boate lá em Opa-locka, vendendo bola, quando vi dois caras na pista que pareciam superdeslocados. Pô, daí eu percebi que já tinha visto um daqueles filhos da puta num supermercado, dois dias antes. Naquela vez, eu podia jurar que o cara tava me seguindo. O sujeito tinha toda a pinta de *policial*. Eu achei que a polícia tinha me descoberto de algum jeito e que tava armando uma pra me pegar, aí saí pelos fundos e vazei.

— Eles foram atrás de você? — perguntou Kenny.

— Eu não dei a menor chance pros caras. Eu me mandei pro meu apê pra ficar doidão, na moita, e esquecer de toda aquela porra. Mas aí no dia seguinte voltei pra boate e não deu outra, o sujeito tava lá. Só que foi com reforço.

— Só dois homens? — perguntou Felix. — Parece pouco pra uma operação antidroga.

— Eu também achei, mas tenho certeza de que só eram os dois. Eles tinham toda a pinta de policiais, e tavam na caça, disso eu não tenho a menor dúvida.

— E o que é que tu fez?

— Primeiro eu fui pro banheiro e joguei na privada toda a parada que tava levando comigo. Então eu consegui passar a perna nos policiais e vazar. Chamei um táxi na frente da boate, mas aí uma gostosona apareceu do nada e entrou nele também. Ela perguntou pra onde eu tava indo, eu disse que pro leste e ela deu a ideia da gente rachar a corrida. Quase sem grana e sem trouxinha nenhuma, eu não recusei. Aí a gente começou a bater papo no táxi, a mulher me convidou pra dar um rolé, e eu aceitei. Ela parecia piradona, com certeza, mas estava a fim de fazer uma trip daquela que todo mundo curte. A gente encheu a cara, eu fiquei sabendo que ela era mais viciada do que eu, então a gente continuou a ir de bar em bar, até eu parar no apê dela pra dar uma trepada e tomar um pico. Depois que a gente transou, ela confessou que era uma fã.

— Como assim, uma fã? — quis saber Ginger.

— Fã da banda. A mulher tinha assistido a um monte de apresentação da Fuel Injector... mas eu não me lembrava da cara dela.

— E aí?

— Fiquei chapadaço, com sono, e só lembro que acordei aqui com vocês... mais fodido do que nunca.

Felix anuiu.

— É isso aí mesmo.

— O que me faz perguntar — prosseguiu Nash, sentando de pernas cruzadas na areia. — Alguém aqui se deu conta de alguma parada suspeita? Sabe... tipo, mais cedo naquele mesmo dia ou nos outros dias? Alguma coisa fora do normal?

Todos pararam para pensar e, dali a pouco, Ginger rompeu o silêncio.

— Olha, aconteceu um troço esquisito comigo no Espaço Barracuda. Tinha um cara dando em cima de mim no bar, fazendo de tudo pra me levar pra casa dele. Um cara gato, com pinta de militar e sotaque nova-iorquino. No começo até que eu achei legal. Pensei que fosse um marinheiro que tava de licença, a fim de se divertir. Ele disse que podia conseguir tudo o que eu quisesse, se eu fosse pra casa dele.

— E tu topou? — quis saber Felix.

— Que nada, fiquei com o pé atrás. Tinha alguma coisa errada, ele tava forçando a barra, insistindo demais. Eu já sou calejada. Sinto o cheiro de merda de longe, mesmo disfarçado com um monte de água de colônia. Aquela figura devia ser um pervertido ou um psicopata, e eu nem quis confirmar qual dos dois. Então me livrei dele na primeira oportunidade.

— Ele tentou te seguir? — perguntou Nash.

— Como você, eu não dei mole, não. Falei pra ele que ia passar um pó no rosto e vazei do Barracuda assim que o cara se distraiu.

Nash coçou a parte interna do braço.

— Se tem uma coisa que a gente sabe fazer bem à beça é fugir e se esconder.

Felix cerrou as mãos, mostrando os punhos.

— Eu não.

— Você não?

Felix balançou a cabeça. Ginger olhou disfarçadamente para as mãos dele e viu os calos e os nós dos dedos ossudos. Não teve a menor dúvida de que aquele cara podia causar um baita estrago.

— Você enfrenta os seus problemas na porrada, não é?

— É bater ou correr — respondeu Felix, assentindo. — E eu prefiro bater.

— Tu também tem uma história pra contar?

— Pode crer. Uns dias atrás, quando eu voltei pra casa, dei de cara com um babaca xeretando na porta do meu apê.

— Ele era gato? — questionou Ginger.

Felix soltou um resmungo.

— Como é que eu vou saber, cacete?

— Só tô tentando juntar as peças. Fiquei me perguntando se não era o mesmo pentelho que deu em cima de mim no bar.

— Que nada, o sujeito falava feito um caubói, como a porra de um caipira. Quando me aproximei, tentou se mandar. Daí quando eu cheguei perto, ele tentou me golpear. Eu me abaixei e me preparei pra lutar pau a pau. Só consegui acertar um soco, mas o filho da puta nem saiu do lugar.

— O cara era durão, hein? — comentou Nash.

— Era um sujeito *treinado* — prosseguiu Felix. — O que é diferente. O filho da mãe sabia se mover. Antes que eu pudesse reagir, ele me deu uma gravata e daí um monte de joelhada na barriga e me derrubou, como se eu fosse uma porra de um amador. Achei que ele fosse terminar o serviço, mas o cara me disse que era o meu dia de sorte e vazou, enquanto eu me contorcia no chão.

Os outros se entreolharam, consternados. Depois de terem testemunhado, em primeira mão, a agressividade e a propensão à violência de Felix, era difícil imaginar que alguém pudesse derrubá-lo.

Kenny levantou a mão.

— Eu acho que a gente está no mesmo barco. Depois de ouvir a tua história, eu lembrei que também vi um cara desconhecido rondando o corredor do meu prédio.

— Você também? — quis saber Felix. — Quando?

— Uns dois ou três dias atrás. Num lembro direito. Mas eu marquei muito bem a cara dele. Era sarado. Louro, com corte de cabelo rente, um gato...

Kenny deu uma risadinha ao se lembrar, esquecendo-se de onde estava por alguns instantes. Olhou para todos ao seu redor, sentindo-se culpado.

Nash disse:

— Fica frio, cara. A gente já sacou qual é a tua praia.

— Tu tem *boiola* escrito em letras garrafais no corpo inteiro — comentou Felix. — Sem ofensa, compadre.

— Ah, eu não me ofendi, não — disse Kenny, revirando os olhos.

Fez-se um silêncio constrangedor, pois os três ficaram sem saber como dar continuidade à conversa. Por fim, Ginger resolveu falar, na tentativa de tirar Kenny da berlinda e acabar com aquela idiotice.

— E você, Maria? Tá a fim de contar alguma coisa pra gente?

Ela não disse nada. Estava com o olhar distante, voltado para o mar, fazendo de si uma ilha isolada dos outros. Ginger não insistiu que respondesse. Maria tinha deixado claro que queria ficar na sua.

— O gato comeu a língua dela? — perguntou Felix.

— Deixa a garota pra lá — retrucou Ginger. — Até porque eu já ouvi mais do que o suficiente.

— Você tem alguma teoria?

— Eu não cheguei a formar uma, acontece que, pelo que vocês falaram, parece que os mesmos caras estavam seguindo a gente. E, juntando isso com a questão de todo mundo aqui se drogar, dá pra imaginar que a gente foi escolhido a dedo. Não sei dizer nem como nem por que, mas a gente virou alvo de

alguém, e disso eu não tenho a menor dúvida.

— Ou quem sabe a gente não foi sorteado por acaso? — indagou Nash. — Seis, tirados no palitinho?

— Cinco, agora — corrigiu Ginger.

Nash anuiu.

— Pode crer...

Ele esfregou os antebraços cheios de cicatrizes, perguntando-se como a sua vida teria se desenrolado se não tivesse tomado aquele primeiro pico nos bastidores, no terceiro dia da sua primeira e única turnê pela Costa Leste. Ginger o observou, sabendo que era o mais viciado de todos ali, mas por uma diferença mínima. Ela olhou para a própria pele, imaginando como seria macia e impecável se não tivesse adquirido a mania de se picar.

— Mas vou contar uma coisa pra vocês — disse Nash. — A droga que a tal mulher misteriosa esquentou pra mim foi a melhor que eu já experimentei.

— Como é que é? — perguntou Ginger, prestando atenção de novo.

— Se aquele último pico que eu tomei tivesse sido a minha última refeição, teria sido pra lá de gourmet. O barato foi sinistro. Eu me senti como na primeira vez. Como se eu tivesse com um verme incrível na cabeça, serpenteando, dançando.

De olhos arregalados, Ginger apontou para si mesma.

— Eu também senti isso.

— Eu também — comentou Kenny.

Felix ergueu a mão.

— E eu também.

— Você tá brincando, quem é o teu fornecedor? — perguntou Nash.

— Ultimamente, tô comprando com um cara chamado Al

Catraz — respondeu Felix.

— Al Catraz?

— A-hã, é o apelido dele. Tu conhece o cara?

— Não. Por que esse nome, hein?

— Dizem que ele é uma ilha — respondeu Felix. — Ninguém consegue chegar perto dele não. É cuidadoso pra cacete, safo, trafica há um tempão e nunca passou um diazinho sequer no xadrez. Me falaram até que o cara nunca levou nem multa por estacionar em lugar proibido.

Nash se virou para o Kenny.

— E você?

— Eu compro a minha parada do Matty e do Merle, quase sempre — retrucou Kenny. — Às vezes vou numa boca.

— E você? — perguntou Nash para Ginger.

— O meu namorado, o Curtis, consegue pra mim. E nos últimos tempos andou trazendo pra casa exatamente isso aí que você falou, o tal do verme incrível que remexe.

— Um sorriso suave a levou a erguer os cantos da boca. Ela olhou para todos e percebeu que estavam com a mesma expressão.

Nash balançou a cabeça, sem acreditar.

— Caraca, eu acho que a gente tava, de algum jeito, descolando o mesmo lance.

— Será que... — disse Felix, olhando para a ilha, do outro lado do canal.

— O quê?

— Será que é a mesma heroína que tá esperando pela gente lá do outro lado? De repente a nossa última viagem foi só um tira-gosto.

Nash assentiu.

— Eu também pensei isso.

A ideia era tentadora. Até Maria olhou para trás diante da sugestão. Os semblantes dos cinco se mostravam cada vez mais interessados.

— Meu Deus do céu, bem que eu queria um piquinho que fosse daquela H do caralho — comentou Felix.

— Pode crer...

Nash sentiu uma terrível pontada nas entranhas, que fez com que se curvasse, sibilando. Os outros estavam cada vez mais preocupados. A conversa tinha rolado com uma tranquilidade fora do comum, mas eles sabiam que aquela calmaria não ia durar muito. As marcas do estresse, o olhar evasivo e os tiques nervosos nos lábios eram óbvios. Só podiam adiar o inevitável por algum tempo. Aquele trem desgovernado em que estavam, a mesma locomotiva que impelira Tal a se jogar no mar havia dez horas, ia descarrilar mais cedo ou mais tarde. As verdadeiras fissuras iam aparecer já já, na mente de cada um. Praticar a abstinência na marra não chegava a ser, na verdade, uma opção. Suportar a tortura dela era a última coisa que qualquer um deles queria. Nash observou a outra ilha e suas palavras lembraram as de Tal um dia antes.

— Não é tão longe assim. Dá pra gente ir nadando. Acho que a gente conseguiria fazer isso nuns vinte minutos, talvez meia hora.

— Até onde a gente sabe, o Tal não conseguiu — lembrou Ginger.

— O Tal era um caso perdido — insistiu Nash. — O cara chegou em petição de miséria, bem pior do que a gente. Ele estava sem se picar há mais tempo, com a cabeça e o corpo arrasados. Sem falar na ideia de jerico de tentar atravessar o canal de noite. Na certa se perdeu no escuro, ficou cansado e se afogou. É isso o que eu acho.

Felix lhe lançou um olhar surpreso. Havia outro motivo bem plausível para o fracasso de Tal, mas nenhum dos dois quis levantar aquela possibilidade. Nash evitou olhar para Felix. Suas palavras se mostraram cheias de cobiça.

— Além do mais, sem o Tal, vai sobrar mais heroína pra gente.

Aquele incentivo despertou o interesse do grupo. Todos fitaram a outra ilha, calculando a distância, avaliando as possibilidades. Kenny não tinha tanta certeza assim, mas os outros estavam se convencendo. A abstinência estava interferindo no raciocínio deles, mandando o bom senso para o espaço a cada minuto que passava.

— Se a gente ficar aqui, de repente aparece alguém pra salvar todo mundo — sugeriu Kenny. — Que tal a gente ficar esperando?

— O tempo não tá do nosso lado, não — respondeu Nash. — A gente já tá aqui faz um dia e não viu porra nenhuma. Nem barco, nem avião, nada, a não ser aqueles filhos da puta no iate, e já ficou bem claro que eles não estão aqui pra ajudar.

Felix estalou os dedos.

— Eu não acho legal essa história de ficar parado esperando, quando a gente pode traçar nosso próprio destino.

O pânico transpareceu na voz de Kenny:

— Olha, eu acho que a gente devia ficar aqui...

— Se a gente ficar, todo mundo vai pirar — salientou Nash. — E, depois, o que vai acontecer? A gente vai morrer de sede ou de fome e apodrecer nessa ilha.

Suas palavras surtiram efeito e afetaram todos do grupo. De repente, ficar para trás pareceu uma sentença de morte. Quando Ginger falou, aparentou falar em nome de todos, até mesmo de Kenny.

— A gente tem que comer o resto da comida e beber toda a água. Todo mundo vai precisar de energia para a travessia.

Nash concordou.

— Vamos sair daqui a uma hora.

16

— Se eles não saírem logo — comentou o sujeito mais alto —, vamos ter que tomar alguma providência.

Quatro homens estavam no convés do iate a motor, e um deles, obviamente o líder, dava as ordens. Era mais velho que os demais, com seus 40 e poucos anos e mais experiência em combates que todos os outros juntos. Mesmo de longe, notava-se que havia algo de errado em seu rosto, com descolorações danificando as texturas inumanas de sua pele. Suas íris azuis eram tão pálidas que, à primeira vista, tinha-se a impressão de que só havia pupilas negras no centro do branco dos olhos. Seu sorriso mais parecia uma cicatriz repugnante. A crueldade que maculava sua boca era fruto de anos imersos na selvageria. Mas os outros três não se deixavam intimidar com sua aparência. Eram homens rudes, assassinos profissionais e especialistas em sobrevivência. Buchanan, Reposo e Turk: três remanescentes de uma unidade de operações especiais, que passaram a ser liderados por um único homem, que eles chamavam de Greer. Quando ele falava, todos prestavam atenção.

— Eu quero que vocês monitorem o rádio e o radar o tempo todo e que fiquem de olho no horizonte. Só para garantir. Quando esses indivíduos resolverem levantar os traseiros, não

quero nenhuma interrupção.

Todos anuíram, movendo a cabeça uma só vez. Buchanan passou a mão pelos cabelos louros tosquiados e pigarreou.

— Teve alguma ideia, Buchanan? — perguntou Greer.

— Só queria saber se o senhor gostaria que eu desse um incentivozinho pros nossos convidados lá, pra que comecem a se mover.

Greer deu outro sorriso intimidante.

— Vamos ver se eles começam sozinhos, primeiro. Depois a gente vê se será preciso encorajá-los.

Ele concentrou a atenção nos cinco ilhados na praia, observando sua movimentação com desdém. Não passavam de uns drogados, todos eles, parasitas e causas perdidas que Greer não hesitaria em acertar pelas costas, metendo-lhes uma bala no meio da cabeça, para depois desová-los numa cova rasa. Miami estava cheia daqueles imprestáveis agora, as drogas e o HIV espalhando-se pelos bairros mais rápido que uma praga de percevejos. A criminalidade crescente, que resultava da necessidade de abastecer as picadas de tais sanguessugas encolerizava Greer ainda mais. Sua cidade natal nunca vira tamanha pestilência. Ele já eliminara homens muito melhores em países do terceiro mundo. Ver sua terra natal infestada por aqueles vagabundos fazia seu sangue fervilhar nas veias.

Não passam de pedras na estrada da perdição, pensou Greer.

Filhos da mãe, sarnentos. Ele se deparava com eles por toda parte, parados nas esquinas, desdentados e fedorentos, os olhos vidrados, dispostos a fazer qualquer coisa em troca da promessa de outro pico. Viciados já tinham lhe oferecido todo tipo de mercadoria roubada e prazeres sexuais possíveis, em troca de 1 dólar. Coragem, força, honra e disciplina: aqueles drogados não sabiam o significado dessas palavras. Eram uns

fracos que só serviam para serem sustentados. O fraco era o sustento do forte. Greer devorava a inferioridade.

— Um já se foi, faltam cinco.

— Não acredito que a gente já perdeu um — comentou Turk. — Que desperdício.

— É a vida — disse Reposo, com seu inconfundível sotaque nova-iorquino — A gente não pode controlar o caos o tempo todo.

— E qual seria a graça? — questionou Greer, dando uma risada. — O caos é incrível. O caos...

— ... é a partitura em que se escreve a realidade — completaram os outros em uníssono.

Eles conheciam muito bem aquela partitura. Em várias situações se viram circundados pelo caos e, em todas elas, provocaram seu próprio caos, combatendo fogo com fogo, incinerando tudo o que aparecesse pela frente. Como Greer lhes ensinara, o segredo era virar fênix antes de riscar o primeiro fósforo.

— Alguém quer cerveja? — perguntou Greer.

Todos assentiram. Greer entrou na cabine e pegou quatro garrafas de um isopor cheio de gelo logo na entrada. Olhou de esguelha para a pilha de notas de 100 dólares espalhada na mesa de jogo ali perto e ficou imaginando quem seria o feliz vencedor daquela vez.

— Estão se movimentando na praia, chefe — informou Turk.

Greer saiu da cabine e entregou as cervejas para todos. Pôs um charuto cubano entre os lábios, e Buchanan se inclinou com o isqueiro. Sobressaindo da boca do homem, o rolo de tabaco parecia o contrário de toda imagem icônica, um pedaço de merda ardendo lentamente, preso entre os dentes de uma aberração repugnante e cruel. Greer deu uma tragada profunda

e segurou a fumaça, sorrindo enquanto observava os ilhados pegando a comida.

— Ora, ora, é um bom sinal — declarou, exalando uma fumaça densa. — Parece que finalmente começaram a comer.

17

Comer foi mais difícil do que o esperado. Triturar os alimentos com os maxilares e os dentes doloridos virou uma prévia penosa do ato de engolir com as gargantas feridas e irritadas. As entranhas dos cinco queriam rejeitar tudo o que entrava. Enquanto mastigavam, os ilhados tapavam a boca com a mão e engoliam depressa para evitar regurgitar a comida. Kenny foi quem se saiu pior. Nash viu as golfadas escapulirem por entre os dedos do rapaz, repetidas vezes. Em geral, uma visão daquelas teria sido repugnante para Nash, mas ele se sentia estranhamente desconectado quando observou o outro vomitando. Felix parecia melhor do que todos os outros, pois não regurgitou nem vomitou nenhuma vez. Sempre que ele sentia um jato subindo pela garganta, engolia à força.

Depois de comerem tudo o que podiam, terminaram a refeição enjoativa tomando água mineral. Nash se reclinou e se esticou, na tentativa de melhorar a digestão. Ginger, de pé, lançou-lhe um olhar impaciente.

— Está se acomodando, é?

— Se a gente tentar nadar agora, vai ter câimbra.

A moça cruzou os braços e olhou para ele com desdém.

— Você sabe muito bem que essa história de ter que esperar

uma hora antes de nadar é a maior besteira, não sabe?

— Não é, não.

— É sim — insistiu ela.

Kenny se sentou ao lado de Ginger.

— Eu acho que ela tem razão, Nash.

— Porra, como se fizesse diferença — resmungou Felix. — A gente mal comeu, de qualquer forma.

Nash deu de ombros.

— Bom, de repente é uma boa ideia esperar um pouquinho, pra gente poder discutir sobre o que vai fazer.

— A gente vai nadar — disse Felix, com sarcasmo. — O que mais a gente tem que discutir?

— Pra começo de conversa, quero saber se a gente tá junto nessa ou se é cada um por si?

Felix o encarou como se a resposta fosse, obviamente, a segunda opção. Ginger e Maria ficaram pouco à vontade. Kenny estava apavorado com a ideia.

— A gente tá junto, claro — salientou Ginger. — Só assim vamos conseguir sair dessa.

Maria anuiu.

— É, todo mundo junto é melhor.

Felix deu uma risada.

— Falem por si.

Ginger massageou as têmporas e tentou conter a peçonha que estava na ponta da língua, em vão. Suas próximas palavras destilavam veneno.

— Você não passa de um merda convencido, sabia, Felix? E se quem ficar com o cu na reta lá fora for você? E se precisar da *nossa* ajuda? E aí, hein?

Felix deu uma gargalhada.

— Na moral, garota, eu sei me cuidar. Eu me viro sozinho

desde o dia em que aprendi a andar. É tu que tem que se preocupar, sendo esquelética e tudo o mais.

Ginger o encarou, contraindo o maxilar com tanta força que uma veia se destacou em seu pescoço, para espanto de todos. Ela apontou o dedo para Felix, tremendo de raiva.

— Escuta aqui, seu babaca, pode até ser que você seja fisicamente forte, mas é burro pra caralho. Não pode ser tão idiota assim, porra. Tenta usar essa sua caixola do tamanho dum testículo e pensa mais antes de...

— Chega!

A explosão de Nash fez com que se calassem. Eles desviaram o rosto, olhando para baixo, feito crianças repreendidas na escola, exatamente como Nash queria que se sentissem. Felix tentou fazer um comentário, mas Nash não tinha terminado.

— Puta que o pariu, chega de bate-boca. A gente tá perdendo tempo e energia. Não acham que dá pra gente se comportar feito adulto e segurar a onda, hein?

— Quer dizer, que nem você? — perguntou Ginger com rispidez, ofegante. — Tendo um ataque de raiva, como a porra de um garotinho de 4 anos?

— Gente, não briguem — murmurou Maria. — Não vai adiantar nada.

Ginger olhou para Nash.

— Ela tem razão.

Os dois trocaram olhares enfurecidos com Felix mas se calaram. Fizeram uma trégua em silêncio. Eles sabiam que se continuassem brigando entre si, derrubariam as máscaras que todos tentavam usar, revelando seus eus cada vez mais voláteis e acabados. Nash sentiu uma nova dor pulsando detrás dos olhos, martelando seus nervos ópticos. Seus canais auditivos também pareciam doloridos e inflamados. A heroína já não

chamava por ele, e sim vociferava.

— Quer pegar aquela parada lá do outro lado de qualquer jeito, né, Felix? — quis saber Nash, enxugando o suor da testa. — Tá mesmo decidido?

— O que é que tu acha?

— Bom, a gente vai ter muito mais chance de conseguir se trabalhar junto. Trabalho em equipe, caralho, coisa básica, que se aprende no ensino fundamental. Até você foi pra escola.

— E cheguei a cursar durante um tempo a faculdade comunitária, seu filho da mãe — retorquiu Felix, estalando os dedos para chamar a atenção.

— Então, anda, usa a porra da cabeça. Sabe muito bem que eu tenho razão.

— Eu não sei, não. Vocês podem até desacelerar o meu progresso.

Nash tentou suavizar o tom de voz.

— Cara, se a gente for junto, vai ter cinco vezes mais chance de se dar bem. Quanto mais gente, melhor, e mais seguro, sacou?

Felix inclinou a cabeça e refletiu sobre o assunto. O desespero contido, que transparecia na voz tensa de Nash, tornava-se cada vez mais convincente. Ele não parecia estar agindo de forma dissimulada.

— Como é que eu vou saber se posso confiar em tu?

— Eu dou a minha palavra.

— Tua palavra, cacete? Ah, isso não basta não, cara.

— É tudo o que eu tenho agora...

— Está *longe* de ser o suficiente.

Nash estendeu a mão.

— Eu juro pela minha vida. Se você precisar de ajuda, mesmo que não seja muito provável, pode contar comigo.

Mesmo que eu tenha que me arriscar. Entendeu onde é que eu quero chegar? Eu seguro a sua barra e você segura a minha, sacou?

Felix virou a cabeça para o outro lado e olhou bem fundo nos olhos de Nash, tentando descobrir se podia confiar nele ou se era pura balela. Mas não viu nada que tivesse lhe parecido preocupante. Segurou e apertou a mão de Nash.

— Pode crer, saquei, sim.

— Beleza — disse Nash, olhando de esguelha para os outros. — Tá todo mundo de acordo, então?

Ginger e Maria não responderam. Já tinham dado a opinião delas. A única pessoa que precisava tomar uma posição não se manifestou.

— Kenny? — indagou Nash. — Estamos combinados?

Ele não respondeu. Ficou olhando os próprios pés na areia.

— Você topa ir? — insistiu Nash. — Ou vai ou racha, cara.

Kenny soltou um suspiro.

— Se eu topar ir, é mais provável que seja um vai *e* racha.

— Olha só, eu achei que você tinha dito que topava.

— Eu não *disse* nada.

Kenny fitou Ginger, que tinha falado por todos antes. Seu olhar era incriminador. Nash notou a tensão nos ombros encurvados e nos músculos mirrados do rapaz, cuja acne parecia prestes a explodir de tanta pressão. Todos ficaram na expectativa, exceto Maria. Ela ficou vasculhando a areia, até pegar a pedra mais pontuda que pôde encontrar. Quando Kenny por fim falou, sua voz não passava de um sussurro.

— Eu não vou, não.

Todos teriam encarado o rapaz, na tentativa silenciosa de fazê-lo mudar de ideia, se ele não tivesse se recusado a fazer contato visual com quem quer que fosse.

— Porra, cara, então a gente vai ter que te deixar pra trás — disse Nash, por fim.

Aquelas palavras atingiram Kenny no âmago, levando-o a soltar um suspiro profundo, chocado. Ele olhou de novo para Ginger, daquela vez com expressão suplicante, na esperança de que ela retrocedesse. Os olhos dela lhe disseram que não.

— Deixa o garoto pra lá — retrucou Felix. — Vamos logo nessa.

Ele caminhou até a beira da água, ao lado de Nash e Maria. Ginger ficou ali, hesitando em dar as costas para a única pessoa da galera com quem tinha simpatizado. Por fim, aproximou-se de Kenny, com o pescoço tenso e o cenho franzido, impiedoso. O rapaz se inclinou e ouviu enquanto ela lhe sussurrava algo. A cada frase pronunciada, o rapaz ficava mais agitado, até por fim ela o abandonar para se unir aos outros.

— É uma distância e tanto pra nadar — comentou Felix, protegendo os olhos com as mãos, enquanto avaliava a distância de novo. — Tomara que todo mundo aqui seja pirado o bastante pra tentar.

— Basta você me dar corda pra eu me enforcar — disse Ginger.

Nash se virou e olhou para Kenny, de pé, na praia. Ele estava rubro e aflito. Comprimia tanto os lábios que estavam quase brancos.

— O que você falou pra ele? — perguntou Nash.

— Prefiro não repetir — respondeu Ginger. — Não quero cair no seu conceito.

Todos olharam para trás com o intuito de observar o rapaz imóvel. Ele aparentava estar prestes a gritar. Sua postura indicava que estava prestes a tomar uma atitude drástica.

— Quanto tempo tu acha que ele vai durar aqui sozinho? —

indagou Felix.

— Ah, não muito — respondeu Ginger. — É por isso que ele tá quase...

— Esperem aí! — gritou Kenny. — Esperem aí, porra. Eu vou com vocês.

Ele correu para perto dos outros como uma criança perdida que reencontra a família. A vermelhidão do seu rosto sumiu assim que se juntou à galera.

— O que foi que te fez mudar de ideia? — questionou Felix.

Kenny não respondeu. Apenas ficou perto de Ginger, quase como se fosse a sua sombra, embora os olhos inquietos a observassem com apreensão. Ela sorriu, mas não de forma triunfante. O que quer que tivesse dito acabou convencendo-o. Tinham sido palavras necessárias.

— A gente vai ter que ficar junto lá — comentou Kenny, assustando-se de repente quando uma gaivota grasnou.

— Combinado — disse Nash. Ele olhou para Felix. — A gente não vai se separar.

Estar sozinho no meio do oceano era uma ideia amedrontadora, até mesmo para Felix, apesar de toda a bravata. Ainda assim, ele retrucou displicentemente:

— Certo, aconteça o que acontecer.

Nash tirou a camisa e entrou no mar. A água que cobriu seus pés estava mais fria do que esperava. A brisa fresca do oceano fez sua pele arrepiar e, com o sopro do vento, ele sentiu que estava se distanciando dos outros. Eles não o estavam seguindo. Nash se virou, impaciente.

— E aí, a gente vai nessa ou não?

Eles ficaram imóveis, dando-se conta do caráter definitivo de suas decisões. Nash saiu da água e traçou uma linha na areia com o pé.

— Aqui está o ponto de partida de vocês — anunciou. — Quando passarem por ele, significa que a corrida começou.

Ninguém saiu do lugar.

— Vocês sabem muito bem como tudo vai terminar se a gente ficar aqui.

Felix tirou a camisa e ultrapassou a linha. Os demais o seguiram com relutância. Nash os guiou até a água, até a altura da coxa. Em seguida, inalou o máximo de ar que seus pulmões doentios permitiam e mergulhou de cabeça numa onda que se aproximava.

A água fria clareou sua mente exaltada no mesmo instante. Quando submergiu, Nash sentiu o coração acelerar, enquanto um instinto primitivo protestava contra seu plano de atravessar o canal. Ele reavaliou a decisão, mas tudo lhe pareceu bem menos convincente naquele momento. Uma criatura vultosa levantou a cabeça horrenda, fixando o olhar nele.

Pela madrugada, pensou.

O monólito veio em sua direção, precedido por um anúncio de asserção horripilante. Mesmo submerso, Nash podia ouvi-lo e senti-lo, ameaçando acabar com ele. Um ser daquelas dimensões só poderia ter origem no oceano.

Você é meu, dizia a criatura.

Nash enxergou a verdade. Uma perspectiva completamente alheia a ele permitiu que vislumbrasse a realidade nua e crua. Mal conseguia conceber o que lhe estava sendo revelado. Ele e os outros não passavam de meras amostras insignificantes de carne em meio à imensidão azul. As profundezas iam levar todos eles, sugando as peles de vários tons e os ossos brancos até o abismo líquido, reduzindo-os a nada.

Nash deu um grito debaixo d'água, e as bolhas passaram pelos seus ouvidos. Irrompeu na superfície, ansiando por ar.

Não vamos fazer isso não, pensou, estremecendo. *Gente, volta. Volta agora.*

Ele esfregou os olhos para tirar a água salgada e se virou na direção dos outros, abrindo a boca para lhes contar que tinha se arrependido.

— Peraí — começou a falar. — Eu... hã... não tenho tanta certeza...

Felix ergueu o dedo.

— Nem pense em voltar atrás agora, seu filho da puta.

Nash hesitou. Os outros o encararam com ódio. De sua boca só saíam sussurros, pois as palavras que planejava dizer ficaram presas na garganta. A indignação com sua covardia estava estampada no rosto dos demais. Se o autoproclamado líder do grupo amarelasse, era bem provável que quebrassem a cara dele.

Nash pigarreou.

— Eu não tô tentando desistir, não.

Percebeu que os outros estavam totalmente empenhados, com a disposição que ele mesmo estimulara. Novas palavras, que evitariam sua humilhação, vieram no lugar das outras.

— Qualquer problema em alto-mar, basta gritar — disse Nash. — Com todas as forças, tá legal?

Eles concordaram com impaciência, trocando olhares cautelosos. Felix nadou mais e mergulhou de cabeça, voltando à tona com foco e determinação, sem demonstrar o menor medo em relação à vastidão do oceano, como tinha acontecido com Nash. Ginger e Maria mergulharam em seguida, para emergir ali perto e se debater com água à altura do peito, surpreendidas com a temperatura fria do mar. Kenny hesitou de novo, mas, daquela vez, Nash não lhe deu importância. Na verdade, achou até bom.

— Anda logo, princesa — disse Felix.

Kenny entrou na água de uma só vez e fez uma careta ao sentir os respingos frios da água batendo contra seu corpo. Nash ouviu de novo a voz do oceano, sussurrando-lhe entre as ondas.

Agora, vocês são todos meus.

Foi a vez de Nash ficar imóvel, o que não passou despercebido pelos outros.

— Ei, foi você que teve essa ideia, cara — disse Ginger. — A gente tá *te* seguindo.

Nash mordiscou o lábio inferior, tentando encontrar uma saída. Se voltasse atrás naquele momento, ficaria completamente desacreditado. Com muita relutância, resolveu prosseguir.

— Então acho bom vocês tentarem me acompanhar.

Em seguida, ele desapareceu, engolido pelo mar. Quando ressurgiu, a 6 metros dali, não olhou mais para trás. Abriu caminho com braçadas exageradas, e os outros tiveram que se esforçar para acompanhá-lo. No início, nadaram num grupo compacto, mas, dali a pouco, Nash avançou. A princípio, recusou-se a abrir os olhos debaixo d'água, mas logo começou a espreitar. Suas olhadelas não revelavam muito. Uma mancha azul indefinida se espalhava à sua frente, interrompida aqui e ali pela silhueta indistinta de um penedo ou recife no leito arenoso. O azul ia escurecendo à medida que o baixio se distanciava. De súbito, Nash pôde sentir qual seria a sensação de flutuar no infinito.

Um pontinho insignificante de carne num planeta azul, pensou. *Eu não passo disso.*

Olhar de relance para aquela imensidão salgada estava fazendo os olhos de Nash arderem. A cada metro que ele

avançava, o mar ficava mais gelado. Ele ouvia o barulho dos demais chapinhando na água, um barulho que ia ficando aos poucos para trás, conforme se distanciava mais. A solidão tomou conta dele.

Faltam menos de 2 quilômetros, menos de 2 quilômetros, pensou. *Se concentra*.

Continuou a dar braçadas fortes, apesar da dor que começava a sentir. Os músculos rotadores pareciam ralar com areia dentro dos ombros, que os perfurava como cacos de vidro. Os tríceps aparentavam estar sendo arrancados com um bisturi cego. As pernas ameaçavam parar, tomadas pela queimação de ácido, porém a fissura pela heroína o impulsionava água adentro, como um peixe puxado por um anzol. Ele já podia sentir o cheiro da colher sendo aquecida, ver o líquido âmbar fervilhando em cima dela, com a textura similar à da gordura de asinha de galinha frita, empoçada no prato. Podia até imaginar a agulha lhe perfurando e lhe trazendo alívio, direto na veia. Em questão de segundos, levaria a dor embora e o envolveria num manto abençoado, aconchegante, entorpecedor e paradisíaco.

— Ei! — gritou Kenny, cuspindo água salgada. — Vamos ficar juntos!

Nash transpunha as águas, apavorado com a vulnerabilidade de suas pernas dependuras sobre o abismo líquido abaixo. Os outros estavam uns 20 metros atrás. Ele esperou que reduzissem a distância, dirigindo a atenção para o iate. Parecia bem maior naquele momento, com a proa voltada para eles. Nash teve certeza de que tinham se aproximado para ver o espetáculo de perto. Podia ver com mais clareza as silhuetas de três homens na frente do barco. Ao que tudo indicava, seguravam algo na altura dos rostos.

— Filhos da puta — xingou Nash, com desdém.

Ele se virou para observar a distância que haviam nadado, avaliando seu progresso. Já tinham feito um terço do percurso. Nash sentiu-se mais disposto a completar a travessia. A fissura pela H era, por um lado, insuportável, mas, por outro, o combustível que atiçava seus músculos e a sua força física com um desejo irracional.

— Andem logo! Nadem mais rápido!

Felix liderava o grupo, seguido de perto por Ginger e Maria; Kenny avançava na retaguarda. Singravam as águas batendo as pernas e os braços, deixando esteiras brancas atrás deles, as únicas interferências no manto azulado. Quando eles estavam a cerca de 6 metros de Nash, algo novo despontou na superfície do oceano, fazendo o coração dele disparar.

— Merda!

Uma grande barbatana se elevou uns 30 centímetros acima da água e rumou na direção deles, um periscópio ameaçador em reconhecimento, a aproximadamente 15 metros de distância de Kenny. A criatura seguiu o rasto do grupo por alguns segundos antes de voltar para o fundo.

— Não, não, não — sussurrou Nash. — Isso não tá acontecendo.

Felix o alcançou, ofegante. Ao deparar com o olhar horrorizado de Nash, sua exaustão foi embora na mesma hora.

— Que que foi, cacete? — perguntou. — Tu tá com cara de quem acabou de receber a sentença de prisão perpétua ou um troço assim.

O outro tentou responder, mas um nó tinha se formado em sua garganta, sob o pomo de adão, impedindo que emitisse mais que um ruído abafado. Os atrasados os alcançaram, tentando recobrar o fôlego. Nash tossiu com violência e se

livrou temporariamente do nó.

— A gente tem que continuar. Vamos logo.

— Eu preciso descansar — informou Maria, arfando. — O corpo tá dolorido.

Ginger assentiu.

— É isso aí, só um minutinho, Nash.

— A gente não tem um minuto.

— Qual é a pressa, cara? — perguntou Kenny. — A ilha não vai sair do lugar não...

— Não dá pra parar. A gente tem que ir *agora*.

Kenny falou mais alto.

— Olha só, se eu não parar um pouco, não vou conseguir não.

Nash também aumentou o tom de voz.

— Kenny, a gente não pode ficar aqui de bobeira na água.

— Por quê?

— Porque...

Ele sentiu o nó na garganta de novo, o que o impediu de falar. Suas pupilas começaram a oscilar e o traíram. Os outros olharam para ele com inquietude, tentando entender o que o estava apavorando. Felix foi quem mais se mostrou preocupado, por ter noção do que poderia estar amedrontando Nash.

— Por que tá tão assustado, cacete?

Nash olhou, nervoso, para Felix e para Ginger. Em seguida, dirigiu o olhar para o ponto em que vira a barbatana. Não havia mais nada lá; não obstante, não se sentiu aliviado. O que fora avistado antes agora os espreitava embaixo d'água. Ele examinou o mar ao redor, apavorado com a ideia de vislumbrar um monstro.

— Eu v-v-vi uma barbatana — gaguejou. — Apareceu atrás de

vocês e continuou a seguir todo mundo por um tempo.

Todos ficaram pasmos e arregalaram os olhos. Kenny e Maria rodopiaram na água, examinando freneticamente o lugar em que estavam.

— Um tubarão? — bradou Kenny. — Tá me dizendo que viu uma *porra de um tubarão*?

— Uma *barbatana* — retrucou Nash. — Só vi a barbatana. Pra falar a verdade, não sei nem se era tubarão ou não.

Kenny olhou com raiva para o homem que os persuadira a fazer a travessia. Nash engoliu em seco, o sentimento de culpa fazendo o nó crescer em sua garganta, dificultando a respiração. Maria começou a se lamuriar e tentou pegar algo no bolso. Daí mostrou para os outros a pedra pontuda que tinha encontrado na praia. Felix a encarou com desprezo.

— Ah, tá, como se isso aí fosse proteger a gente.

Maria segurou a pedra com força, mas seu desalento era inconfundível. Começou a falar de forma incoerente em espanhol. Kenny e Felix se limitaram a praguejar e resmungar. Só Ginger tentou manter a calma.

— Um golfinho — disse ela. — Pode ter sido um golfinho, um marlim, uma arraia-jamanta ou um troço assim. Tem muito bicho no mar com barbatana, além de tubarão.

Nash anuiu, tentando se mostrar aprazível, embora não tivesse engolido aquela história. O que tinha vindo à tona não era nenhuma daquelas criaturas. A barbatana era grande demais, pontuda demais e *determinada* demais.

— Olha só, não tô nem aí se tu viu o caralho de uma Ferrari por aqui — resmungou Felix. — Eu não quero ficar na água nem um segundinho mais do que o necessário.

Todos assentiram ansiosamente. Nash e Felix tomaram a frente e foram lado a lado, nadando crawl, mais desesperados

do que nunca. Os outros os seguiram de perto, tentando acompanhar o ritmo. Nash arregalava os olhos debaixo da água, checando o tempo todo qualquer sinal de perigo. Mas via apenas o tom azul-escuro embaixo, o equivalente oceânico de um buraco negro no espaço. Só sentia certo alívio a cada três braçadas, quando virava a cabeça para respirar e via de relance o céu azul e as nuvens brancas.

Se concentra no prêmio, não lá embaixo.

Mas não conseguia. Aquilo quase o levava à loucura: três braçadas extenuantes, com o rosto voltado para o mundo de terror, seguidas de uma respiração esperançosa. Nash precisou reunir todas as suas forças físicas e mentais para seguir em frente. Então, viu algo que o deixou arrasado. Ao virar o rosto para a água, seus olhos embaçados enxergaram um troço novo. Uma cor diferente surgiu em meio ao azul profundo.

Você é meu também, parecia dizer a nova cor.

Cinco metros abaixo, uma criatura alongada, cinza-esverdeada, passou com agilidade pelo campo de visão de Nash. Era grande e lisa, aparentemente alheia à carne fresca que flutuava na superfície. Mas ela não estava. A criatura tinha detectado a bioeletricidade dos nadadores havia muito tempo.

Meu Deus do céu, olha o tamanho do filho da mãe, pensou Nash.

Aquela visão fez a água borbulhar ao seu redor, conforme ele deixava o ar escapar dos pulmões, em pânico. O novo visitante deslizava mansa e lentamente, um predador no topo da cadeia alimentar, com todo o tempo do mundo, sua simples presença já era agourenta o bastante. Nash parou, boiou com o rosto virado para baixo e observou o animal se mover até desaparecer na escuridão do oceano.

*Todinhos meu*s, parecia clamar.

Nash colocou a cabeça para fora d'água para calcular a distância que restava. Estavam, com otimismo, na metade do caminho. Quando voltou a nadar, algo esbarrou em suas costas. Deu um grito apavorado por puro instinto.

— O que é que foi, Nash?

Ele se virou, deu-se conta de que tinha sido Ginger e, ao menos daquela vez, ficou feliz por vê-la. Ela ficou parada na frente de Nash, tirando a água do rosto. Apesar dos gritos dela, ele ficou aliviado.

— Por que você parou, seu babaca? Continua nadando...

Ginger parou de falar. O rosto de Nash ficara lívido, os olhos arregalados fixos em algo atrás dela. Ela se virou devagar até ver exatamente o que rezara para não encontrar. A barbatana despontara na superfície de novo, daquela vez mais perto, e se movia na direção deles, com determinação. Bastou uma olhada para Ginger perceber que não era golfinho, nem marlim nem arraia-jamanta.

— *Tubarão!* — gritou ela.

Todos ergueram a cabeça. Cada um deles vislumbrou o triângulo acinzentado que vinha em sua direção. Felix deixou escapar um rugido gutural e se preparou para a chegada da besta, batendo as manzorras negras na superfície da água. Kenny e Maria o imitaram, dando gritos estridentes e golpeando a água com igual ferocidade.

— O que é que a gente faz? — vociferou Ginger.

Nash bateu na água, formando uma espuma branca ao seu redor.

— Vamos fazer barulho. Tentar espantar o bicho.

Ginger seguiu seu conselho, na esperança de dissuadir o provável atacante. Antes de alcançá-los, a barbatana desviou para a esquerda e deslizou para baixo, indicando uma mudança

de direção. Os cinco nadadores esperaram ansiosamente. A barbatana não tornou a aparecer.

— Eu acho que... eu acho que a gente espantou o desgraçado — disse Kenny, ofegante.

Ginger deu uma risada nervosa, apesar do semblante horrorizado.

— É, é isso aí, eu acho que você tem razão. A gente conseguiu.

— Um tubarão daquele tamanho não vai se assustar por muito tempo — gritou Felix. — Vamos *embora*.

Ele nadou depressa, seguido pelos outros. Ali perto, o iate fez uma manobra lenta e passou a navegar paralelamente a eles. Uma quarta figura se juntou às outras três no convés. Eles foram para estibordo para observar o que acontecia. Uma voz com um inconfundível sotaque sulista gritou:

— Achei que vocês gostariam de saber que eles adoram sangue humano.

Os outros homens deram gargalhadas. Nash nadou com mais afinco, embora continuasse a olhar por sobre os ombros, para checar se alguma barbatana se aproximava. Estava tão preocupado com o que poderia aparecer atrás dele, que não viu o que surgiu à sua direita. Na verdade, nenhum dos nadadores viu a barbatana dorsal do tubarão-tigre de 5 metros seguindo ao lado deles, antes de ela submergir de novo, instantes depois.

— Estamos quase lá! — berrou Felix. — Faltam só umas centenas de metros.

Todos sentiram a esperança renascer. Já dava para Nash enxergar com clareza a praia adiante, a distância se reduzindo a cada braçada e batida frenética na água. Ele tinha certeza de que conseguiriam chegar.

— Vamos nessa, a gente vai conseguir.

A esperança renovada de Nash foi abalada por um único grito. Ele se virou e viu Kenny se agitando na água, com o rosto pálido, mortificado.

— O que foi? *O que foi?* — perguntou Nash.

— Um troço *esbarrou* em mim — berrou Kenny.

— Ai, meu Deus, levou uma mordida?

Kenny olhou para baixo, buscando algum sinal de tubarão ou de sangue. Nem um nem outro.

— Não, eu acho que não — gritou. — Parece que não me mordeu.

— Bom, então continua nadando. A gente tá quase...

Nash se debateu violentamente ao sentir algo atingir suas pernas. Um corpanzil áspero, que lembrava uma fuselagem coberta de lixa, arranhou as suas canelas. A enorme barbatana peitoral bateu nos pés que se movimentavam na água, conforme o tubarão-tigre passava. Nash deu um berro e ergueu as pernas, olhando para baixo, a tempo de vislumbrar uma gigantesca cauda desaparecendo, após um movimento brusco. Esperou para ver se o mar ia se tingir de vermelho com o sangue da ferida recém-feita, mas nada aconteceu.

— *Vamos, vamos, vamos!* — gritou Nash. — *Esse tubarão acabou de criar coragem*.

Nash se lançou desvairadamente na água, nadando com a cabeça erguida, esquadrinhando a superfície ao redor, receando ver fileiras de dentes afiados contornando uma goela escura e arremetendo contra ele de uma onda ali perto. Em questão de instantes, outro grito de Kenny deixou todos paralisados.

— Eu vou voltar!

Felix não acreditou no que estava ouvindo:

— O quê?

— Um troço esbarrou em mim de novo — explicou Kenny. —

Que se foda, eu vou voltar.

— Não seja idiota, a gente tá quase chegando.

Kenny ficou histérico.

— Vão se foder! Essa ideia foi idiota, idiota. Não sei por que fui escutar vocês, porra. Eu vou voltar!

Nash falou bem mais alto, o quanto ousou.

— Não faz isso, Kenny, a gente tem que ficar junto.

Todos nadaram na direção do garoto e o circundaram. A proximidade dos outros não lhe trouxe consolo.

— Eu disse que vou voltar e ponto final.

Antes que Nash pudesse acrescentar algo, alguém pôs a mão no ombro dele. Foi Maria. Ela o puxou, fazendo com que ficassem cara a cara. Seu olhar estava frio como aço, e sua voz ainda mais sombria.

— Não, deixa o covarde se mandar. O *diablo* quer ele. Deixa o *diablo* ficar com ele.

— Vai se foder, sua vadia!

Kenny deu um tapa nela com as costas da mão, atingindo sua face em cheio. A cabeça dela pendeu para trás, chegando a submergir por um instante. Ela voltou à tona, cuspindo água. Ao se virar para Kenny, fuzilou-o com os olhos.

— *Bastardo*.

Então, contra-atacou com o que levava na mão. Todos viram. A pedra pontuda cortou o antebraço de Kenny quando ele o levantou para tentar se defender do ataque. O grupo observou, horrorizado, um corte de uns 10 centímetros se formar e o mar se tingir de vermelho. O rapaz soltou um gemido gutural, e Maria deixou a pedra cair pesadamente na água.

— Maria, o que você fez? — perguntou Ginger, com voz rouca.

A outra mulher não disse nada. Manteve o olhar impassível,

observando o sangue escorrer. Felix se lançou para a frente, agarrou os cabelos dela, inclinou sua cabeça para o lado e levou-a a gritar de dor.

— Viu só o que tu fez, sua piranha maluca? — perguntou, furioso.

Maria se desprendeu com um berro, deixando uma mecha de cachos negros na mão dele. Felix investiu contra ela outra vez, mas ela já estava fora de alcance, nadando em direção à ilha. Kenny olhou para todos, em busca de ajuda, mas todos se afastaram dele, evitando a mancha de sangue que se espalhava na água.

— Ah, meu Deus, eu tô sangrando. Tô espalhando sangue pra todo lado. Vocês precisam me ajudar a estancar isso. Me ajudem a estancar o sangue.

Nash ficou com a boca seca.

— Cara, foi mal. Foi mal mesmo.

— Não me abandonem aqui!

Nash foi se afastando, e Kenny começou a chorar. Ginger, ignorando seu instinto de sobrevivência, tentou nadar até o garoto.

— Ginger, não faz isso — disse Nash.

— A gente não pode simplesmente abandonar o Kenny. Precisamos tentar...

Outra barbatana, daquela vez menor e com a ponta branca, deslizou pela superfície, a 3 metros de Ginger, e fez com que ela se calasse.

— Chegou um convidado novo! — gritou Felix.

Ele olhou repetidas vezes, nervoso, para Kenny e para a ilha, tentando decidir se ficava ou se continuava nadando. Nash balançou a cabeça para Ginger, dando a entender que ela devia desistir da missão suicida que se propusera fazer.

— Kenny, dá pra você chegar na praia, se quiser — afirmou Nash. — Começa a *nadar*, parceiro, antes que eles comecem a te perseguir. Dá tempo.

— Eu não consigo.

— Consegue, sim.

— Vamos lá, querido — implorou Ginger. — Vem com a gente pra um lugar seguro.

Eles começaram a nadar, tentando fazer com que Kenny os seguisse. Nash ouviu os soluços do rapaz atrás, mas se recusou a olhar. À sua frente, viu a enorme barbatana do tubarão-tigre emergir e passar diante dele antes de desaparecer. A praia e a segurança que representava estavam a menos de 100 metros, e Maria já havia nadado metade do caminho. Nash conseguia vislumbrar uma forma cúbica escura na areia, o segundo baú. Fez uma oração, a primeira em muitos anos, suplicando pela intervenção divina.

— Meu Deus, por favor, a ilha tá pertinho. Deixa a gente chegar são e salvo.

Deus, porém, não estava atendendo a pedidos. Outro grito agudo ressoou antes de Kenny ser arrastado para baixo e o mar abafar seus berros. Nash se virou a tempo de ver os braços agitados dele submergirem e uma barbatana de tubarão-tigre imergir logo em seguida. Então, um forte golpe de cauda surgiu na superfície, e mais nada.

— *Kenny!* — bradou Nash.

Felix e Ginger só viram marolas no ponto em que Kenny afundara. Eles aguardaram, procurando freneticamente qualquer sinal do rapaz ou do tubarão. De repente, um terço do corpo de Kenny despontou na água, a boca arreganhada num grito abafado e numa busca desesperada por ar. Tinha perdido parte do braço esquerdo, que lhe fora arrancado do cotovelo

para baixo, e o sangue jorrava do toco estraçalhado, tingindo de vermelho o mar à sua volta. Seus olhos arregalados observaram com pavor as tiras de carne dilacerada, dependuradas no que restara do braço. Pele, tendão, músculo e osso, tudo estava exposto, como uma mercadoria na vitrine do açougue. Os gritos de Kenny começaram a ficar mais roucos.

— *Me ajudem, pelo amor de Deus!*

Nash contraiu os lábios. Ver o rapaz implorando na água o deixou com o coração partido. Queria mais do que tudo poder voltar, mas seria suicídio tentar resgatá-lo, pois ele se transformara numa isca viva, sangrando profusamente, com os tubarões circulando ao redor. Ouviu novos ruídos de golpes na água, não sabia dizer do quê, mas eles foram decisivos para que abandonasse o garoto de vez. Conforme Nash se afastava, os gritos dignos de compaixão de Kenny foram virando berros coléricos.

— *Não me abandona, seu filho da puta!*

Nash olhou para trás uma última vez, com os olhos marejados. Kenny tentava nadar na direção deles, usando o toco despedaçado, salpicando água e se debatendo como um filhote de cachorro apavorado, arfando. Sua boca parecia uma meia lua de cabeça para baixo, os lábios, pálidos e trêmulos. Nash pôde ver nos olhos do rapaz que ele se dera conta de que seu tempo na terra terminara.

— Porra, eu sinto muito, mesmo — disse Nash, entre soluços.

Kenny fechou os olhos e se debateu cegamente, deixando lágrimas obsoletas caírem no mar. Ali perto, Felix e Ginger assistiam a tudo, impotentes, incapazes de tomar a iniciativa de ajudar o jovem. Outro golpe ressoou na água ali perto, e uma barbatana com a ponta branca surgiu entre as ondas.

— Nash, a gente tem que ir — disse Felix. — Agora, cacete...

Os lábios de Felix começaram a tremer, e ele não conseguiu mais articular nada. O tubarão-tigre tinha voltado e singrava o mar na direção de Kenny, expondo toda a barbatana antes de o dorso irromper na superfície. Nadou depressa em direção ao rapaz, com uma velocidade espantosa, para, então, erguer o focinho e atacar na superfície. Observando tudo de lado, Nash viu quando o olho preto-azeviche do animal se revirou e uma membrana branca de proteção deslizou sobre ele. O tubarão escancarou as mandíbulas e mordeu o ombro de Kenny, enterrando as múltiplas fileiras de dentes afiados em sua carne, atingindo os ossos. Mal se ouviu o grito de dor de Kenny conforme o peso do animal o arrastava para o fundo. Os outros aguardaram o máximo que puderam, na esperança de que ele viesse à tona. Mas ele não voltou.

— Kenny? — chamou Ginger, procurando-o entre uma onda e outra, em pânico. — Querido?

Gritos de aprovação ecoaram do iate. Dois sujeitos agitavam os punhos no ar, ao passo que os outros bebiam direto do gargalo das garrafas.

— A gente tem companhia — avisou Felix, os olhos fixos em algo novo.

Duas barbatanas menores vieram à tona, numa série de investidas rápidas no local manchado de sangue. Tubarões galha-branca chegaram, guiados por um olfato apurado o bastante para detectar uma única gota de sangue na água a mais de um campo de futebol de distância. E queriam participar daquilo. Uma terceira barbatana, de um animal da mesma espécie, juntou-se às outras, mas mudou de rumo de repente e se afastou, afugentada pelo tubarão-tigre maior.

— O Kenny já era — declarou Nash. — Não tem mais nada

que a gente possa fazer por ele.

Ginger balançou a cabeça, perplexa.

— Não dá pra simplesmente abandonar o cara, ele precisa da gente...

Nash a sacudiu com violência.

— Para com isso. Ele já virou comida de peixe agora, e a gente vai acabar virando também, se ficar mais um segundo aqui, porra.

— Mas o Kenny...

O tabefe que ele deu na cara de Ginger levou-a a recuperar o bom senso. Voltaram a nadar desesperadamente, deixando para trás o estardalhaço de barbatanas e caudas se debatendo na superfície do mar ensanguentado, com os tubarões de espécies diferentes brigando pela carne fresca. Felix olhou para trás e viu quando um troço de tom róseo veio à tona e boiou por alguns instantes, antes de ser abocanhado por um focinho cinzento e pontudo, e levado para o fundo.

— Nadem mais rápido! — gritou Felix. — Tá o maior banquete macabro lá.

Eles romperam as ondas até sentirem os músculos queimarem, os últimos 90 metros ameaçando derrotá-los. Urros e chacotas vinham do iate, nas cercanias. Nash não ousou olhar para trás nem abrir os olhos enquanto nadava. Quando o grupo se aproximou da praia, Felix parou para checar a profundidade, tateando com as pontas dos pés. Depois de mais seis braçadas, conseguiu ficar de pé, 1,20 metro de água, a uns 30 metros da praia. Um sorriso largo e eufórico tomou conta do seu rosto.

— Está raso! — gritou. — Estamos salvos.

Ginger e Nash verificaram também e ambos deram uma gargalhada histérica ao sentir os pés tocarem o leito arenoso.

— A gente conseguiu — disse Felix, rindo. — A gente...

O sorriso dele esvaneceu. Ele apontou o dedo para a direção de onde tinham vindo. Nash e Ginger se viraram e viram uma barbatana com a ponta branca rumando na direção deles, sem se deter um instante sequer pela baixa profundidade.

— Vamos pra praia.

O grupo ora corria, ora nadava rumo à areia. Nash percebeu que o tubarão se aproximava cada vez mais, enquanto ele se locomovia com dificuldade no raso. Marolas batiam em suas costas, mas não pareciam ajudá-lo a seguir adiante. A 1 metro de profundidade ele olhou por sobre o ombro e viu a barbatana dorsal do caçador irredutível avançando, apesar da profundidade cada vez menor.

— Ele ainda tá vindo! — vociferou. — Cuidado, Felix!

Felix tropeçou e caiu, chapinhando na água. Nash foi até ele, agarrou-o pelo braço e o ajudou a se levantar. Os segundos extras conspiraram contra os dois. O tubarão se aproximara demais.

— A gente chegou ao fim da estrada — comentou Felix, arquejando.

Ele se levantou, a água batendo na sua cintura. Nash decidiu cumprir sua promessa e não arredou o pé. O galha-branca se aproximou mais, percorrendo com súbita velocidade o baixio, o focinho apontando na direção de Nash. Por puro instinto, ele agarrou a fera quando ela arremeteu, erguendo o focinho para trás conforme o peso do tubarão o empurrava para trás. Continuou a segurá-la, fitando-a com pavor. Os olhos do bicho reviravam cegamente. As mandíbulas abriram, e ele atacou. Centenas de dentes, desenhados para dilacerar carne, chegaram a centímetros do rosto de Nash.

— Tira esse troço de cima de mim!

Num piscar de olhos, Felix deu um soco no olho direito do

tubarão, forte o bastante para deslocá-lo para o lado. O galha-branca foi para o fundo e ficou imóvel, aturdido por alguns instantes. Felix foi para a frente e tentou atacá-lo de novo, mas a fera voltara a si e zarpara dali dando uma guinada com a cauda. Sua imagem refratada desapareceu sob as ondas.

Assim que a perderam de vista, Nash e Felix se dirigiram à praia. Ginger e Maria estavam arriadas na areia, com as ondas lambendo suas pernas. Maria vomitou na água. Em meio aos soluços, Ginger deu um soco na areia, os cabelos emaranhados cobrindo o rosto. Os homens caíram de joelhos ao lado das mulheres. Nash apoiou a cabeça no solo molhado e o beijou. Em seguida, virou o rosto salpicado de areia para Felix e deu um sorriso forçado.

— Trabalho em equipe — disse ele, arfando. — O que foi que eu te disse?

Felix estava sem fôlego, mas anuiu, fez sinal de aprovação com o polegar e deu um tapinha nas costas de Nash.

— Trabalho em equipe — repetiu Ginger. — Era nisso que eu tava pensando.

Maria ergueu os olhos vidrados, a saliva escorrendo pelo queixo. Ginger atacou a outra mulher, bem menor do que ela, jogando o peso em cima dela e prendendo-a na areia. Em questão de segundos, começou a puxar seu cabelo e a arranhá-la.

— Você *sacrificou* o coitado do garoto, sua piranha!

Ginger meteu as unhas no rosto de Maria, enquanto tentava lhe arrancar os olhos. Palavras em espanhol e gritos ecoaram no ar. Felix apartou as duas mulheres, fazendo-as ficar de pé. Deixou que Ginger se afastasse, mas conteve Maria.

— Olha só o que vai acontecer, minhas caras — disse Felix, levantando a voz. — A gente conseguiu chegar aqui. Então,

vamos abrir aquele baú, dividir a droga e comemorar pra caralho. Vamos curtir a nossa parte, a do Tal, a do Kenny e...

Ele sorriu com amargura para Nash e Ginger e depois fez uma careta. Os dois mal viram quando deu um soco no queixo de Maria. Ela caiu estatelada na praia, com a boca ensanguentada. Felix ficou olhando o sangue dos lábios cortados gotejar na areia.

— E a *dessa* piranha também.

Uma onda de aplausos e vivas, vinda do mar, chamou a atenção deles. O iate lançara âncora a uns 200 metros da ilha, e as quatro figuras acenavam e batiam palmas da proa. Nash viu que um dos sujeitos segurava o que parecia ser uma câmera de vídeo.

— Acho que você tinha razão, Ginger. A gente tá no *Câmera escondida*.

Ela também viu a cena.

— Sádicos filhos da puta.

Felix mostrou o dedo médio, erguendo bem a mão para que pudessem ver. No barco, todos deram risadas e vaiaram, reprovando o seu gesto.

— Vão pro inferno, seus brochas! — gritou Ginger.

Outra série de deboches veio do barco. Nash e Felix se jogaram na areia, buscando alívio para as dores que sentiam e arfando em busca de ar para os pulmões exauridos. A adrenalina foi rapidamente drenada dos seus organismos, dando lugar aos sintomas da abstinência. Ginger virou Maria de forma que ela não sufocasse com o próprio sangue. Após alguns minutos, Felix se levantou, cambaleante.

— Que tal a gente pegar os brindes da festa?

Ele caminhou penosamente pela praia rumo ao segundo baú, que jazia na areia. Nash e Ginger seguiram-no de perto,

fissurados pela heroína. Felix destravou a caixa, escancarou a tampa e viu os mesmos itens do primeiro baú. Remexeu em tudo, empurrando para o lado água e comida, até encontrar um estojinho de metal. Agarrou-o com as mãos trêmulas e o tirou de lá.

— Abre logo isso — ordenou Ginger.

Eles se aconchegaram, prendendo a respiração com a expectativa. Felix abriu a tampa, deixando à mostra um saquinho com um pó branco e fino, bem como vários canudos de metal. Nash sentiu pesar ao ver aquilo. Tinha esperado outro modus operandi: agulhas, colheres, isqueiro. Sempre era melhor injetar do que cheirar, mas não lhes deram opções.

— Porra, pelo visto não vai dar pra esquentar a parada.

— Eles não iam deixar a gente acender uma chama nem por um segundo — afirmou Felix. — Nada de sinal de fogo, lembra?

Nash se recordava muito bem. Os sujeitos do iate tinham tomado todas as precauções para levar adiante seu joguinho. Felix tirou o saquinho e encontrou embaixo um envelope em branco, que colocou de volta no estojo, sem o menor interesse pelo seu conteúdo.

— Então vamos cheirar logo.

Ele fechou o baú e preparou a heroína na tampa, espalhando-a e dividindo-a em três carreiras. Tinha mais do que pensavam, uma dose e tanto para cada um. Ginger e Nash pegaram os canudos no estojo e esperaram Felix terminar. Por fim, ele olhou para os companheiros e deu um sorriso vibrante, que os convidava a se aproximarem. Hipnotizados pelos montículos de pó esbranquiçado, eles arregalaram os olhos e começaram a sorrir, enquanto se coçavam.

— Vamos nessa — sussurrou Felix.

Os três se ajoelharam em torno do baú, inclinaram-se sobre

os respectivos montículos e, com os canudos metidos nas narinas, aspiraram o alcaloide. O barato veio no instante em que a droga chegou às membranas.

— Meu Deus do céu — exclamou Nash, pasmo.

A mensagem da outra ilha dizia a verdade. A droga era a melhor que ele já tinha consumido. Nash se deixou cair na areia, sentindo o verme legal serpentear na sua massa cinzenta. O barato espantou todas as suas preocupações. Ele estava no céu.

18

Eles ficaram olhando para o céu, onde as primeiras estrelas da noite começavam a brilhar. Era uma beleza rara de se ver, o horizonte em brasa reluzindo sobre o mar, o sol poente de um tom encarnado translúcido. Naquela região, o lusco-fusco podia ser considerado o melhor horário para a busca de alimento. Os tubarões voltariam a caçar em breve, se é que já não estavam em ação. Sentado numa cadeira do convés, na proa do barco, Greer observava os quatro indivíduos na praia com um binóculo, fumando charuto. Fazia horas que os ilhados desfrutavam do prêmio, remexendo-se e contorcendo-se na areia como minhocas fora da terra, chapados demais para se preocuparem com os próprios corpos, cheios de queimaduras de sol. Até mesmo Maria, que se recuperara do murro de Felix, recebera permissão para se refestelar com o que sobrara dos outros.

Sem desgrudar os olhos das lentes, Greer pegou uma garrafa de cerveja do convés e tomou um gole, ainda com o charuto no canto da boca. Um pouco do líquido âmbar escorreu pelos seus lábios, caindo no queixo de pele curtida e manchada, outrora queimada por fósforo branco. Ele o enxugou com um resmungo.

— Esses tubarões não estão com nada — queixou-se. — A gente devia ter perdido dois hoje.

Buchanan se inclinou na amurada, ao lado dele, e beliscou um pouco do bife com arroz do seu prato, observando a praia sem muito interesse.

— Ah, mas teve o Tallahassee Jones ontem à noite — argumentou ele, entre garfadas. — Eu não imaginei que o sujeito estivesse tão fissurado quando a gente o pegou. Ele piorou muito rápido e foi embora antes do tempo.

— Ah, nunca dá pra prever como esses vermes vão agir.

Buchanan assentiu.

— É verdade, mas eu devia ter previsto que isso podia acontecer. A gente podia ter conseguido uma filmagem e tanto! Parece que ele foi todo estraçalhado lá.

— É mesmo — disse Greer. — Que desperdício.

— Não pra mim.

O sorriso presunçoso dele irritou Greer. A morte inesperada de Tallahassee Jones, nos atos iniciais, fora prevista por Buchanan e favorecia sua aposta. Um lance acertado logo de primeira equivalia automaticamente a um bônus de mil dólares do bolo. Greer e Buchanan tinham empatado com a morte de Kenny, pois Greer apostara que ele seria a segunda baixa. Nenhum deles tinha feito dois a dois, pois ambos apostaram que uma das mulheres sucumbiria nos estágios iniciais. Turk e Reposo se encontravam na popa do iate, pescando: respectivamente o atual vencedor e o perdedor. Reposo estava perdendo por dois a zero, pois nem o corpulento Felix nem a magricela Ginger tinham virado cadáver. Turk liderava o grupo. Tinha acertado ambos os palpites.

— Aquele banquete macabro do final devia ter feito outro presunto — comentou Greer. — Não acredito que eles

conseguiram se safar. Pelos menos uns *quatro* tubarões foram atraídos pelo cheiro, caramba.

— Mas eles escaparam por pouco no raso — disse Buchanan. — Vou te contar, aquele tal de Felix deve ter sido um boxeador e tanto nos bons tempos.

— Você deve saber muito bem — ironizou Greer, dando uma gargalhada. — Fiquei sabendo que ele te deu um soco uns dias atrás.

— Por pura sorte — defendeu-se Buchanan. — E mal conseguiu me atingir.

— Claro, claro — disse Greer, com um sorriso malicioso, olhando de novo para a praia. — Todos têm certa garra, isso eu reconheço. E, além do mais, estão tentando ficar juntos. O que não é... muito comum.

Greer pensou na camaradagem que começava a surgir entre os ilhados. A violência e o desespero os tinham obrigado a se unir, como acontecera com ele e tantos outros antes. Greer começou a devanear. Surgiram lembranças de tiros, explosões e comandos. De homens que lhe foram tirados pelas razões erradas. Durante anos ele estivera metido até o pescoço em operações de apreensão de narcóticos, sancionadas pelos militares com o apoio da CIA, e vasculhara a zona rural afegã em busca de plantações de papoula e laboratórios clandestinos, que, por sua vez, patrocinavam os rebeldes talibãs, além de células terroristas. *Envenenar as fontes* era como seus superiores descreviam seu trabalho. *Meter no traseiro de todo*s era como Greer encarava tudo aquilo. Supostamente deveria ser mais fácil cortar o rabo que a cabeça da serpente, mas o perigo não diminuía. Na hora do bote, a cobra sabia ser veloz e infalível de qualquer ângulo.

Que desperdício, pensou Greer.

— Senhor?

Ele se lembrou de como tentara juntar os pedaços da cabeça do Sargento Sonnen, dilacerada da sobrancelha para cima por um projétil de franco-atirador, instantes depois de Greer ter lhe ordenado que checasse uma esquina. Ele se lembrou do ataque com morteiro, que atingira seu esquadrão uma semana depois, estraçalhando o corpo do especialista Wright e deixando todos os outros intactos, por algum motivo. Ele se lembrou do especialista Craddock sumindo de vista após ser atingido por uma bomba caseira, no dia seguinte. A única parte do corpo dele que eles conseguiram encontrar depois foi uma das botas de combate, ainda com o pé dentro. Greer se lembrou da perda de cada um dos homens que estivera sob seu comando. E se lembrou com mais nitidez ainda dos que ele tinha salvado, arriscando a própria pele, arrastando-os feridos e ensanguentados do comboio emboscado até um local seguro, sob uma saraivada de balas. Três deles estavam ali no iate, e todos morreriam por ele. A guerra era indiscriminada, mas Greer não. Jamais considerara seus homens descartáveis, independentemente da "realidade mais ampla" a que os altos escalões adoravam se referir ao comentar a perda de soldados altamente treinados no campo de batalha.

Que grande desperdício.

E também havia Pike, o mais próximo que tinha de um irmão. O aspirante Pike, o segundo em comando de Greer desde o início da guerra, um soldado de carreira, que salvara a vida do seu capitão em mais de uma ocasião, e começara a ter dificuldades para aceitar suas ações após anos de eficiência brutal e retornara para casa após a última missão, passando a entornar o copo o tempo todo.

Duas semanas depois de chegar a Miami de licença, Pike

entrara num boteco de Opa-locka, enchera a cara de cerveja barata até começar a embolar as palavras e cair do tamborete do bar. Quando o lugar fechou, foi jogado na rua, na qual ele ficou perambulando de um lado para o outro, até ser encurralado por dois viciados, que tomaram sua carteira, seu relógio, sua aliança e até mesmo sua placa de identificação militar. Se estivesse sóbrio, Pike liquidaria os sujeitos com as próprias mãos em questão de segundos, mas, embriagado, não era páreo para dois oponentes. Ainda assim, tentou lutar contra ambos. Eles o arrastaram até um beco e o espancaram até a morte.

Depois de surrar o gerente do boteco com violência, quase o matando, Greer obtivera a filmagem das câmeras de segurança e descobrira a casa de penhores aonde tinham sido levados os pertences de Pike. Só precisara cortar um dedo do dono da casa para que ele dedurasse os vendedores. A informação levara Greer a uma espelunca desocupada, com parafernálias de toxicômanos espalhadas por todos os lados. Ele ficara esperando ali e, quando os viciados responsáveis pela morte de Pike apareceram para tomar um pico, metera uma bala de ponta oca no estômago de cada um com sua Glock calibre .45, com silenciador, para garantir uma morte lenta e agonizante. Usara um martelo para quebrar as mandíbulas de ambos, de maneira que não pudessem gritar por socorro. Então se sentara e os observara por um tempo, enquanto rastejavam, tentando fugir, as entranhas perfuradas deixando um rastro de sangue no linóleo imundo. Permanecera ali, impassível, ignorando os gemidos incoerentes dos dois, até seus corpos ficarem imóveis, ciente de que agira de forma correta, fazendo justiça.

— Capitão?

E, quando uma puta viciada em crack batera

inesperadamente na porta do apartamento dos viciados exigindo drogas e se recusando a ir embora, Greer a convidara para entrar e lhe quebrara o pescoço.

— Capitão Greer?

Ele caiu em si.

— Sinto muito, sargento, o que você disse?

— Queria saber qual dos nossos contatos o senhor acha que a gente deve aposentar, quando voltar pra Miami.

— Você já tem uma opinião a respeito?

Buchanan acenou com a cabeça.

— Eu tenho pra mim que o tal de Catraz está fazendo a gente perder tempo. E eu acho que a gente pode arrancar mais do Curtis Moffat se apertarmos o cerco.

— Eu concordo.

Greer deu uma tragada profunda e olhou para o estreito de mar que ele e seus homens apelidaram carinhosamente de "Raias assassinas". Seus olhos pousaram numa barbatana escura, que percorria o baixio. A criatura nadava paralelamente à praia, sabendo que a presa que escapara antes estava fora de alcance naquele momento. Dali a pouco, surgiu outra barbatana. Eles estavam patrulhando, à espera da próxima oportunidade.

— O senhor acha que esses sarnentos ainda vão querer continuar, depois de hoje? — quis saber Buchanan, contendo um bocejo.

— Quando eles sentirem as garras daquela heroína, vão querer, sim — respondeu o capitão. — Eles sempre completam a segunda fase.

Greer terminou a cerveja. Em seguida, levou a mão ao quadril e tocou o punho da M11, de uso exclusivo das Forças Armadas, que sempre levava consigo no coldre. Não era um

sujeito emotivo, mas o sorriso em seu rosto denotou uma espécie de alegria contida. Ele pegou o binóculo de novo e observou os ilhados na praia, imaginando quem seria o último sobrevivente.

— Eu gosto quando só sobra um — comentou. — Vá descansar um pouco, sargento. Eu me encarrego do primeiro turno da noite.

19

Todos ficaram eufóricos à noite. Com a morte de dois do grupo original, restara bastante heroína para os sobreviventes se refestelarem. Eles se deixaram levar, cheirando repetidas vezes, inclinando as cabeças para fitar a lua e as estrelas, conforme o alcaloide se infiltrava em suas correntes sanguíneas. Os vermes em suas cabeças ficaram inflados e satisfeitos, serpenteando leves e frescos pelos pensamentos desarticulados.

Pela primeira vez, os quatro desfrutaram da companhia um do outro, rindo sem parar, à medida que a droga circulava pelas veias. Ficaram andando e cambaleando em torno do baú, gritando e dançando. De vez em quando, um deles caía, morrendo de rir. Numas poucas ocasiões a heroína potente conseguiu fazer com que se esquecessem totalmente de seu suplício. Noutras, o terror se mantinha mitigado e distante, embora todos evitassem o mar, por instinto. Na escuridão das águas, uma meia dúzia de barbatanas patrulhava o baixio, em velocidade constante, deslizando no mar para matar o tempo. Se houvesse luz suficiente para os ilhados verem os predadores à espreita, talvez alguns deles tivessem optado pela saída mais fácil. A inalação de um montículo inteiro, de uma só vez,

poderia ser fatal — mesmo assim, a overdose nem passou pela mente deles. Depois que consumiram o restante da heroína, os sobreviventes entraram num estado de letargia profunda.

Mas, em meio àquele estado, as palavras continuaram ecoando em suas cabeças. Tiveram sonhos tão vívidos e contundentes, tão arraigados em realidades alternativas relacionadas ao que poderia ter acontecido, que mesmo os adormecidos ficaram com os olhos marejados. Felix sonhou com uma briga, na qual dava socos para salvar a mãe exausta dos homens que abusavam dela, revelando-se o protetor que sempre quisera ter sido, e não o agressor que estivera fadado a se tornar. Ginger sonhou que brincava de correr, perseguindo um garotinho sorridente num jardim abandonado, até alcançá-lo e abraçá-lo. Nash sonhou que era famoso, que tocava sua guitarra no palco noite após noite, para uma multidão de fãs ardorosos, sob refletores multicoloridos. Maria sonhou que estava em sua terra natal e que caminhava nas praias de areias brancas de Cayo Coco com os irmãos e as irmãs, já crescidos, tomando goladas de rum, de vez em quando apontando para os caranguejos que buscavam abrigo nos arbustos e falando sobre um passado que nunca tinha acontecido.

Nash acordou tarde na manhã seguinte, com muita dor. Estava exausto. Suas juntas pareciam emperradas e seu estômago vazio roncava. Cada músculo do seu corpo doía, e a pele exposta ao sol ardia por causa das queimaduras. Os outros dormiam ali perto, cheios de areia por terem rolado de um lado para o outro durante a noite. Nash rastejou até o baú e perscrutou a tampa em busca de alguma sobra, desejando cheirar mais. Mas não restara nem um grão sequer do pó branco. Decidiu, então, lidar com a questão da fome, apesar de ela ocupar um longínquo segundo lugar. Abriu a caixa e

vasculhou lá dentro.

Encontrou água e comida, como no baú da outra ilha, mas o que chamou sua atenção foi o novo envelope em meio aos suprimentos, descartado por Felix na tarde anterior. Nash fez menção de pegá-lo, mas parou antes, com os dedos formigando, sem conseguir se decidir se devia sequer tocar na carta. Ele se recordou de repente do sangue e dos gritos.

Não me abandona, seu filho da puta!

Tudo lhe veio à mente depressa, os horrores dos dias anteriores revividos num único momento — Tal balbuciando e babando, barbatanas cortando as águas, o esbarrão que ele próprio levara e que o fizera balançar como uma boia. E, então, Nash se lembrou de Kenny, dos pedidos de socorro e dos gritos de dor. Visualizou tudo de novo, como num filme: o rapaz tentando nadar com o toco do braço antes de ser arrastado para o fundo por uma criatura ágil com olhos negros vidrados e incontáveis dentes afiados nas mandíbulas.

Nash ficou enjoado. Essa náusea, porém, era diferente, provocada pelo pavor, e não pela dependência química, e o levou a ter câimbras no queixo e dores no estômago. Ele deu uma olhadela nervosa para o mar. O mar estava mais calmo do que no dia anterior, as marolas rebentando na praia com mais suavidade. O iate ameaçador continuava ancorado no mesmo lugar. Havia apenas um sujeito sentado no convés. Ele acenou para Nash, que o ignorou.

— Acordadão assim tão cedo — murmurou Nash. — Não quer perder porra nenhuma, não é?

Ele pegou o envelope no baú com dedos trêmulos. Inspecionou-o, perguntando-se se o seu torturador tinha deixado impressões digitais. Mas sabia muito bem que gente daquela laia tomava todo o cuidado, todas as precauções.

Rasgou o envelope e retirou a carta.

Prezados civis,

Parabéns por terem sobrevivido à primeira travessia. Conseguiram agora completar metade da sua provação. Descobrirão que esse baú é idêntico ao anterior, mas com o bônus extra da heroína, conforme prometido. Esperamos que desfrutem o prêmio. Vocês fizeram por merecer. Existe outra ilha ao norte desta. Devem atravessar o canal para chegar ao terceiro e último baú. No baú nº 3 há um suprimento bem maior de comida e heroína. Instruções adicionais indicam como poderão obter algo mais em troca do que passaram. Um veleiro e equipamentos de navegação foram deixados na praia e podem ser usados em sua tentativa de salvamento.

Nash deixou escapar um gemido. Desejou que aquele jogo já tivesse acabado. Somente a menção da heroína e de um meio de fuga impediu que ele perdesse por completo a esperança. Releu a carta várias vezes, atentando para os detalhes. O sujeito no iate se levantou e caminhou pelo convés, chamando sua atenção.

Qual é a sua? pensou ele. *Quem é você, seu merda...*

Alguém tocou no ombro de Nash, que se assustou e deu um berro patético e primitivo. Deixou que a folha voasse pelos ares, e a brisa a carregou por uns instantes, até Felix amassá-la com firmeza.

— Meu Deus! — exclamou Nash, pondo a mão no coração. — Vê se não chega assim de fininho, compadre.

— E aí, a gente tá muito atolado na merda? — perguntou Felix, olhando para o papel amassado na mão.

— Se a gente tiver sorte, só até o pescoço.

Felix desamassou a carta e a leu com cuidado, para checar por si mesmo. Seu semblante permaneceu inalterado. Não esperara outra coisa.

— A gente continua na maior roubada — comentou. — Mas

não posso dizer que tô surpreso.

— Pelo menos parece que a gente pode sair dessa roubada — retrucou Nash.

Felix olhou para o iate ancorado.

— Isso é o que eles dizem.

— Você não tá caindo nessa?

— Não muito.

Ele devolveu a carta. Os dois homens remoeram em silêncio sobre o que tinham acabado de ler, aproveitando as mentes revigoradas naquele momento. A heroína da noite anterior tinha atrasado a detonação da bomba-relógio coletiva, mas eles sabiam que não duraria muito tempo.

— Posso ver a carta? — perguntou Ginger.

Ela tinha acordado e sentado, mas esfregava os olhos. Maria estava deitada ali perto, abraçando as pernas de olhos ainda fechados.

— Pode, se está a fim de levantar na merda — respondeu Felix.

— Dá só uma olhada por aqui — disse Ginger bocejando e estendendo a mão para pegar a carta. — Alguém já sujou a cama. Não tem como não levantar na merda.

Felix não riu, o que bastou para Ginger sair do estado letárgico. Nash entregou a mensagem sem dizer uma palavra. Ela se levantou e a leu inteira antes de jogá-la de volta no baú, com um resmungo.

— Nem fodendo — disse ela. — Não vou enfrentar isso tudo de novo.

— Ninguém aqui tá a fim disso — salientou Nash.

— Eu acho bom mesmo.

— Mas, pelo visto, a gente não tem escolha...

Ginger cruzou os braços.

— Foda-se, Nash. Eu tenho, sim, e com certeza vou confiar na minha intuição e não na sua desta vez.

— Porra, Ginger, você tá careca de saber que teve a mesma intuição que eu.

— O caramba!

Felix fez um gesto com a cabeça na direção do iate.

— Minha cara, duvido muito que aqueles sacanas lá deixem a gente escolher. Os filhos da mãe deram ordens pra gente e esperam que a gente cumpra tudo.

— Felix — começou a dizer Ginger, para então fazer uma pausa, perdendo a determinação. — Eu... eu não consigo fazer tudo de novo. Vocês podem ir nessa, que eu vou ficar e...

— E vai fazer o quê? — questionou Felix. — Esperar a abstinência bater de novo daqui a umas horas e acabar com a sua raça?

— A gente não pode ficar aqui, Ginger — insistiu Nash. — Vamos acabar morrendo.

— A gente vai acabar morrendo se *sair daqui* — protestou ela, apontando para o mar aberto. — Pelo amor de Deus, será que ninguém se lembra dos outros dois caras que estavam com a gente no início? Quem precisa de mais prova?

A voz de Ginger tirou Maria do torpor. Ela ergueu a cabeça da areia, aparentando acordar lentamente, apesar dos olhos atentos e prontos para o que desse e viesse. Bastou um olhar de Ginger para a animosidade entre as duas voltar.

— Pode voltar a dormir, piranha.

Maria apoiou de novo a cabeça na areia, o olhar fulminante indo de Ginger para os dois homens. Nash percebeu o brilho feroz daqueles olhos. Já tinha visto cães acuados agirem do mesmo jeito, animais enjaulados, pouco confiáveis.

— De cara, já foi uma loucura atravessar aquele canal —

disse Ginger, virando-se para Felix. — E dar a ideia de fazer isso de novo é o *cúmulo* do absurdo.

Felix pôs a mão no ombro dela.

— Olha só, eu não quero ser obrigado a nadar desesperadamente, que nem a gente fez ontem, morrendo de dor, enjoado e cansado. Diminui à beça as nossas chances.

— As nossas chances? — repetiu ela. — E por acaso a gente tem alguma?

— E por acaso a gente tem outra escolha?

— Você só quer mais H — disse Ginger.

— E daqui a pouco tu vai querer também — lembrou Felix, olhando-a nos olhos. — Cada vez mais, a cada minuto...

O que ele disse fazia sentido, e Ginger ficou irritada com isso. No dia anterior ela teria lhe dado uns coices. Mas a droga que consumira durante a noite renovara sua paciência. Decidiu ouvir o que Felix tinha a dizer.

— Além do que — prosseguiu ele —, não tenho tanta certeza assim que aqueles babacas do barco vão deixar a gente vazar. Não investiram pra cacete nesse jogo por nada. A gente tá aqui pra participar.

Ginger esbravejou:

— Mais um motivo pra gente não dar esse gostinho pra eles.

Felix soltou um suspiro.

— Pra falar a verdade, eu acho que eles simplesmente vão acabar com a nossa raça se a gente não fizer o que querem.

Nash fitou o sujeito no convés do iate e engoliu em seco. Não tinha a menor dúvida de que Felix tinha razão. Outro homem saiu da cabine do barco, seguido por um terceiro e um quarto.

— Olha aqui, vamos fazer um trato — disse Nash. — A gente sabe que o pó de ontem à noite vai segurar a nossa barra o dia

todo, daí as dores e os vômitos vão voltar. É o nosso círculo vicioso e a nossa sina; agora a gente ainda tá com um tempinho, mas daqui a pouco vai bater a fissura pela parada da terceira caixa. E se vocês não sacaram ainda, não é dessa ilha que a gente pode escapar.

— Você acha mesmo que eles deixaram um barco pra gente lá do outro lado? — perguntou Ginger.

Nash deu de ombros.

— Até agora os caras não mentiram.

— Eu prefiro ir agora — disse Felix. — Enquanto a gente sabe o que tem pela frente e tem condição de encarar o desafio. Seria legal aproveitar essa vantagenzinha e usar isso a nosso favor.

— Você tá é maluco, cara — retrucou Ginger.

Felix tentou esboçar um sorriso.

— Eu achei que você não tinha notado.

Ele se ajoelhou em frente ao baú e revirou seu interior. Pegou os suprimentos e os colocou na areia. Sanduíches, maçãs, barras de cereais, tudo como da outra vez. Avaliou aqueles alimentos e desejou que tivessem maior valor nutritivo.

— Não passa de um lanchinho, mas vai ter que quebrar o galho — comentou. — Agora encham o bucho e ganhem energia pra nadar.

— Galera, melhor a gente ir perto do meio-dia — sugeriu Ginger, checando a posição do sol. — Eu acho que os tubarões ficam mais ativos no nascer e no pôr do sol.

— Você tem razão quanto a essa parada de nascente e poente — disse Felix, entregando maçãs para ela e Nash. — Sou a favor de qualquer lance que adiante o nosso lado.

Maria se levantou de onde estava, lambeu os beiços e deu

alguns passos tímidos rumo à comida diante de Felix. Com um olhar, ele fez com que ela parasse.

— Pode tirar o cavalinho da chuva — falou. — Vai ter que esperar e ver se sobra alguma coisa pra você.

Ela se agachou. Se fosse possível matar com os olhos, Maria teria esquartejado Felix em quatro partes com seu olhar.

20

Kenny Colbert tinha sido realmente esquartejado e em muito mais do que quatro partes. No entanto, nem todos os despojos do garoto foram parar nas barrigas das feras ou no fundo do mar. Buchanan pegou uma rede e pescou alguns dos restos na água, perto da popa. Jogou tudo dentro de um balde e examinou o conteúdo: um pedaço da coxa, um ombro com axila e uma porção de pele estraçalhada com um tufo de cabelo. Turk se aproximou para dar uma olhada.

— O que que é isso? — perguntou, apontando para o pedaço irreconhecível.

— Acho que é a nuca dele — respondeu Buchanan. — Está vendo o cabelo mais escuro?

— Ah, sim, é verdade. Caramba, que filhos da mãe vorazes, hein?

— Os galhas-brancas são piores que chacais. Me surpreende que ainda tenha sobrado isso.

Turk deu uma risadinha.

— Aposto que o tubarão-tigre comeu sozinho metade do cara.

Buchanan despejou o conteúdo noutro balde e o tampou. Turk voltou para a proa, seguido de Buchanan. Os dois pararam

na frente de Greer, que estava sentado na cadeira do convés, fumando e bebendo.

— O que foi que sobrou? — perguntou ele.

— Quase nada — respondeu Buchanan. — Mas parece que um sovaco foi regurgitado.

— Por que será que rejeitam tanto os sovacos?

Turk riu.

— Deve ser porque não gostam do cheiro.

— O que não me surpreende — comentou Buchanan. — Na certa, esse foi o primeiro banho que esses viciados tomaram em semanas.

Reposo saiu da cabine com um binóculo. Avaliou os sobreviventes na praia, perguntando-se quem seria o elemento mais fraco e quanto ele influenciaria na sua estratégia de aposta.

— Quem vocês acham que vai ser o próximo? — quis saber ele.

— Tem que ser uma das mulheres — respondeu Greer. — Não dá pra acreditar que as duas ainda estejam no jogo a essa altura.

— Alguém aqui apostou que uma delas vai virar presunto na próxima fase? — questionou Buchanan.

— Nós dois — responderam Turk e Reposo em uníssono.

— A ruiva ou a cubana?

Reposo ajustou o binóculo, focalizando em Maria, sentada sozinha.

— Eu aposto que vai ser a cubana. Ela foi banida, e o soco que levou daquele babaca deve diminuir as suas chances. Eu acho que está com o maxilar quebrado. Aquela garota é a maçã estragada do cesto.

Greer soltou um grunhido.

— Todos eles são.

Greer se lembrou dos estragos. Dos estragos provocados por ele e por seus homens durante anos e dos que eles próprios sofreram em troca. Deixou que pairassem em sua mente pela primeira vez em muito tempo, os ferimentos no corpo e na alma, que jamais cicatrizariam.

Em que momento as pessoas se tornavam irrecuperáveis?, pensou.

Atos abomináveis lhe vieram à mente. Atos tanto oficiais quanto extraoficiais, praticados por ele e por seus subalternos em meio à obscuridade da guerra, a maior parte deles durante suas incursões ao Afeganistão. Como ele detestava aquela bosta de lugar, o maior produtor de heroína do mundo, um deserto maldito que não servia para nada, exceto para plantar papoula e produzir rebeldes. Não importava quantas plantações eles destruíssem, quantos chefes do tráfico ou líderes tribais assassinassem, quantos laboratórios clandestinos desbaratassem e fulminassem em ataques aéreos, o apetite voraz dos Estados Unidos pela droga e a habilidade afegã de supri-la permanecia igual. Greer odiava aquela parte do mundo mais do que qualquer outro lugar; não obstante, continuava a manter contatos ali, que lhe forneciam o opiáceo da melhor qualidade, a preços competitivos.

Eu não posso consertar nada de mãos atadas.

Se tivesse conseguido autorização para lutar do seu jeito, teria tido muito mais chances de vencer aquela maldita guerra. Em vários relatos de missões, seus delatores o acusaram de causar excessivos danos colaterais e se referiram a algumas de suas ações como atrocidades. Até a expressão “crime de guerra” chegara a ser usada algumas vezes, mas Greer nunca engolira aquilo. Tudo o que ele e seus homens infligiram ao inimigo fora

dos parâmetros da missão havia sido merecido, ainda que os políticos de Washington julgassem tais atos pouco civilizados. Seu modo de interpretar ordens acabou levando à sua dispensa, bem como a de seus homens, o que Greer achou injusto. Nunca sentira pena nem remorso pelo que fizera. Para ele, valia de tudo no amor e na guerra. O fato de ter sido dispensado do comando não significava que a missão havia terminado. Não para ele. Nem para nenhum deles.

— Tudo bem, capitão? — perguntou Buchanan.

— Tudo certo.

— Está pensando em alguma coisa?

— Baixa desonrosa.

Greer não disse mais nada. Jogou o charuto no mar e foi até a cabine. Os outros sabiam muito bem que não deviam segui-lo. Ficaram de guarda, enquanto Greer remoía, sentado no interior da embarcação.

21

Felix se sentou e ficou observando os homens no barco, perdido em pensamentos. Ginger e Nash se aconchegaram, aguardando ansiosos, de barriga cheia e com os nervos à flor da pele. Maria se manteve longe do grupo, rejeitada e infeliz. Não falara com ninguém depois de ter acordado, embora os outros tivessem permitido que ela comesse as sobras. Felix protegeu os olhos com a mão e avaliou a distância que os separava da outra ilha, perguntando-se onde os tubarões estariam à espreita.

— No que você tá pensando? — quis saber Nash.

Felix olhou de soslaio para Maria.

— Nem queira saber.

— Você acha que a gente vai conseguir?

— Vai, sim.

Ginger contestou:

— E se não conseguir?

Felix arqueou a sobrancelha.

— Algum arrependimento?

— Ah, vários.

— É mesmo? E qual é o maior de todos?

Foi como se Ginger tivesse levado um soco no estômago. Ela

ficou ainda mais azeda e não respondeu. Felix se empertigou e se virou para ela.

— Tá a fim de abrir o jogo, querida?

— De repente noutra hora.

— A gente só tem tempo agora.

Os lábios de Ginger estremeceram. Ela deixou o cabelo cair no rosto para os companheiros não verem os olhos marejados. Felix se sentiu mal, sabendo que tinha tocado numa ferida, mas uma confissão parecia vir a calhar. Ele respirou fundo, inalando oxigênio para aliviar a amargura que sentia.

— Eu matei um cara, uma vez — confessou Felix. — Esse é o meu maior arrependimento.

Ginger ergueu os olhos e tirou o cabelo do rosto, para mostrar que estava chorando. Sua face revelava um misto de alívio e angústia.

— Me conta o que aconteceu — pediu ela. — Por favor.

Felix soltou um suspiro e traçou círculos na areia com o dedo, deixando que as tranças rastafári escondessem a face. Nash e Ginger o fitaram, mas ele não quis encará-los.

— A culpa não foi toda minha — prosseguiu ele, com a voz tensa. — Eu era muito novo e babaca. Tinha 22 anos e estava a fim de aprontar.

— O que foi que aconteceu? — perguntou Nash.

Felix fez uma pausa. Ficou ali, sentado, imóvel, exceto pelos cabelos agitados pela brisa, revivendo as piores lembranças de sua vasta coleção. Quando Nash achou que o homem tinha se petrificado, ele voltou a falar.

— Eu tinha 22 anos — repetiu. — Vinte e dois anos, caralho, e um dom pra luta, por causa da infância de merda e da adolescência ainda pior que eu tive. Eu tinha motivo à beça pra ficar puto, então o que resolveram fazer comigo? Me botaram

numa porra dum ringue de boxe e me mandaram despejar toda a raiva no cara do outro lado.

— Você matou um cara no ringue?

Ele estremeceu de leve, mas Nash percebeu. As palavras açoitavam Felix, todo santo dia, desde aquele momento fatídico.

— Eu dei tanta porrada no Tommy Todd, "o Sweeney", que matei o cara numa luta fodida — retrucou Felix. — Um inglês filho da puta, duro na queda e desaforado, com um baita gancho de direita. Tinha ido participar de uma luta amistosa, e eu mandei o cara de volta num saco de cadáver.

Nash e Ginger o fitavam, estupefatos, sem conseguir dizer nada, as mentes processando a informação. Felix olhou de esguelha para ambos, por entre as tranças esvoaçantes e, em seguida, fechou os olhos, abaixando ainda mais a cabeça.

— Foi no oitavo assalto. A gente tava pau a pau, mesmo depois de eu ter acertado dois golpes fortes no Tommy no quarto assalto e no sexto, nocauteando o cara. Mas o miserável do inglês se levantou antes do árbitro terminar de contar, nas duas vezes.

— Todo lutador vai pro ringue sabendo dos riscos que corre — comentou Nash. — Fatalidade acontece em tudo quanto é esporte.

— Mas ali a culpa foi toda minha. Tommy podia ter sobrevivido, só que eu quis derrubar o cara na marra. Ele não ficava caído de jeito nenhum, de tão teimoso que era e, pra completar, a porra do árbitro deixava o babaca se levantar.

Felix apertou os punhos e estremeceu, ao mesmo tempo que aumentava o tom de voz. Ginger e Nash se retraíram, assustados com a volatilidade dele.

— Se ele tivesse ficado arriado, só teria ferido o orgulho, e

nada mais, cacete.

— A culpa não foi sua — argumentou Nash. — O árbitro devia ter parado a luta.

— Foi culpa minha, sim — retrucou Felix. — Eu espanquei o cara até ele perder a noção de onde estava. Espanquei até os olhos dele começarem a perder a chama. E ainda continuei a espancar. Espanquei o pobre coitado até ele morrer, e eu sabia muito bem o que tava fazendo, o tempo todo.

Nash ficou calado. Ginger fez menção de dizer algo reconfortante, mas as palavras ficaram entaladas em sua garganta. Acabou balbuciando uma frase sem sentido.

— Aí eu comecei a encher a cara — prosseguiu Felix. — Depois de um tempo, como nem bebendo eu ficava alto, resolvi começar a tomar remédio controlado e depois passei pra heroína, pra aplacar meus demônios.

— Eu abandonei o meu filho — desabafou Ginger, voltando a chorar. — Entreguei o garoto pra adoção. Deixei que tirassem ele de mim.

Ela inclinou a cabeça, cobriu o rosto com as mãos e caiu em prantos. Felix e Nash se entreolharam, sem saber o que dizer nem o que fazer. Até Maria voltou a olhar para o grupo, e sua boca se curvou de satisfação diante do desespero da outra. Nash tentou abraçar Ginger, mas ela o repeliu na mesma hora.

— O teu filho? — perguntou Felix, com uma voz atipicamente meiga. — Qual era o nome dele?

— Justin — respondeu ela. — Foi o nome que eu escolhi.

— E por que teve que dar o menino?

— Eu só tinha 18 anos — lastimou-se Ginger, enxugando as lágrimas. — Dezoito anos, e tão novinha e idiota que não sabia nem o que fazer com um bebê. De qualquer forma, eu era egoísta demais pra me importar. Ele era um neném muito fofo e

saudável. Do tipo que faria qualquer mãe se sentir abençoada, menos eu. Imagina, a Ginger tinha que viver a vida dela e não ficar se prendendo por causa da dádiva de um menininho lindo.

Ela ficou com um nó na garganta e sem palavras de novo. Seu coração, petrificado anos atrás, estava ficando cheio de rachaduras. A confissão pulverizara alguns pedaços, que entraram em sua corrente sanguínea e se transformaram em argila. A argila poderia remendar seu coração se ela permitisse. Se ao menos pudesse ver o filho mais uma vez, segurá-lo nos braços por um instante sequer, dizer aos sussurros como estava arrependida, talvez conseguisse certo alívio. Era o que desejava, mais do que a heroína, mais do que tudo: só mais um minuto com seu filho.

Ginger não diria mais nada a respeito de seu maior arrependimento. Nos momentos que se seguiram, Nash soube que chegara a sua vez. Engoliu em seco e começou a falar, baixinho.

— Teve uma vez que eu levei uma mulher pra casa depois de um show... a gata ficou me olhando a noite toda, do lado do palco, toda tímida, então eu resolvi tirar uma lasquinha.

Felix deu uma gargalhada.

— Se deu bem.

— Acontece que ela só tinha 15 anos.

Ginger olhou para Nash, horrorizada, e ele sustentou seu olhar. Ergueu as mãos como quem pede desculpas, o remorso acelerando os batimentos de seu coração.

— Eu não fazia a menor ideia — argumentou ele. — Ela não tinha cara de ser tão novinha. Tava numa boate, tarde da noite, bebendo. Achei que tinham checado a identidade dela na entrada e que tava tudo bem.

Ginger balançou a cabeça.

— Então você levou uma menor de idade pra cama?

Nash soltou um suspiro.

— Pior que isso. Incentivei a menina a usar heroína. Dei o primeiro gostinho pra pobre coitada naquela noite e despachei ela no dia seguinte.

Felix pensou na história.

— E o que foi que aconteceu com ela?

A voz de Nash mal se fez ouvir.

— Ela morreu.

— De overdose?

Nash assentiu.

— Quase um ano depois, num motel vagabundo na interestadual, onde ela tava se prostituindo por grana e droga. Algum sacana injetou o lance nela e deixou a garota largada no quarto. O corpo ficou vários dias lá antes de ser encontrado.

Ele não disse mais nada, o coração apertado, como acontecera com os outros. Todos estavam mais do que ferrados, com os nervos em frangalhos e quimicamente descompensados, a ponto de intoxicar a alma e o coração de quem quer que encontrassem. Os demônios de cada um tinham se mancomunado com os bichos de sete cabeças dos seus segredos profundos, resultando em estupros que geraram bastardos deteriorados nos seus eus. Aqueles bastardos, crias da heroína e do remorso, precisavam constantemente de alimento. E só comiam carniça.

Os três dirigiram a atenção à Maria, imaginando qual seria sua história. Uma aura muito mais sinistra a cercava, como se arrependimentos não fossem de seu feitio. O modo como atacara Kenny com uma pedra pontuda, dilacerando sua pele sem nem pestanejar, transtornara todos, inclusive Felix. Maria

com certeza tinha seus demônios secretos, e os três sabiam que ela os ofereceria como sacrifício, se pudesse.

Felix teve uma ideia. Ele se recompôs e caminhou até a mata no meio da ilha. Ginger e Nash observaram, com certo interesse, o ex-boxeador escarafunchar em torno das árvores e dos arbustos. Ele voltou após alguns minutos, trazendo três varapaus e uma pedra chata.

— O que você tá fazendo? — perguntou Ginger.

— Improvisando.

Felix pegou um dos varapaus, inclinou-o e, em seguida, esfregou com força a extremidade na parte plana da pedra. Logo uma ponta começou a se formar.

— Eu não vou entrar na água de novo sem uma arma.

— Esses peixes que você tá pensando em espetar são grandes pra burro — comentou Ginger, com um sorriso irônico. — Vai ser a mesma coisa que furar com tachinha.

— É melhor do que nada — salientou Nash. — Você viu quando o Felix deu uma porrada que fez o tubarão vazar rapidinho. Eles também não gostam de ser atacados, que nem a gente.

— Eu não vou me entregar sem lutar — acrescentou Felix, com um sorriso maligno. — E se a gente deixar os bichos sangrando em vez da gente...

Ginger parou de sorrir e anuiu. Felix amolou e afiou a ponta do primeiro varapau e o entregou para Nash. Em seguida, concentrou-se nos outros dois. Com a ponta da lança improvisada, Nash escreveu “vai se foder” várias vezes na areia ao seu redor.

— Eu não vou me entregar sem lutar...

22

— Sem sombra de dúvida eles têm certo espírito de luta — comentou Greer. — Estou começando a gostar desses parasitas.

Greer e Turk estavam de pé na proa do iate, observando os sobreviventes de perto com o binóculo, perguntando-se se a próxima etapa do jogo ia requerer algum estímulo. Ao ver três deles indo até a água com lanças de madeira improvisadas, Greer se animou.

— Rapazes, venham só ver isso.

Buchanan e Reposo foram à porta da cabine e rumaram ao convés, cada um com uma cerveja. Buchanan estava com uma câmera de vídeo.

— Deixa eu ver — disse Reposo.

Greer lhe passou o binóculo. Buchanan deixou a cerveja e a câmera de lado e foi até a cabine em busca de algo; então, voltou minutos depois com um Barrett M107 calibre .50. Pôs o rifle de franco-atirador no ombro e levantou o cano. Seus bíceps bem-definidos sustentavam o peso com facilidade, e ele usou a mira de longo alcance para avaliar a situação.

— Por que a piranha hispânica não está junto com os outros? — indagou.

— Ela está evitando os três desde que levou uma porrada do negão — explicou Turk. — O clima está supertenso ali. Eu acho que eles vão partir pra violência se a vadia se aproximar deles.

Turk observou Maria se mover de repente na direção dos três. Andava com rigidez e determinação. Reposo também percebeu.

— Ei, eu acho que vai rolar outra briga. Merda, a gente não quer que alguém sangre antes de entrar na água, quer?

— Não — respondeu Greer. — Por enquanto não.

— Então a gente vai ter que separar o grupo — disse Buchanan, armando o gatilho do M107. — Quer que eu dê um tiro de advertência, chefe?

Greer tomou um gole de cerveja e ponderou antes de responder.

— Espere um pouco, mas mantenha todos na mira. Se alguém atacar, aí, sim, dê um susto nessa corja.

Buchanan mirou no peito de Felix e ficou à espera de qualquer sinal de violência. Viu que ele trazia uma lança improvisada de madeira na mão.

— Porra, olha só aqueles atiçadores — comentou ele, com um sorriso irônico. — Eles estão ficando criativos, não estão?

— E mais espertos também — retrucou Reposo, pensativo, verificando a posição do sol. — Boa hora pra tentar a travessia até a próxima ilha. Tem muito menos tubarões agora. Será que eles sabem o que estão fazendo?

Greer deu um largo sorriso.

— Queria saber o que estão falando agora.

Os quatro homens observaram Maria começar a discutir com os outros. Greer se sentou na cadeira do convés e pôs os óculos de aviador. Terminou a cerveja antes de acender outro charuto.

— Levantar âncora — ordenou, dando baforadas. — Vamos

dar uma volta e procurar um ângulo de visão melhor. Isso vai ficar interessante.

23

— A coisa tá ficando feia — sussurrou Ginger para Nash.

Maria continuou a desafiar Felix, de pé na frente dele, perto o bastante para levar outro golpe, a boca ressecada salivando e restos de sangue nos dentes à mostra. Ginger mal conseguia acreditar que a mulher tivesse a audácia de encher o saco do Felix depois de apanhar dele no dia anterior.

— Por que tu não fez uma lança pra mim também? — arguiu Maria.

— Tu não vai precisar de uma — respondeu Felix.

— Vou ter que nadar sem uma?

— Não é bem assim.

Maria examinou a arma recém-esculpida por ele, e a ponta improvisada lhe disse tudo. Deu um passo para trás, conforme pensamentos horripilantes passavam pela sua cabeça.

— Tu... tu tá pensando em me furar com isso.

— Como é que é?

— Com isso aí — insistiu ela, apontando. — Você vai me furar com isso, no mar. Me fazer sangrar na água pra atrair os tubarões.

Felix jogou a cabeça para trás e deu uma risada.

— Tá querendo dizer que eu vou fazer contigo o que tu fez

com o Kenny?

Maria não respondeu. Estava com os olhos fixos na ponta do varapau. Desejou ainda estar com a pedra afiada que perdera no mar. Felix enfiou a lança no cós da calça e apontou o dedo para ela.

— Eu não vou te furar, não — prosseguiu ele. — Pode pensar o que bem entender, mas eu não sou igual a você.

— Então por que não fez uma pra mim também, hein?

— Eu já disse que tu não vai precisar de uma — respondeu Felix, balançando a cabeça. — Porque vai ficar aqui.

— *¿Qué?*

— Tu não vem com a gente, não, minha querida. E, se insistir, aí sim, eu *vou* te furar lá na água e espalhar esse seu sangue ruim pra atrair os tubarões.

Maria resfolegou, sobressaltada. Ginger e Nash não disseram nada, embora ambos tivessem sido pegos de surpresa pela decisão de Felix.

— Mas eu vou morrer se ficar aqui! — protestou ela.

Maria ensaiou dar mais um passo à frente, porém Nash balançou de leve a cabeça, indicando que não o fizesse. Eles se entreolharam, e seus olhos disseram tudo. Ambos sabiam que Felix cumpria com a palavra. Se disse que ia furar a moça, ia furar pra valer. Felix se afastou e entrou na água.

— Você vai morrer mais rápido se tentar me seguir — avisou ele, por sobre os ombros. — Isso eu te garanto.

Ginger e Nash hesitaram na beira do mar, com as lanças improvisadas enfiadas no cós das calças, como se fossem personagens de um teatro ambulante de má qualidade. Se a situação não fosse tão trágica, seria cômica.

— A gente vai simplesmente deixar ela pra trás? — quis saber Ginger.

Felix estava decidido.

— A gente vai simplesmente deixar ela pra trás.

— Não é legal fazer isso.

— É, sim. Ela merece ser abandonada.

Ao entrar na água para acompanhar Felix, Nash percebeu que o iate se movimentava e estava mais perto do que nunca. Havia três homens no convés, observando e aguardando. O quarto estava de pé na cabine, pilotando a embarcação. Nash teve certeza de que estavam prestes a fazer algo drástico. Pôs a mão com suavidade no ombro de Felix e lhe sussurrou ao ouvido.

— Felix, que é que você tá fazendo?

— Isso daqui é uma experiência.

— Que tipo de experiência?

Felix pôs o dedo na boca, em sinal de silêncio.

— Espera só pra ver.

Ele fez um gesto pedindo que Ginger entrasse na água. Ela o fez com relutância, lançando um olhar preocupado para Maria, que tentou dar outro passo na direção deles. Felix apontou o dedo para ela de novo.

— Nem pense. Pode ficar bem quietinha aí, onde tu tá.

Maria ficou parada no mesmo lugar, sentindo um misto de medo e frustração. Nash a encarou, compassivo, e se deu conta do que não notara antes. Aquela mulher adorava a vida, do seu próprio jeito. Era uma sobrevivente, alguém que enfrentara as adversidades, lutando com unhas e dentes para não se deixar abater. Não ir junto com o grupo ia contra a todos os seus instintos. Maria começou a gritar para eles, o tom de voz a um só tempo apavorado e colérico. Os outros três foram se afastando, indo cada vez mais para o fundo e deixando-a na praia, para que seguisse outro destino.

• • •

— Está acontecendo alguma coisa, parceiros — disse Buchanan, semicerrando os olhos detrás da mira do M107. — Deem só uma olhada.

Greer fez sinal para Turk, na cabine do barco. Turk desacelerou, reduzindo a velocidade conforme Greer e Reposo erguiam o binóculo.

— Ora, ora, o que temos aqui? — perguntou Greer, colocando Maria em foco.

Ela estava imóvel na praia, com o rosto rubro e o pescoço tenso, a boca escancarada conforme gritava algo para os outros três, que se aventuravam mar adentro.

— Por que ela está gritando tanto?

— Não sei, não — respondeu Reposo. — Ela está falando espanhol, e não dá pra ouvir muito bem.

— Eu estou achando que ela se recusou a participar — comentou Buchanan. — Não arredou o pé da praia. Acho que resolveu não ir com os outros.

Greer deu um sorrisinho malicioso e perguntou.

— É mesmo, é?

Ele levantou o punho fechado, e Turk reduziu ainda mais a velocidade até parar o barco. Em seguida, Greer olhou para Buchanan e acenou com a cabeça. Buchanan montou o suporte portátil do M107 e se deitou no convés.

• • •

Quando a água chegou à altura do peito, Felix, Nash e Ginger começaram a nadar. A 40 e poucos metros de distância, os

berros de Maria começaram a desvanecer em meio ao vento e às ondas. Ainda assim, a moça continuou a praguejar na direção deles.

— *Hijo de puta! Me cago en tu madre...*

O eco do tiro do M107 repercutiu pela água um átimo de segundo depois de a bala calibre .50 atingir Maria em cheio.

— Meu Deus...

Nash parou de nadar e olhou para trás. Achou ter visto Maria deitada na praia, mas tinha certeza de que estava enganado. Esfregou os olhos e olhou de novo. Não podia ser ela. O corpo que restara ali tinha sido partido em dois.

— Felix!

Felix e Ginger já estavam vendo tudo. O projétil antimaterial calibre .50 do M107, capaz de abrir um buraco num veículo blindado, partira o corpo de Maria ao meio. A parte de cima continuou com vida por quase trinta segundos, os olhos abrindo e fechando e a boca se mexendo, ainda tentando transformar em linguagem o último palavrão que lhe viera à mente.

— A gente tem que voltar — disse Nash.

Felix, com a boca trêmula, fitou as duas metades da moça na areia. Tinha imaginado que um tiro de advertência ia fazer parte do jogo, para estimular Maria a entrar no mar. Mas não aquilo.

— Felix?

— P-p-pode esquecer — respondeu ele, gaguejando. — Ela já tá morta. Foi abatida por eles.

— Abatida? Mas por quê?

Felix engoliu em seco.

— Porque devem ter achado que ela tinha se recusado a participar.

Nash se virou para ele:

— Então foi essa a tua experiência do caralho?

— A gente tinha que saber o que ia acontecer se não seguisse as instruções deles...

— Puta que o pariu, Felix. Você é tão babaca quanto eles.

— Eu? Tu viu o que aquela puta cruel fez com o Kenny. E ela ia fazer o mesmo com o primeiro que aparecesse em sua frente desta vez, se a gente desse alguma chance.

Nash percebeu que ele tinha razão, embora não admitisse, para não lhe dar o gostinho da vitória. Virou-se para nadar de volta e dar uma olhada de perto, checar se Maria tinha morrido mesmo. A voz trêmula de Ginger o deteve.

— Eu preciso de você, Nash.

Eram as últimas palavras que ele esperava ouvir dela. O tom de voz desesperado da mulher fez com que ele se virasse para encará-la.

— Não vai, não — suplicou ela. — Eu não consigo fazer isso sozinha.

— Fazer o quê, sozinha?

— Abandonar outra pessoa, que nem a gente acabou de fazer.

Nash a encarou e viu que seus olhos refletiam mais medo do que quando ela acordara ao seu lado havia dois dias. A ideia de ser deixada para trás era o que mais a apavorava, mais do que os tubarões famintos, aqueles psicopatas e o oceano em si. Ser deixada à mercê daqueles elementos equivalia a ser abandonada. Nesse caso, não havia nada que ela pudesse fazer, o que era atemorizante. Outra pessoa tinha tomado a decisão de abandoná-la, deixá-la para trás, sozinha, fora de seu ambiente, para enfrentar monstros no ambiente dela.

— Eu não vou te abandonar — disse Nash. — Eu prometo,

Ginger.

— Porra, ninguém vai ficar pra trás — retrucou Felix. — Nós três vamos...

Ele ficou boquiaberto ao observar o barco surgir detrás da cabeça de Nash. O ruído do motor de popa chegou ao ouvido dos três. Instantes depois, um bote de borracha partiu em disparada da popa, com dois homens. Parecia rumar direto para a praia, embora Felix tivesse se perguntado se desviariam do caminho e se dirigiriam até eles.

— Fiquem de olho naqueles escrotos — avisou ele. — Não desgrudem os olhos deles.

O bote chegou ao baixio e aportou na areia. Dois sujeitos saltaram na praia, com submetralhadoras Heckler & Koch MP5 penduradas nos ombros. Nash finalmente conseguiu vê-los com mais clareza, e se concentrou no indivíduo louro, de cabelo à escovinha.

— Aquele é um dos babacas que ficou atrás de mim lá em Opa-locka, eu tenho certeza.

Felix o fitou, esticando o pescoço.

— É isso aí, parece com o branquelo que me sufocou do lado de fora do meu apê.

Os homens foram até as duas partes do corpo de Maria e ficaram ali. Trocaram algumas palavras, cutucando o cadáver com as botas de combate. Em seguida, um deles arrastou a parte inferior do corpo da moça até o bote. O outro indivíduo o seguiu, puxando a outra parte pelos cabelos negros e encaracolados.

— O que eles estão fazendo?

— Apagando as provas — respondeu Felix.

O bote zarpou da praia, mas não tomou o rumo da popa do iate. Em vez disso, acelerou em direção ao mar aberto, reduziu

a velocidade até parar e ali ficou. Os dois homens se viraram na direção dos sobreviventes.

— E agora, qual é? — perguntou Ginger.

— A gente vai nadar até a próxima ilha o mais rápido possível — respondeu Felix. — E sem parar.

Eles mantiveram as cabeças fora da água daquela vez, em estado de alerta, de olho em qualquer ameaça. Nash olhou para o céu, captando a beleza da imensidão azul com nuvens espalhadas, na tentativa de desviar a atenção do tom azulado bem mais profundo que se espalhava sob si. Então, desviou a atenção para Ginger e Felix, que, para sua surpresa, tinham passado por ele. Nash não queria nem pensar em assumir a retaguarda. Ficar por último em nada tinha ajudado Kenny.

Pode tirar o cavalinho da chuva que não vai conseguir deixar os tubarões pra trás, pensou, enquanto a covardia aflorava em seu âmago. *Você só precisa nadar mais rápido que esses dois.*

Nash nadou mais depressa, para alcançar os outros. Nunca sentira tanto medo em toda a sua vida desperdiçada. De vez em quando, ele ousava dar uma olhada nas profundezas abaixo, mas só via um azul infinito. A cada dez braçadas, mais ou menos, checava para ver se a lança improvisada continuava no lugar. A ponta aguda enfiada no cós da calça lhe causava incômodo. Nash já tinha checado uma dúzia de vezes, quando ouviu de repente a voz aflita de Ginger.

— Socorro!

Nash e Felix nadaram depressa até ela, tentando ignorar as possíveis causas do pedido de socorro.

— O que foi? — quis saber Nash, alcançando-a primeiro.

— Câimbra na perna — gritou ela. — Eu não tô conseguindo mexer essa aqui.

— Tá muito ruim? — perguntou Felix.

— Péssima, tá toda travada. Tá parecendo uma tora de madeira.

— Não se apavora, não — aconselhou Nash. — Olha só, vou erguer a batata da perna, de lado. Se pendura no meu pescoço e força o pé contra a minha perna, até a câimbra passar.

Com os lábios trêmulos, Ginger tentou sorrir para Nash. Ele não a abandonara, e voltara para salvá-la, num resgate que ela quisera desde o início daquela porra de suplício. Ela o agarrou pelo pescoço e o puxou para perto, por um instante, pressionando o corpo esguio contra o dele e sentindo o calor de sua pele. Naquele momento, Ginger soube que os dois poderiam ter sido amantes noutra época, noutro lugar. Em circunstâncias diferentes, ela poderia ter conhecido Nash na noite, depois de um show no Espaço Barracuda, e deixado que ele lhe pagasse um drinque, que levaria a outras coisas.

Ginger deu um beijo no rosto de Nash, pegando-o de surpresa. Então, pressionou o pé contra a batata da perna dele, até controlar a câimbra. O impulso fez com que os dois afundassem no mar. Quando voltaram à superfície, ela estava sorrindo.

— Já passou — falou ela, com arroubo. — Valeu.

Nash assentiu, ainda sentindo o toque dos lábios dela no seu rosto.

— Legal. Já dá pra você continuar?

A preocupação dele era genuína, pois o beijo inesperado tinha suavizado seu coração. Fora a primeira demonstração de afeto sincero que recebera em anos, e ele se sentia grato. Para ele, aquilo não podia ter acontecido em melhor momento.

— Já dá, sim — respondeu Ginger, soltando-o.

Nash deixou que ela tomasse a frente, desejando, de súbito, ficar na retaguarda para protegê-la. Eles nadaram uns 350

metros, quase a metade da distância até a ilha, sem vestígios do tubarão-tigre nem dos galhas-brancas sanguinários. A adrenalina fazia os músculos dos três trabalharem mais vigorosa e rapidamente do que nunca; mesmo assim, os minutos pareciam horas. O coração de Nash batia em disparada. Seus pulmões imploravam por uma pausa. Uma dor lancinante atingiu seus tendões, impelindo seu corpo a desistir. Aquele sofrimento ainda era melhor do que a abstinência que o afligira na última travessia. Quando os três completaram dois terços do percurso, Felix pediu uma pausa. Os três se agruparam no mar.

— Olhem só — disse ofegante, apontando. — Eles estão se aproximando de novo.

O bote de borracha estava a menos de 100 metros à esquerda, deslocando-se com lentidão, controlando a velocidade para navegar ao lado deles. Os dois sujeitos tinham se agachado, e um deles segurava um troço que parecia uma câmera de vídeo.

— Os sacanas doentios estão esperando um espetáculo — disse Nash. — Mas tô achando que hoje não vai ter nenhum, não...

Os caras começaram a acelerar o bote, fazendo uma curva a 150 metros e parando exatamente entre os nadadores e a ilha seguinte. Felix estirou o pescoço e esfregou os olhos para ver melhor.

— Mas que merda tão fazendo?

O homem da frente estava despejando algo de um recipiente na lateral do bote, como se estivesse tirando água do casco. Felix percebeu que o que estava sendo jogado fora era avermelhado.

— Ah, seus canalhas *filhos da puta*.

— O que foi? — perguntou Ginger.

— Eles tão jogando iscas no mar, sangue e pedaços de peixe, na frente da gente, pra atrair os tubarões justo no nosso caminho.

Nash tossiu ruidosamente.

— Ah, meu Deus, eles estão fazendo pior do que isso. Olhem só.

Os três observaram o sujeito atirar as duas partes do corpo de Maria na água, o intestino deixando rastros na lateral. Duas pancadas na água e uma risada ecoaram por sobre as ondas. Dava para ver os restos da mulher boiando no mar.

— É melhor a gente voltar — disse Nash, contendo o vômito.

— A gente *tem que* voltar — insistiu Ginger.

— É isso que eles querem que a gente faça — retrucou Felix. — Quando os tubarões chegarem, os pentelhos vão ter mais tempo de armar outra cilada se a gente tentar voltar. Puta que o pariu, a gente já nadou três quartos da travessia, e eu tô ficando sem forças. Acho melhor continuar.

Ginger mal conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Você tá querendo que a gente nade no meio do sangue e daqueles *pedaços de corpo*?

— A gente vai passar longe daquilo — respondeu Felix. — A gente contorna essa parte, então vai pra ponta da ilha. Os tubarões vão atrás do sangue e nem vão querer saber da gente.

Ginger balançou a cabeça.

— Ou isso ou o tira-gosto vai deixar todos eles muito a fim de um prato principal.

O sujeito loiro despejou o resto do balde pela borda, e fragmentos de Kenny, misturados com sangue e atum, espalharam-se na água. Os três sobreviventes retomaram a jornada, mas nadando de peito, mantendo as cabeças fora da

água para monitorar a situação e saindo da rota para evitar as iscas. O bote recuou até uma distância segura e ficou à espreita. Dali a pouco Felix parou e fez sinal para que os outros dois fizessem o mesmo. As barbatanas dos primeiros galhas-brancas vieram à tona no mar ensanguentado, na frente deles.

— Isso é loucura — disse Nash, ofegante. — Uma porra de uma loucura totalmente inacreditável...

— Ei — chamou Felix. — Guarda a tua energia.

Ginger deu um grito abafado, atraindo a atenção dos outros dois. Ela levara a mão à boca e esbugalhara os olhos ao ver algo atrás deles. Nash e Felix se viraram e o que viram fez com que contivessem os próprios gritos. A uns 40 metros de distância, a enorme barbatana de um tubarão-tigre cortava as ondas, ganhando velocidade à medida que se aproximava. Os dois homens pegaram por instinto as lanças e as deixaram submersas, para evitar um ataque. Conforme o tubarão foi se aproximando, Nash percebeu que não se dirigia a eles. Tinha desviado alguns graus, focando em outra presa.

— Não se mexam muito — murmurou ele. — Eu acho que ele não tá atrás da gente.

O devorador de homens cobriu a distância rapidamente, desviando à esquerda deles. Os três bateram as pernas com suavidade, os narizes um pouco acima da superfície, e viram quando o tubarão-tigre passou a menos de 5 metros deles. O animal, concentrado no odor adiante, ignorou-os por completo e fez com que se sentissem pequenos ao passar. A barbatana dorsal cruzou o mar, criando marolas, que foram na direção dos corpos oscilantes do grupo, evidenciando o poder e a destreza daquela criatura. Nash conseguiu ver as listras desbotadas ao longo do corpo, as marcas que identificavam a sua espécie. Ele se deu conta de que a criatura recebera o nome

de dois predadores. Título que deixava clara sua selvageria.

E tá querendo fazer um rango, pensou Nash.

Quando o tubarão bateu a cauda, Nash sentiu o empuxo na água. Viu a barbatana acelerar rumo ao sangue e às iscas, para então mergulhar antes de alcançá-los. Felix estremeceu e depois falou, num desabafo.

— Eu acho que acabei de me mijar.

— Acho que todo mundo fez isso — sussurrou Ginger.

Eles guardaram as lanças e continuaram, procurando não fazer alarde, mantendo uma boa distância das iscas e do sangue, observando caudas e barbatanas se debaterem na superfície. As duas partes do corpo de Maria boiavam na água, diminuindo cada vez mais conforme pedaços iam sendo devorados.

Tomar o rumo da ponta da ilha significava nadar uns 50 metros a mais, e a segurança tentadora da praia os levou a deixar de lado o avanço silencioso. Felix foi o primeiro a respingar mais água, na tentativa de aumentar o ritmo. Ginger seguiu seu exemplo, fazendo o mar ficar cheio de espuma ao bater pernas e braços. Nash fez uma careta quando percebeu toda aquela comoção.

— Ei, peraí, gente.

Nenhum dos dois parou. Na verdade, pareceram provocar mais estardalhaço ainda. Logo os tubarões seriam atraídos por aquela agitação, se é que já não se sentissem. Nash gritou o máximo que ousava.

— Ei! Parem de fazer tanto...

Nash olhou por sobre os ombros, e o resto da frase ficou entalado na garganta e na boca do estômago. Não restava mais nada de Maria. Na metade da distância entre ele e as iscas havia uma barbatana com a ponta branca se movendo com

curiosidade na direção dos sons de pancadas na água, ignorando o sangue atrás. Fora um dos últimos tubarões a chegar, perdendo, portanto, o banquete de Maria. Ele tinha chegado a abocanhar alguns restolhos no mar, mas perdera o interesse, ao perceber que não sobrara nada para ele na água tingida de sangue. Nash não teve dúvidas de que o tubarão ia na direção deles.

— Gente, para agora!

Por fim, Felix e Ginger o escutaram. Olharam para trás e viram a barbatana. Ginger ficou apavorada e voltou a nadar, provocando ainda mais alvoroço.

— Peraí! Para de se mexer, senão vai atrair...

As palavras de Nash não chegaram aos ouvidos entupidos de água. Ele se virou para Felix e viu que o ex-boxeador olhava para algo, boquiaberto e horrorizado. Outra barbatana, daquela vez de um tubarão-tigre, surgira atrás da primeira e passara a rumar na direção deles.

— Puta que pariu! — gritou Felix. — Vai, vai, *vai*!

Eles aceleraram rumo a terra, com as cabeças submersas, respirando apenas quando necessário e diminuindo a distância. Os tubarões recém-chegados também se aproximaram. Àquela altura, já havia três seguindo os nadadores, dois galhas-brancas e um tigre, que aumentaram a velocidade ao ouvir o som de algo se debatendo na água. Nash rezou no meio do oceano e prometeu a si mesmo que se conseguisse voltar para terra firme, se conseguisse se safar, mudaria totalmente de vida, pediria perdão a todos que prejudicara e tentaria compensar as pessoas que fizera sofrer. Telefonaria para os entes queridos trocados pela heroína e diria que Nash estava são e salvo e gostaria de vê-los de novo. Iria para uma clínica de reabilitação e até mesmo para a igreja. Seria um novo homem, do bem e

renovado.

— A gente tá quase chegando! — gritou Felix.

O tubarão-tigre ia à frente, liderando os outros como um alfa de uma alcateia. Felix e Nash recobraram as forças e ultrapassaram Ginger. A cada metro que avançavam, os tubarões avançavam 3. Nash olhou dentro do mar. O fundo ainda estava a 5 metros, mas, instantes depois, um banco de areia despontou na frente deles e a profundidade passou para menos de 2 metros, embora ainda estivessem a uma distância considerável da praia.

Nash avisou aos outros.

— Tá começando a ficar raso!

A 40 metros de terra firme, Nash parou e ficou de pé numa profundidade de menos de 1,5 metro. Virou-se a tempo de ver as barbatanas submergirem uma após a outra. Felix apareceu do lado direito dele, e os dois se prepararam para a chegada dos tubarões. Ginger ficara mais atrás e se deslocava na água freneticamente.

— Vem logo, Ginger! — gritou Nash. — *Vem logo!*

A barbatana dorsal do tubarão-tigre despontou a menos de 2 metros de distância dela, arremetendo adiante com a determinação de um predador. Ginger alcançou Nash e Felix, e ambos a agarraram pelos pulsos. Tentaram puxá-la para a frente, vendo na água a imagem distorcida da bocarra escancarada do peixe, um buraco negro circundado de um branco intenso.

— Me salvem...

A água salgada entrou na boca de Ginger. Mandíbulas implacáveis prenderam o seu pé esquerdo, conforme Nash e Felix tentavam tirá-la do alcance do tubarão. A mordida levou-a a enrijecer o corpo, e os berros que saíram de sua garganta

cheia d'água ressoaram aterradoramente nos ouvidos dos dois. O tubarão a agitou com violência, rasgou tendões e ligamentos, atingindo a tíbia e quebrando o osso como se fosse um lápis. Nash o viu devorar o pé de Ginger numa golada esfomeada.

— Ah, meu Deus... Ginger...

A amputação fora inquietantemente imaculada e não deixara pedaços dilacerados, como ocorrera com Kenny. O tecido e o osso despontavam em meio à carne, levando Nash a se lembrar de coxas de frango cruas descongelando numa pia. Quando deu por si, ele gritava mais alto que Ginger.

— Se controla, Nash! — urrou Felix. — Me ajuda a puxar ela pro raso!

Felix arrastou Ginger, que estava de costas e aos berros, para a praia, com Nash mais atrás, segurando o outro braço. Ginger olhou para baixo e ficou desnorteada com a perda do pé, sem compreender direito o que acontecera. Em seguida, empalideceu e gemeu alto, tentando juntar forças para gritar de novo assim que caiu na real. Os berros de Nash superavam os dela.

— Felix! Lá vem eles!

O tubarão-tigre dava voltas, preparando-se para outro ataque, mas os dois galhas-brancas, que ele liderara antes, tinham chegado. Ficou fácil detectar tanta comoção, e a trilha de sangue deixada pelo ferimento de Ginger era praticamente um caminho aberto até ela. A profundidade de menos de metro não chegava a ser um impedimento. Os galhas-brancas singraram o mar lado a lado, ganhando velocidade e atacando em conjunto. O primeiro veio por baixo e topou com a batata da perna de Ginger. Ela seu defendeu, chutando-o com o pé que lhe restara, acertando-o na guelra e desencorajando o ataque. Os dentes da fera chegaram a arranhar sua coxa, mas não

conseguiram abocanhar nada, antes de se afastar.

O segundo foi mais preciso e muito mais determinado. Veio à tona e atingiu o lado esquerdo de Ginger com a ponta do focinho, golpeando-a nas costelas, para em seguida morder sua cintura delgada. Nash se aproximou e deu um soco na cabeça do tubarão. O galha-branca não saiu do lugar e sacudiu a cabeça cruelmente, enquanto Ginger berrava.

— Espeta ele! — gritou Felix. — Espeta, espeta, espeta!

Em meio ao pavor, Nash se esquecera da arma na cintura. Ele empunhou a lança e a ergueu bem alto, fazendo uma pausa para mirar no focinho monstruoso. Conforme ia baixando a arma, o galha-branca soltou Ginger, deixando um pedaço dela. A ponta afiada de madeira errou o focinho por pouco e penetrou na ferida aberta da mulher.

— Ah, pela madrugada, cara — queixou-se Felix. — Que merda tu tá fazendo?

— F-foi m-m-mal, p-p-porra — gaguejou Nash, arrancando a lança com um puxão.

O sangue jorrou do flanco machucado de Ginger, espalhando-se no mar e formando uma trilha, que se mesclou com a que fluía do coto dela. Felix continuou arrastando a mulher, mas a mão dela já não apertava mais a sua. Ginger vinha usando a energia que lhe restava para dar gritos cada vez mais enfraquecidos.

— Falta só um pouquinho, Ginger! — berrou Felix. — Fica com a gente, tá ouvindo? Nem pensa em morrer nas minhas mãos agora!

O tubarão-tigre deu a volta e ganhou velocidade, querendo mais comida, mantendo a barbatana e o dorso completamente fora da água. Felix pegou a lança e a ergueu. Nash fez o mesmo, com a respiração entrecortada. Então, arriscou-se a olhar de

esguelha para Felix.

— Como é que a gente vai deter esse filho da mãe?

Felix não tinha uma resposta. O tubarão atacou e mordeu Ginger com o focinho achatado, abocanhando o quadril e a parte superior da coxa. Os dois homens enfiaram as lanças na cabeça dele. O couro incrivelmente duro quebrou a ponta da arma de Nash antes que ela penetrasse 2 centímetros. Felix tampouco se deu bem. O tubarão chacoalhou ao sentir as espetadas, mas não soltou Ginger. Não ia embora sem pegar outro naco.

Felix arrancou a lança do couro e a fincou perto do olho, conseguindo que penetrasse mais do que antes. O tubarão sacudiu Ginger com violência, e o ruído de ossos quebrando e carne se dilacerando ecoou no ar. Felix conseguiu acertar outra espetada e o tubarão fugiu, levando consigo a perna sem pé de Ginger e deixando uma marca grotesca da mordida no local onde antes a coxa se ligava ao quadril. Felix berrou, horrorizado, e continuou a arrastar Ginger para a praia, acompanhado de Nash, que seguia cambaleante ao seu lado. Uma barbatana com a ponta branca elevou-se rápido na água, à direita, fora do campo de visão dos dois, passando despercebida até emparelhar com eles.

O primeiro galha-branca, que não conseguira pegar seu naco de carne, avançou impetuosamente contra eles, numa profundidade de 60 centímetros. Atacou o flanco de Ginger que sangrava, cerrando as mandíbulas na caixa torácica dela e fincando os dentes. Os gritos da mulher foram ficando roucos e esmoreceram. Felix a soltou e, segurando a lança com ambas as mãos, meteu-a com toda força no meio da cabeça do tubarão, enfiando a ponta profundamente. O animal se soltou e começou a rolar dentro do mar, debatendo-se freneticamente e

virando de barriga para cima.

— Filho da puta! — berrou Felix. — Filho da puta *fodido*!

Nash tomou a frente e arrastou Ginger até a praia, olhando para trás para ver Felix agarrar o tubarão pela cauda e rebocá-lo até o raso. Quando o fodido encalhou em 20 centímetros de água, Felix caiu de joelhos, pegou a lança e golpeou o animal furiosamente.

— A gente não é isca fácil fora da água, é?

Ele o perfurou repetidas vezes. O tubarão foi parando de se debater, abrindo e fechando as mandíbulas inutilmente na água e no ar. Quando Felix terminou, deixou mais de vinte perfurações na barriga branca, dais quais o sangue jorrava. Nash observou com incredulidade enquanto puxava Ginger até a praia. Nem precisava tomar o pulso dela para saber que já estava morta.

— *Aqui* pra vocês, ó! — rugiu Felix, jogando o corpo do predador, que ainda se contorcia, nas águas mais profundas, nas quais os outros tubarões aguardavam.

Felix saiu do mar, totalmente trôpego. Nash se sentou na areia, nauseado e apavorado, ainda segurando a mão de Ginger. Acariciou seus dedos flácidos e olhou para o que sobrara dela. A perna arrancada lhe parecia surreal. Tinha certeza de que fora a mesma que a deixara com câimbra. O intestino tinha se espalhado para fora pelo buraco no flanco e estava enrolado na praia, cheio de areia, lembrando um horripilante espaguete à bolonhesa salpicado de queijo ralado.

— Ginger — sussurrou Nash, com os olhos marejados. — Eu sinto muito, de verdade.

Felix se deixou cair ao lado dele, exausto. Bastou dar uma olhadela nas vísceras de Ginger para ele vomitar. Nash ficou observando o galha-branca ferido ser devorado, num ataque

canibal frenético. Não conseguia pensar em pior destino no mundo do que ser comido vivo.

24

Greer não conseguia pensar em pior destino do que ser comido vivo, e tinha presenciado muita selvageria na vida. Encarava tal ocorrência como o sofrimento mais atroz e talvez o pavor mais intenso a ser vivenciado por um ser humano: ser devorado por outro animal acima dele na cadeia alimentar, totalmente alerta, ciente de estar sendo desmembrado e digerido, reduzido a nada além de carne para um monstro.

— Eu não acredito — comentou Turk, subindo no iate. — Ele realmente matou o galha-branca.

Buchanan anuiu, enquanto amarrava o bote na popa.

— Aquele cara tem os colhões do tamanho de toranjas, porra.

Nenhum dos quatro aplaudiu daquela vez, embora a demonstração de força de Felix merecesse aplausos. Greer e Reposo ficaram observando os tubarões devorarem um pedaço mutilado da sua espécie no baixio. Havia garrafas de cerveja vazias espalhadas pelo convés, bem como um cinzeiro transbordando de pontas de charuto no meio. Buchanan passou com cuidado por elas e se estirou no convés, com o M107. Usou a mira para vigiar o local em que Nash e Felix estavam sentados.

— Está conseguindo focar bem?

Buchanan sorriu.

— Aquela escrota drogada vai entrar nos melhores momentos da filmagem.

Greer dirigiu a atenção aos sobreviventes e aguardou. Felix e Nash estavam imóveis. Buchanan desviou o foco para a comoção no baixio, onde os tubarões acabavam de se fartar com o galha-branca. Os restos da barriga branca afundaram nas ondas avermelhadas.

— Por essa eu não esperava — comentou Reposo. — Um homem ganhar de um tubarão.

— Quatro abatidos, só faltam dois — disse Greer, acendendo outro charuto. — E aí, vocês estão prontos para o grande final?

— Com certeza. — Turk deu uma risadinha. — Eu sou obrigado a reconhecer que dessa vez fiquei superimpressionado. Esse grupo não decepcionou, não...

— Ah, que merda.

Todos se viraram para Buchanan, que naquele momento apontava o M107 para outra direção. Pela mira telescópica, ele vira algo que ninguém mais vira. Olhou por sobre os ombros para a cabine, onde ficavam o rádio e o radar. Nenhum deles tinha sido devidamente monitorado ao longo daquela hora.

— Cavalheiros — informou —, eu acho que estamos com um problema...

25

— A gente tá com um probleminha...

Felix fez uma pausa, respirando profundamente. Desviou o olhar dos sujeitos do iate e fitou Nash com tanta angústia, que o outro estremeceu.

— Eu acho que não falta muito pra eles acabarem com a nossa raça.

Nash acreditou naquelas palavras. Ficaram sentados, calados, com medo de se mover e atrair qualquer atenção indesejada. Então, algo no âmago de Nash começou a mostrar a cara feia, levando-o a se contorcer.

— Merda.

— O que foi? — perguntou Felix, embora já soubesse a resposta.

O primeiro sinal de falta da heroína percorrera o tronco encefálico de Nash, levando-o a começar a babar. A saliva escorreu pelo canto da boca. Ele se levantou e começou a perscrutar a praia em busca do baú prometido. Um mastro fino e sem vela despontava do topo da vegetação, no centro da ilha, exigindo uma investigação mais detalhada. Ele deixou Felix e o que restara de Ginger e foi cambaleando pela areia até o capim e os arbustos, para poder ver melhor. Deparou com três coisas.

Duas delas ele já esperava ver, mas não a terceira.

— Felix! — gritou. — Levanta essa bunda daí e dá um pulo aqui!

O outro se levantou e foi correndo checar. Viu primeiro o pequeno veleiro na beira da praia e o baú ali perto. Em seguida, o que empolgara Nash: um iate de cruzeiro, situado a aproximadamente 1,5 quilômetro dali, indo em sua direção.

— A gente vai se picar até aquele barco — disse Felix. — Não vou dar sopa aqui pra ver o que aqueles dementes tão preparando pra gente.

Felix correu em disparada até o veleiro e olhou de esguelha para o baú ao lado. Nash o seguiu, mas parou junto à caixa e abriu a tampa. Tudo o que esperava encontrar estava ali, incluindo um novo envelope branco. Ele o pegou.

— Esquece — esbravejou Felix. — A gente não vai mais seguir as regras dos caras.

Nash jogou a carta de volta no baú.

— Claro que não, porra.

— Pega umas garrafas de água e entra logo no barco — ordenou Felix. — Vamos nessa, anda logo.

Ele parou para coçar o pescoço, que estava pinicando. Lambeu os beiços ressecados ao pensar em outra dose da droga deliciosa.

— Peraí, pega a porra da droga também.

Nash juntou um monte de garrafas de água e jogou dentro da embarcação; em seguida, foi até o contêiner de metal e escancarou a tampa, querendo se certificar. Tinha meio quilo de pó lá dentro.

Puta que o pariu, eles não estavam mentindo, pensou.

Nash olhou de novo para a carta, sentindo uma súbita tentação de descobrir o seu conteúdo, intrigado com o costume

dos algozes de dizer a verdade. Se aquele, supostamente, era o fim do jogo, o que mais restava dizer?

... *Instruções adicionais indicam como poderão obter algo mais em troca do que passaram.*

— Ei! — gritou Felix. — Larga de ser vacilão!

Nash pegou a carta de novo.

— Eu acho melhor a gente ler isso.

— Me dá isso aqui.

Felix arrancou o papel da mão dele e lhe deu uma cotovelada para tirá-lo do caminho, por causa da desobediência. Era ele quem estava no comando naquele momento. Não existiria democracia entre duas pessoas nem decisões demoradas.

— Eu mandei você *largar* isso aí, Nash — repreendeu ele, jogando a carta de novo no baú.

Então agarrou o rapaz pelo braço e o puxou, aos tropeços, até o veleiro. Eles colocaram a embarcação na água, direcionando a proa para o iate de cruzeiro, à distância. Nenhum dos dois sabia velejar, mas havia um par de remos a bordo. Remar não exigia maiores conhecimentos. Nash e Felix entraram e cada um pegou um remo e o prendeu num pivô. Meteram as pás na água e impulsionaram, apelando para forças que nem sabiam que tinham. Não demorou nada e Felix deu uma cutucada no outro.

— Eu sabia que eles não iam dar mole pra gente — disse, apontando.

O iate motorizado despontou na extremidade da ilha a toda velocidade. Felix remou mais rápido e incentivou Nash a fazer o mesmo. Ele olhou por sobre os ombros para o iate de cruzeiro, que se aproximava. Estava mais perto, mas nem tanto assim.

— Quanto é que falta? — perguntou Nash, ofegante.

Felix mandou que ele redobrasse os esforços. Seus algozes se aproximavam rápido demais. Nash se levantou no veleiro e se virou na direção do iate de cruzeiro, apoiando-se no mastro. Esticou-se e começou a acenar freneticamente, tentando chamar a atenção.

— Socorro! — gritou ele. — Aqui! *Ajudem a gente!*

Um estrondo ecoou em cima da água. Nash ouviu um zunido um milésimo de segundo antes do projétil de uma arma calibre .50 estourar a sua mão estendida, reduzindo-a a uma massa avermelhada de dedos destroçados e ossos destruídos. Observou os restos voarem pelos ares a estibordo, salpicando o mar.

O pensamento lhe veio à mente quase casualmente: *Nash, meu velho, você nunca mais vai tocar guitarra.*

Ele não gritou, nem respirou. Limitou-se a olhar para os restos da mão boiando nas ondas.

— Nash! — berrou Felix.

O rapaz se recostou junto à borda, aconchegando o coto no tórax, segurando o mastro com o outro braço. O sangue que jorrava do pulso encharcou seu torso e escorreu pelo seu corpo até o casco do barco. Felix caiu de joelhos, cingiu-o com o braço forte e segurou o queixo caído dele.

— Fica comigo, cara — ordenou ele. — A gente já chegou tão longe.

Nash parecia quase catatônico. Como Felix sabia que ele ia entrar em estado de choque, fez a única coisa que lhe ocorreu: pegou o pacote de heroína e despejou um montículo do pó na palma da mão.

— Toma aqui, parceiro — disse. — Dá uma boa cafungada, vai!

Felix, então, levou a palma da mão ao nariz dele. Nash

inalou, resfolegando e arfando, até se recostar com um sorriso eufórico. Os olhos dele ficaram vidrados, e as narinas e os lábios, cheios de pó, enquanto o choque iminente foi temporariamente evitado.

Outro estrondo repercutiu, e um segundo projétil rompeu o casco na altura d'água, deixando um buraco do tamanho de uma bola de beisebol, por onde a água começou a jorrar. Felix se agachou e puxou Nash mais para baixo, dentro do veleiro. Um terceiro tiro ecoou e explodiu o mastro, jogando vários fragmentos afiados em cima de Felix.

— Vão se foder! — gritou ele. — Vão se foder todos vocês!

Outro estalido ressoou, e o tiro passou inofensivamente por cima da proa, indo parar no mar, mais adiante. Em seguida, fez-se silêncio. Felix não ousava nem respirar. Tremendo, passou os dedos pelos estilhaços alojados em suas costelas, de onde minava um sangue escuro, que escorria até o cós da calça. Mais de um minuto passou até Felix ousar espiar pela borda do barco. O iate motorizado não vinha mais em sua direção. Tinha mudado de rumo, contornando de novo a ilha. Felix olhou por sobre os ombros e deixou escapar uma gargalhada desvairada. O iate de cruzeiro, alertado pelos barulhos de tiros, ganhava velocidade. Felix calculou que chegaria ao ponto em que estavam em menos de dez minutos.

Sangrando profusamente, ele pegou os remos com energia renovada e remou em direção à salvação, mas a situação deles piorara demais. Ele estava ferido, Nash, imprestável e, para completar, o barco afundava rapidamente, triplicando as dificuldades. A água do mar, tingida de sangue, já atingira seus calcanhares no casco, e subia depressa.

A gente vai afundar antes que o barco chegue aqui, pensou Felix.

Ele começou a tirar água com as mãos, mas parou ao se dar conta de que o sangue derramado atrairia os tubarões. Tinham menos tempo ainda do que imaginara.

— Merda.

Felix observou seus algozes se afastarem, ao mesmo tempo que se esforçava ao máximo para remar mais rápido, na esperança de diminuir a distância até o iate de cruzeiro, antes que o inevitável acontecesse.

— Como você está, Nash? Ainda tá comigo?

Nash olhou para Felix e ergueu o punho decepado para que ambos pudessem dar uma olhada. O vômito veio em borbotões, um misto de água salgada e pedaços de comida escorrendo pelo queixo de Nash até o tórax ensanguentado.

— Meu Deus, eu quero acordar em qualquer outro lugar, menos aqui — exclamou Nash, desmaiando em seguida e tombando no banco do remador.

A primeira barbatana de galha-branca apareceu uns 30 metros a estibordo, e se aproximou com curiosidade do veleiro. Felix percebeu a aproximação do tubarão e começou a se preparar.

— É o fim da linha — disse.

Num ponto longínquo, uma gaivota grasnou.

26

Uma gaivota grasnou enquanto o tenente Follson percorria toda a ilha no lusco-fusco. O alferes Parrish o aguardava perto de um baú, na areia. Seu veleiro da Guarda Costeira ficara ancorado ao norte dali. Follson pegara um bote e fora até a praia para examinar as provas de toda a insanidade daquele dia. Passou por dois outros homens seus, na areia, conforme eles ensacavam o que restara do corpo de uma mulher.

Naquele momento, a atenção de Follson se concentrava no baú. Teve pena dos pobres diabos, cujo veleiro afundara, deixando-os à deriva nas ondas. O mais castigado pelos tubarões já estava morto quando foi retirado da água. O outro conseguira sobreviver, de algum modo, a toda aquela provação. Follson desejava sinceramente que ele conseguisse se recuperar por completo. O oficial já vira muita coisa naqueles anos de trabalho na Guarda Costeira dos Estados Unidos, mas nada que se comparasse àquilo.

Parrish fez posição de sentido e prestou continência quando o tenente se aproximou.

— Descansar, marinheiro. Tocou em alguma coisa, Parrish?

— Não, senhor.

Follson se inclinou sobre o baú aberto e examinou o

conteúdo. Um envelope, em meio aos sanduíches embalados e garrafas de água, atraiu sua atenção de imediato. Colocou luvas de látex e rasgou um lado com o polegar e o dedo.

— O que é isso, senhor? — perguntou Parrish.

Follson ergueu o envelope.

— Por acaso tenho cara de clarividente, alferes?

— Não, senhor.

Follson balançou a cabeça e deu um sorriso afetado. Parrish tinha 18 anos, apenas quatro meses de serviço, e era totalmente inexperiente. Mal tinha barba.

— Você está tapando a luz, Parrish.

O alferes deu um passo para o lado.

— Sinto muito, senhor.

Follson abriu a folha com cuidado e a esticou, permitindo que a luz do sol poente iluminasse os caracteres negros. Leu a mensagem em voz alta, com grande interesse, incitando Parrish a dar um passo à frente.

Prezado sobrevivente:

Parabéns por ter completado nossos experimentos. Se você chegou a esta fase, merece mais do que apenas heroína. Do outro lado desta ilha, encontrará uma cruz na areia. Uma generosa indenização pelo que passou está enterrada debaixo dela. Uma pasta contendo 50 mil dólares em dinheiro vivo, um celular e um receptor GPS para ajudar no seu resgate encontram-se à sua disposição. Agradecemos a sua participação.

O tenente Follson dobrou o papel e olhou para o lado oposto da ilha, ponderando sobre o dinheiro e o que acabara de ler. Parrish olhou ao redor, confuso.

— O que aconteceu aqui, senhor?

— Eu não faço a menor ideia, filho.

— Cinquenta mil dólares, Tenente? Em dinheiro vivo? Sério

mesmo?

Um longo silêncio se instalou, à medida que os dois homens imaginavam aquela quantia e tudo o que poderiam comprar com ela.

— Vá buscar uma pá no bote, alferes — mandou Follson. — E não diga uma palavra sequer sobre esse assunto para os outros homens.

— Agora mesmo, senhor.

— Em marcha acelerada, Parrish.

O alferes correu até o bote e pegou uma pá na proa. Em seguida, foi até Follson, que tomou a frente e seguiu ao longo da praia até o local em que supôs que a valise estaria enterrada. Sob a luz tênue do crepúsculo, eles vasculharam o mato, cada vez mais entusiasmados com a possibilidade de encontrar o tesouro escondido. Era o sonho que todo marujo acalentava, mais cedo ou mais tarde: encontrar o tesouro pilhado de um pirata ou um galeão espanhol naufragado, com o bojo cheio de ouro. Uma valise enterrada com 50 mil dólares dava quase na mesma.

— Está vendo alguma coisa, filho? — indagou o tenente, impacientando-se.

Parrish afastou o matagal e encontrou uma cruz de madeira fincada na areia.

— Eu acho que sim, senhor.

Follson se ajoelhou, examinou a cruz de perto e avaliou tanto as alternativas lícitas quanto as ilícitas. Tinha obrigação de relatar suas descobertas, mas 50 mil dólares em dinheiro vivo resolveriam vários de seus problemas financeiros, até porque a Guarda Costeira lhe pagava uma fração do que merecia ganhar, depois de tantos anos de serviços louváveis. Após refletir um pouco, ele se virou para o subordinado, com

um sorriso ardiloso estampado no rosto. Parrish não entendeu bem o significado daquela expressão.

— O que vamos fazer, senhor?

— Vamos cavar, alferes.

— E o que a gente vai fazer se achar o dinheiro?

— Vai ficar com ele. Estamos entendidos?

— Sim, senhor.

O alferes começou a cavar. Conforme escavava, lembrou-se de todos os sacos de areia que enchera na base, ao longo dos primeiros meses de treinamento. Tudo não passara de um mero exercício para a conquista daquela grande recompensa. Quando o buraco estava com uns 60 centímetros de profundidade, ele olhou para o tenente, entusiasmado.

— Tem alguma coisa aqui embaixo, senhor, com certeza. E parece que foi enterrada faz pouco tempo.

Follson se inclinou para observar o buraco, intrigado. Parrish continuou a cavar. Por fim, a pá tocou num objeto rígido. Um baque metálico ecoou sob a superfície.

— Acertamos na mosca...

Tanto Follson quanto Parrish ainda conseguiram sorrir por um instante, antes de a mina terrestre explodir, estraçalhando os músculos e os tecidos dos seus rostos e pulverizando seus corpos numa torrente invertida de estilhaços e areia.

Epílogo

Quando acordou, várias noites depois, não se lembrava nem do próprio nome. Tinha despertado por estar com sede, a língua seca e a garganta dolorida implorando por um pouco de umidade. Fraco e desorientado, tentou se levantar. Uma dor lhe percorreu o corpo, paralisando os movimentos, com pontadas que vinham do próprio tutano dos ossos. Então, ele preferiu ficar quieto, aninhado numa cama limpa em um quarto escuro, a visão embaçada fixa no teto. Uma luz tênue na cabeceira permitia que enxergasse a si mesmo e um pouco mais. Havia uma janela à sua direita, mas tudo estava escuro do outro lado das vidraças. A porta fechada à sua esquerda revelava apenas uma linha de luz fraca na base. Algo detrás da cabeça dele apitava a intervalos regulares, mas uma dor aguda no pescoço impediu que se virasse para olhar. O lugar cheirava a amoníaco e a alvejante. Era o cheiro de um hospital.

— Olá? — chamou ele.

Ninguém respondeu.

— Tem alguém aqui?

Nada, a não ser o som ritmado. Ele não tinha lembranças em si, somente pensamentos entrecortados latejando na cabeça, furiosos por estarem sendo excluídos e loucos para voltarem a

existir. Naquele momento, ficou contente por não se lembrar de nada. Parecia um instinto de autopreservação. Pelo visto, era melhor que não se recordasse de alguns fatos. Ficou calado, esperando sua vista se adaptar ao escuro.

Quando conseguiu enxergar melhor, começou a examinar o ambiente. Apenas uma mesa de cabeceira com uma prancheta em cima era de algum interesse. Com muito esforço, conseguiu se esticar para pegá-la. Trouxe-a para perto do rosto e forçou a vista para ler o que estava escrito. O nome do paciente estava registrado no canto direito superior do papel: Felix Fenton.

— Caramba.

Sua voz soou trêmula e rouca. As lembranças lhe inundaram a mente, levando-o a se contorcer. Ele vivenciou tudo de novo, cada instante macabro. A água salgada queimando sua garganta, areia e rochas arranhando seus joelhos. Monstros marinhos de pele áspera como lixa o atacando, rangendo os dentes, batendo as caudas, revirando os olhos e expondo as membranas retráteis. E, então, o sangue surgiu, brotando numa nuvem submersa rodopiante antes de se espalhar em tons róseos, engolido pelo azul. Os semblantes horrorizados de desconhecidos, que se tornaram companheiros depressa, apareciam e desapareciam repetidas vezes no vermelho intenso, com as bocas escancaradas, gritando ao se afogar.

— Eu escapei do inferno...

Um estalido soou e uma chama apareceu num dos cantos escuros do quarto. Felix foi pego de surpresa e deixou a prancheta se estatelar no chão. A face do sujeito sentado se iluminou por um instante antes que a chama apagasse. Seu tom de voz era frio e ríspido.

— Você é difícil de matar, Sr. Fenton.

— Quem tá aí? Onde é que eu tô?

O cheiro penetrante de charuto invadiu as narinas de Felix. O ritmo cardíaco se acelerou no monitor instalado à cabeceira dele. Movido pelo medo, ele conseguiu juntar forças para se sentar. A brasa do charuto ardia no canto do quarto. Felix conseguiu vislumbrar o rosto impassível de um homem em meio ao brilho incandescente e alaranjado. Mesmo na escuridão dava para notar que havia alguma coisa errada com a sua face, lisa onde não devia, manchada e irregular noutras partes. O sujeito tinha um olhar frio, penetrante e brilhoso, como se feito de bola de gude. Seus olhos não pareciam ter íris, somente pupilas.

— Você está na UTI — respondeu Greer.

— E quem é você, porra?

— Sou o sujeito que o trouxe aqui.

De algum modo, Felix já sabia. Olhou ao redor procurando algo que pudesse usar como arma. Havia um suporte para soro perto dele, a única coisa ao alcance. Ele se inclinou naquela direção, mas gemeu de dor por causa do esforço. Então, tentou gritar por socorro.

— Doutor! Enfermeira!

— Ninguém virá ajudá-lo, Sr. Fenton. Nós nos certificamos disso.

Felix tentou se mexer de novo, mas começou a suar e a se sentir cada vez pior. Arriscou-se a olhar de esguelha de novo para o suporte de soro.

— Nem tente se levantar — avisou Greer, ciente da intenção do outro.

Felix ficou paralisado. De súbito percebeu que havia outra pessoa além daquele sujeito no quarto. Sentiu outros olhares o perscrutando no escuro.

— E por que não?

— Porque a única coisa que está mantendo seu corpo unido são as ataduras e os pontos.

Felix levantou, com cuidado, o lençol que o cobria e examinou o corpo. Boa parte do tronco e das duas pernas estava enfaixada e os dois pés, engessados. Tentou movê-los e as inúmeras suturas repuxaram dolorosamente os vários ferimentos que tentavam cicatrizar.

— Cento e trinta e seis pontos no total — prosseguiu Greer. — Os tubarões também levaram alguns pedaços seus, de lembrancinha.

Felix engoliu em seco.

— O que que eu perdi?

— Nada que não se cure com o tempo, exceto dois dedos do pé direito e um bom pedaço da panturrilha esquerda. As cicatrizes são outra história, mas você tem carne o bastante para fazer enxerto nas piores.

Felix conseguiu mostrar o dedo médio para ele.

— Vai se foder.

Outra pessoa soltou um resmungo no quarto. Só então Felix notou as silhuetas dos outros homens, que estavam de pé, no escuro. Um deles deu um passo à frente e falou. Felix reconheceu o sotaque sulista do sujeito que o derrubara na porta de seu apartamento.

— É melhor você agradecer as suas bênçãos enquanto pode — disse Buchanan. — É do seu interesse tratar o capitão com respeito.

Felix se espantou:

— Capitão?

Greer assentiu, dando outra tragada no charuto, que mais parecia uma probóscide saindo da sua boca, pronta para ferir e cauterizar no primeiro contato. A fumaça se descolou até os

olhos dele, mas o sujeito nem pestanejou. Felix sabia que não estava sendo chamado de capitão por ser um pescador.

— Vocês são milicos?

— Já fomos — respondeu Greer, com frieza. — Vamos supor apenas que somos o tipo de gente que você só vai encontrar uma vez na vida, Sr. Fenton. Para todos os efeitos, somos fantasmas... tecnicamente, nem sequer existimos.

Felix ficou calado. Os sujeitos ao redor de sua cama eram os melhores entre os melhores, que tinham se tornado perniciosos, e o pior era que ele estava à mercê deles. Então, o ex-boxeador viu tudo com clareza. Se seus algozes estavam revelando dados de suas vidas pessoais, muito provavelmente ele já estava morto. Felix concluiu que obteria algumas respostas antes que o capitão ou um dos comparsas dele metesse uma bala em sua cabeça.

— Por quê?

Greer se enfureceu.

— Por que o quê?

— Deixar a gente ilhado. Usar a heroína como isca. Por que fazer isso com alguém? Por que a gente?

— Porque ninguém ia sentir falta de vocês.

— E como é que tu sabe que ninguém ia sentir falta da gente?

— Nossos contatos conheciam vocês muito bem. Eles os selecionaram e os entregaram quando pedimos. Venderam vocês.

Felix não estava entendendo, mas não estava a fim de arrancar mais detalhes. Só queria que Greer respondesse a uma pergunta.

— Por que fez isso?

— Você não entenderia.

— Tenta me explicar.

Greer o encarou.

— Eu acho que mereço umas respostas, pô — salientou Felix, irritado.

O rosto de Greer pareceu obscurecer com a raiva, mesmo na penumbra.

— Até agora você não mereceu nada da minha parte, além de uma pequena demonstração de piedade.

Felix não se deu por vencido.

— E isso é o *mínimo* que você pode fazer depois de toda a desgraça que me fez passar. Agora me conta por que, caralho.

Fez-se uma longa pausa. Greer deu outra baforada no charuto, lançando uma fumaça espessa em direção à luz. Havia algo em Felix que ele admirava, um homem sozinho acuado por outros quatro, que podiam matá-lo num piscar de olhos, e ele ainda exigia uma resposta à pergunta.

— Eu já falei que você não entenderia.

— Não me venha com essa.

O olho de Greer repuxou.

— Faz ideia do que a maioria das pessoas sente quando vê excrementos humanos como você? De quantos indivíduos atrás do volante, parados no sinal vermelho, ficam enojados quando vocês se aproximam do para-brisa, com trapos imundos e um borrifador? De quanta gente que os vê dopados e desmaiados num vão ou num beco deseja que estivessem mortos? De quantas mulheres e crianças rezam para não ver vocês de novo no bairro quando os veem perambulando por lá? Tem alguma noção de quantas pessoas que cruzam com vocês diariamente teriam preferido que simplesmente sumissem da face da terra?

Felix não disse nada. Se fosse sincero consigo mesmo, a quantidade seria impressionante. Tinha visto aquelas

expressões nos olhos de muitos pedestres que passavam por ele na rua quotidianamente. Os olhos dos que iam para o trabalho ou para a escola, os olhos que diziam para ele que não passava de escória e que só o viam como um doente e um depravado. Os mesmos olhos que às vezes diziam que preferiam ver seu cadáver na sarjeta a dar de cara com o zumbi urbano em que tinha se transformado.

— Falta de convicção — prosseguiu Greer. — É só por isso que a sociedade não decide se livrar de vocês, que já estão mortos por causa das drogas e das doenças.

O olho de Greer repuxou de novo, e suas pupilas se dilataram e oscilaram. Felix não gostou do que viu, pois podia ser um possível sinal de desequilíbrio do sujeito sentado à sua frente.

— Não, Sr. Fenton, não fizemos nada além de ajudar a limpar Miami um pouquinho mais. Só que de um jeito mais... esportivo.

— Esportivo?

— Encare isso como um safári dos dias modernos.

— Você pode ir pra África pra fazer essa porra, sabia?

Greer suspirou.

— Eu sabia que você não ia entender.

— Ah, eu saquei, sim — informou Felix. — Vocês são um bando de psicopatas fodidos, caras.

— Soldados profissionais — corrigiu Greer. — É bem diferente.

— Que se dane. Todos uns doentes.

— Nós somos doentes? — indagou Greer, dando uma risada. — Ah, isso é bem interessante, partindo de um drogado. Sabe quem é doente de verdade? Você, sua laia, seu bairro, sua cidade, todo esse maldito país, viciado em qualquer coisa e em

tudo que amenize a dor por um instante. Não existe oferta sem demanda, e a demanda continua aumentando. Eu e meus homens recebemos ordens de arriscar as nossas vidas várias vezes, para ajudar os Estados Unidos a vencerem a guerra contra os narcóticos, deter o fluxo do produto que financia os que nos combatem. Já me embrenhei até a cintura em mais campos de papoula do que você pode imaginar, já erradiquei um montão de laboratórios clandestinos. Construí minha carreira exterminando ou enfraquecendo as mesmas organizações que você e seus comparsas ajudam a sustentar.

Greer foi se alterando cada vez mais, o dedo do gatilho golpeando o ar involuntariamente, conforme ia se lembrando dos tiros disparados contra as vítimas. Ele se mexeu na cadeira, fazendo com que as pernas dela batessem com força na cerâmica do piso.

— E pra quê? — continuou ele. — A gente voltou pra casa depois da guerra e descobriu que o vício tinha se disseminado, que tinha mais droga na rua do que nunca. Todos os inimigos desse país vendem carregamentos dos seus venenos, e nós esgotamos os estoques deles assim que chegam. Maconha afegã, heroína sintética da China, heroína marrom mexicana... o nosso povo quer de tudo. Você tem ideia do quanto isso enfurece os patriotas que juraram proteger esse país?

A cólera crescente de Greer preocupou Felix. O ex-boxeador imaginou que o clímax daquele discurso precederia seu assassinato, com uma bala ou lâmina ressaltando qualquer ponto que o capitão quisesse destacar. Ele se perguntou qual dos homens ia acabar com a sua raça.

— Pega leve, cara — pediu Felix, levantando a mão. — Não descarrega seus problemas em mim, não.

— O meu problema — disse Greer, com um largo sorriso — é

gente como você.

O sorriso de Greer mortificou Felix, embora ele não tivesse deixado transparecer. Parecia esculpido na cara do sujeito, os dentes à mostra e os lábios em forma de meia-lua talhados numa madeira nodosa, com lâminas cegas. Felix esperava que sangue jorrasse daqueles dentes a qualquer momento, escorresse pelo queixo manchado e respingasse no piso limpo.

— E você tem noção do tamanho desse problema? — perguntou Greer. — Não tem, não, porque é incapaz de prestar atenção em nada que não esteja dentro da sua redoma de comer, dormir, defecar e cheirar.

Greer se inclinou para a frente, afastando-se um pouco das sombras. Ergueu o dedo e deu uma batidinha no nariz, deixando uma das pálpebras se fechar languidamente sobre a íris azul-clara, numa piscadela pavorosa.

— Sabe, eu andei pensando. Talvez os nossos inimigos não sejam o problema. Talvez as drogas não sejam o problema. Talvez o problema seja pessoas como você. Você é o inimigo.

— Eu?

Greer se empertigou, com os olhos faiscando conforme falava, como se ofuscasse a brasa do charuto que ardia abaixo.

— Basta tirar você e suas necessidades do jogo, e todo o resto desmorona.

Felix não conseguiu mais fitar o seu algoz; porém, quando falou, ainda lhe restava ousadia o bastante para irritar.

— Então... Tu junta um bando de viciado e fica gozando com a dor e o sofrimento da gente. É isso aí?

— Foi você que escolheu ter dor e sofrimento, que são os efeitos colaterais dos prazeres químicos que escolheu para se satisfazer, em detrimento de você e dos outros. Já nem consegue agir como um ser humano normal.

— E isso faz de mim um imprestável?

— Pior... faz de você um caso perdido.

Felix repetiu com os lábios aquelas palavras, sem saber o que dizer. Nunca se considerara tanto um caso perdido quanto naquele momento, deitado ali numa cama de hospital, ferido e imobilizado, cercado de assassinos de elite.

Greer lançou anéis de fumaça à luz.

— É óbvio para mim que nem você nem os da sua laia merecem ser salvos.

Felix o encarou com o olhar mais severo que conseguiu.

— E isso te dá o direito de me fazer passar por toda aquela parada infernal?

— Por que não? — Greer sorriu, deixando toda a maldade transparecer putrefata na boca. — Me conte, Sr. Fenton, para que outra coisa serviria um parasita drogado como você?

Felix examinou o próprio corpo despedaçado. Não sabia dizer para o que mais servia. Sua utilidade tinha se esgotado havia um ano, juntamente com qualquer aspiração que não fosse descolar o próximo pico.

— Não sei — reconheceu ele.

Greer se levantou e se aproximou da cama devagar, com uma das mãos atrás das costas. Quanto mais perto da luz chegava, deixando à mostra a pele cauterizada do rosto desfigurado, mais Felix suava frio. Era o cara mais mal-encarado que já tinha visto na vida, olha que ele já enfrentara uns caras bem barra-pesada, na sua época.

— Dou crédito quando ele é devido — disse Greer. — Você se saiu melhor no jogo do que todos os outros. É duro na queda, e eu gosto disso. Para você, o fracasso não era uma opção, não é mesmo? Nunca vi ninguém com tão pouca motivação para viver lutar tanto para escapar com vida.

— Tu não sabe por que eu quero viver — protestou Felix.

Greer o encarou, com desprezo.

— Mas eu sei que está vivo agora. O que é mais do que se pode dizer dos seus companheiros, não é mesmo?

Felix ergueu os olhos.

— Nash não sobreviveu?

— Ninguém mais sobreviveu. Ninguém *deveria* ter sobrevivido. Você foi o único sortudo.

— Você chama isso de sorte? — perguntou Felix, furioso, golpeando a cama com o punho enfraquecido.

— Nós lhes demos a chance de lutar, o que é mais do que muitos receberam. Você acha que Al Catraz vai ter a mesma sorte quando nos encontrarmos de novo com ele?

Felix arregalou os olhos.

— Tu conhece o Catraz?

— A gente fornece o produto pra ele. Abastecemos muitas pessoas.

— E vai... matar o cara? Não saquei direito.

— Ele já podia ser considerado um homem morto desde que a gente fez o primeiro contato com ele.

— Contato?

— Só permitimos que os nossos contatos no tráfico de drogas vivam o suficiente para cumprir com seu objetivo e ajudar a dar continuidade à missão. Estamos trabalhando dentro de casa agora, e quem dita as regras do jogo somos nós, travamos nossa própria guerra. O Catraz e traficantes como ele nos ajudam involuntariamente a obter informações e a nos infiltrar nas redes de distribuição e nas organizações que viram o nosso alvo. Quando não têm mais utilidade para nós são tirados de circulação.

— Que tu vai fazer comigo agora — gritou Felix. — Vai se

foder.

Greer não hesitou um segundo sequer: inclinou-se e tirou o charuto da boca. Em seguida, apagou a ponta acesa no antebraço de Felix e a pressionou ali enquanto o outro gritava e se contorcia. O cheiro de carne queimada se mesclou ao do tabaco cubano.

— Seu imbecil — sussurrou Greer, zangado. — Eu podia ter acabado com você enquanto dormia, se o quisesse morto. Realmente não tem noção do privilégio que está recebendo aqui, tem?

Greer pressionou o charuto por outro instante e, então, jogou a ponta amassada fora. Os gritos de dor de Felix foram diminuindo, prestes a se transformar em soluços. Ele conteve as lágrimas conforme Greer contornava a cama para ir até o suporte de soro; ao chegar ali, deu um peteleco na bolsa do líquido intravenoso.

— Sabe o que estão dando para você? Estão injetando OxyContin. É uma das drogas mais eficazes para ajudar vocês viciados a largarem o vício. Eu diria que você é um boçal que está tendo uma oportunidade aqui, na melhor clínica de reabilitação que o dinheiro pode comprar.

— É, até eles sacarem que eu não tenho grana pra pagar — salientou Felix. — Quando descobrirem, vão me desconectar e me dar um chute na bunda.

— Isso não vai acontecer — começou a explicar Greer. — Somos nós que estamos pagando a sua conta e vamos continuar fazendo isso até você se recuperar por completo.

— E por que fariam isso?

— Porque achamos que conquistou esse direito, Sr. Fenton. Você é a exceção.

Greer fez uma pausa, e uma expressão emotiva inesperada

passou pelo seu rosto. Felix não imaginou que fosse possível, mas, por um instante, o capitão pareceu triste. Greer soltou um suspiro longo e profundo e prosseguiu.

— As coisas não saíram como nós planejávamos dessa vez.

— Isso porque eu não morri?

— Entre outras coisas — respondeu Greer. — Houve danos colaterais, imprevisíveis e lastimáveis, quando a Guarda Costeira foi investigar o que tinha acontecido depois da provação de vocês e tentaram localizar o nosso dinheiro.

— Dinheiro? Que dinheiro?

— O dinheiro que nós inventamos na carta que vocês nunca leram. Você agiu bem ao ignorar a nossa última mensagem, Felix, porque nós apostamos na sua ganância e na sua avidez para o grande final. Oferecemos uma recompensa tentadora, que acabaria com tudo num só estrondo. Até mesmo bons homens em serviço sucumbiram à tentação.

Um dos sujeitos saiu da penumbra e entregou a Greer um objeto de formato retangular. Ele o ergueu na direção da luz, revelando uma valise preta. Destrancou as travas e a abriu, deixando à mostra pilhas de dinheiro.

— Cinquenta mil dólares — informou Greer. — Dinheiro mais do que suficiente para recomeçar a vida.

Ele fechou a pasta com um estalo.

— Ou dinheiro suficiente para manter seu suprimento de heroína por um bom tempo.

Greer deixou a pasta ao pé da cama e recuou um passo até a penumbra. Felix olhou para a pasta, que continha mais grana do que ele imaginara ter na vida, de uma só vez. Pensou em tudo o que aquele dinheiro compraria. Os sonhos que queria realizar eram inúmeros, mas com toda aquela grana podia finalmente se esbaldar com a parada da melhor qualidade e

ficar doidão de um jeito que nunca julgara ter condições antes.

Então, ele ouviu o estalido de metal contra metal, o som inconfundível de uma arma sendo engatilhada. Greer se aproximou da luz com uma .45 automática e a apontou para a cabeça de Felix. O ex-boxeador tentou recuar e deu uma pancada na cabeceira. O bipe do monitor cardíaco disparou. Greer continuou se aproximando, até encostar o cano gelado de aço no olho direito de Felix. O cheiro de lubrificante de arma se misturou com o do charuto.

— O-o-o que que tu vai fazer? — gaguejou Felix.

Greer falou por entre os dentes.

— Você, mais do que qualquer um, tem que dar muito valor para essa segunda chance que estamos te dando. Eu não sei o que pretende fazer quando sair daqui, Felix Fenton, mas saiba que ficaremos de olho em você. E se eu perceber que não entendeu o que eu disse, pode ter certeza de que vou acabar com a sua raça antes da heroína. Entendeu bem?

Felix assentiu, movendo a cabeça de uma forma quase imperceptível. Ficou ali sentado, imóvel, com todos os músculos do corpo retesados, esperando que a arma disparasse e lançasse seus últimos pensamentos desesperados na parede atrás dele. O pavor tomou conta do corpo rápido demais. Ele chegou a achar que o seu corpo despedaçado ia ter um piripaque. Sentiu dor de cabeça, a garganta seca comprimindo o pomo de adão, o maxilar contraído, enquanto o cano da arma continuava a pressionar seu olho castanho. Seu coração trabalhava em disparada, bombeando o sangue pelas veias enfraquecidas. O suor começou a escorrer pelas têmporas. Greer pressionou ainda mais a arma no olho de Felix, antes de afastá-la e desarmar o gatilho com o polegar.

— Nem pense em me testar.

Greer recuou até a penumbra e os outros homens o rodearam. Felix fechou os olhos e fez uma espécie de oração, agradecendo ao que quer que o tivesse protegido e evitado sua morte outra vez. Ouviu o som de passos e de uma porta se fechando com suavidade. Quando ousou reabrir os olhos, não havia mais ninguém ali.

Ele deixou escapar um suspiro profundo e se concentrou no monitor cardíaco. O bipe desacelerava. Olhou para a maleta de dinheiro ao pé da cama, para o corpo coberto de ataduras e para as cicatrizes que os picos deixaram nos seus braços. Avaliou as possibilidades, perguntou-se por quanto tempo conseguiria se abster, caso tentasse, e se conseguiria desaparecer com a grana, se não conseguisse. Nove entre dez viciados nunca se livram das drogas. Ele nunca gostara daquela estatística.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos à minha família: ao meu pai, Tony, à minha mãe, Angela, e à minha irmã, Emma. Seu amor, apoio e influência têm um valor incomensurável.

Ao Dr. Dominik Zbogar, por me aguentar e jamais me desapontar.

A Peter Sellers, por sempre estabelecer um padrão ligeiramente fora do alcance.

A Annabel Merullo, Rachel Mills, Laura Williams e a todos os incríveis funcionários da Peters, Fraser & Dunlop.

Às minhas excelentes editoras, Denise Roy e Adrienne Kerr, e ao pessoal brilhante da Plume.

Por fim, e igualmente importante, à Kara, por confiar inteiramente nas minhas habilidades, sobretudo quando eu mesmo não confio. Ela compreende os fatos muito antes de mim.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Iscas

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/resenhas/441918/amigos/

Site do autor
http://jkentmessum.com/

Twitter do autor
https://twitter.com/_jamiek_

Good reads do autor
http://www.goodreads.com/author/show/7025904.J_Kent_Mess

Facebook do autor
https://www.facebook.com/jkentmessum

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Parte 1 | Na fissura

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

Parte 2 | Viajando

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

Epílogo

Agradecimentos

Colofon

Saiba mais